



REVISTA

issonância

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO



Carta aos Leitores — 12ª Edição Edição Especial de Aniversário · Comemorativa do Dia do Artista Independente

Salve, Folks!

Chegamos à 12ª Edição, e chegamos em grande estilo. Essa edição atende por muitos nomes: "Edição Especial", "Edição de Aniversário", "Edição Almanaque", "Edição Comemorativa do Dia do Artista Independente". Escolham o que preferirem, porque no fundo todos apontam para a mesma coisa. Um feito histórico.

Nunca houve na história da humanidade (*e sim, cheguei a conferir na internet antes de soltar uma barbaridade dessas*) um veículo de mídia que publicasse, numa única edição, textos de tamanha densidade sobre um volume tão grande de artistas distintos. Já cruzamos por aí com as célebres compilações do tipo "1.000 discos para ouvir antes de morrer" ou "1.000 artistas para conhecer antes que o planeta acabe". No fim, eram aglomerados de capas de disco acompanhadas de legendas rasas, redigidas por alguém que ouviu boa parte daqueles álbuns na diagonal, sem nenhum apego real pela obra que dizia apresentar (*vocês sabem exatamente do que estou falando*).

Aqui a coisa foi diferente. Prometemos 100 artistas e selecionamos 105. Sobre cada um deles foram tecidos textos densos, com análise biográfica e discográfica, escritos com essa paixão pelo jornalismo independente que já virou marca da casa. Os colunistas se debruçaram com afinco sobre cada história e conseguiram tirar o melhor de cada artista comentado.

E o que representam 105 artistas? Representam reconhecimento. A Dissonância nasceu para dar voz a quem passa longe dos holofotes da grande mídia, e foi com essa missão debaixo do braço que fizemos entrevistas, análises, comentários, críticas, elogios e biografias, entregando ao leitor um material único na história do país (*e, arrisco dizer, do mundo*).

Os artistas que participaram desta edição especial serão lembrados para sempre. Poderão contar aos filhos, aos netos, aos bisnetos (*e que cheguem aos tataranetos*) que estiveram na **1ª Edição Comemorativa da Revista Dissonância**. Digo primeira porque este projeto é apenas o começo de uma longa jornada que pretendemos trilhar. A Dissonância já mostrou sua cara ao mundo, e mostrou também o nível de excelência a que se propõe. Este é um projeto feito para recomendar sempre, com centenas, milhares de edições comemorativas ainda pela frente.

A data, 23 de agosto, importa demais para todos nós, leitores e produtores da revista, porque é quando comemoramos o **Dia do Artista Independente**. Esse ser que nos motiva a fazer sempre o nosso melhor, afinal não é à toa que nosso lema é "Todo Artista é Nosso Beatle Favorito". É um lema que pretendemos levar para a posteridade. A edição de hoje é melhor que a de ontem, e a de amanhã será melhor que a de hoje, nesse ciclo meio obsessivo em busca da perfeição editorial. Assim entregamos aos artistas valor de mercado e, principalmente, reconhecimento.

Nesta data, parabeno todos os bravos artesãos da música, da escrita, do cinema e de todas as vertentes da arte independente. Hoje é o dia de vocês.

Parabéns a todos, e tenham uma ótima leitura.



QUEM JÁ PASSOU POR AQUI

Entre em contato conosco e
descubra como fazer parte do
ecossistema Dissonância

contato@dissonancia.com

DISSONANCIA.COM

 (21) 96736-6260

 @dissonanciabr

 @dissonanciabr

CONTATO / IMPRENSA

Para dúvidas e sugestões de pautas,
entrar em contato com o Editor
Responsável da Dissonância.

TIÃO FOLK

Email: tiaofolk@dissonancia.com

Instagram: @tiaofolk

www.tiaofolk.com

Músico, cineasta e jornalista cultural independente. Fundador e editor responsável pelo portal Dissonância, dedica sua atuação ao mapeamento da cena artística independente brasileira. Assina a coluna de perfis biográficos da revista com ênfase em música regional e folk urbano; produz curtas-metragens autorais e clipes. É também apresentador do programa Tião Folk, veiculado em rádios web do Brasil.

ENVIO DE MATERIAL E SUGESTÃO DE
PAUTA:

<https://www.dissonancia.com/enviar-material>

contato@dissonancia.com

(21) 96736-6260

Divulgue na Dissonância

 **REVISTA**
DISSONÂNCIA

**SUA MARCA
CHEGANDO
A MILHARES
DE LEITORES
NO BRASIL E
NO MUNDO**

- 07 [Clube do Balanço: a história viva do samba-rock brasileiro](#)
- 10 [Jessie Jazz e sua mensagem do jeito luz](#)
- 11 [Um disco para relaxar: ADHD, de Alécio, do primeiro ao último segundo](#)
- 12 [OQMCAT: Adam Fauze, Intra, Boomer e Cães de Aluguel](#)
- 13 [OQMCAT: Elyra, Kalango HC, Martin e os Martírios, Brenoski Libertae](#)
- 14 [Gabriel Sater: o caçador de melodias](#)
- 19 [Gabriel Sater em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 24 [Nuna solta "Vozes" e ri do medo](#)
- 25 [Luapsy: uma janela para o impossível](#)
- 26 [O artista e o "escritório": a dupla personalidade de André Sansi](#)
- 29 [André Sansi em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 33 [Camila Balbueno canta amor e mata a saudade](#)
- 34 [Velhos Demais e a Tormenta que virou música](#)
- 35 [Chuengue: Newton curtiu esse disco](#)
- 36 [OQMCAT: Fantasmas de Plutão, Claudiah, Matheus Lanes, Meu Bruxo](#)
- 37 [OQMCAT: Kozmozaika, BubbleGum, Mazuli & Daíra, Lívio Zan](#)
- 38 [Alma Livre: duas décadas fazendo a diferença na música brasileira](#)
- 42 [Alma Livre em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 46 [Tatiana Cobbett e o samba: a cuíca mandou, o pandeiro respondeu](#)
- 47 [Quando o Amanhã Raiar: um poema de Val Porto](#)
- 48 [Opinião: Vinicius Motta, Lenin Cotta, Olívia Doria, Talis Lanes](#)
- 49 [Opinião: Santa Cora, Athame, Plazafire, Acaiá](#)
- 50 [Dez anos como Cássia Eller nos palcos, Tacy largou o papel para ser ouvida como autora](#)
- 55 [Tacy em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 61 [Ensaio: Os Hermetistas, Pirredy, Bruma, Lucas Blackout](#)
- 62 [Rock sem coleira: a Five Dogs assume o próprio lema em Ventos Favoráveis](#)
- 63 [Maripoza: um novo peso no rock nacional](#)
- 64 [A casa caiu, o som ficou de pé: "Ruínas", o novo single da Lamarquez](#)
- 65 [A brenha vasta que habita a gente: Júnior Cordeiro cava a memória coletiva do Nordeste](#)
- 66 [Sianinhas: talento não é para poucas](#)
- 68 [Mnemozine: Malu Maria, Paulo Leonel Franco, Cinthia Jardim, Nicole](#)
- 69 [Master Dy: O Monstro Favorito Veio de Portugal](#)
- 70 [A Perfeição em cada esquina: um conto de Hélio Silva](#)
- 71 [Raivosos: um duo que soa em quarteto](#)
- 72 [Quatroesfera: escolhas em quatro faixas](#)
- 73 [Ki'Mbanda: um quilombo musical no palco: a força do coletivo](#)
- 74 [Joanna Krum: a casa é da mãe, e a mãe é quem manda](#)
- 76 [OQMCAT: BlüdRaven, Elpídio Bastos, Zazou Wave, Tonni Moraes](#)
- 77 [OQMCAT: Maré Morta, Du Rompa Hammond Trio, Bad Monkey, Deni Miller](#)
- 78 [Raio-X do Álbum Paromundo Studio Session](#)
- 81 [Edu Inclus: Anjo Atrapalhado, imperfeito e ainda assim mensageiro](#)
- 82 [Releases & Análises: Elemento Zero, Apolo e MC Hisoka, Tubawinners, Gugu de Souza](#)
- 83 [Releases & Análises: Allan Piter, Fabiana Bittencourt, Bella Queiroz, Panta Rei](#)
- 84 [Banda Medit lança single sobre dor e recomeços - Continua Lá Fora](#)
- 85 [Linket grava a própria estrada ao vivo](#)
- 86 [Professor Doidão e os Aloprados: um manual de sobrevivência para doido certo](#)
- 89 [Professor Doidão e os Aloprados em Dissonância: entrevista exclusiva](#)
- 91 [Filzer e a metamorfose contínua](#)
- 92 [Cárla: Livre Pra Amar, e ponto final](#)
- 93 [Alex Dupas encontra o Blues na louça, no bom dia e no que ficou por dizer](#)
- 94 [Opinião: Márcia Raquel, Marcos Dani, BAOBAB, Ghon](#)
- 95 [Opinião: Ousel, Udee OG, Hungrs, Superself](#)
- 96 [Quem Somos? Um poema de Anderson Schiavi](#)
- 97 [Para de Me Ligar: o novo single de Natália Carreira atende na primeira](#)
- 98 [Música de quem sabe fazer - Ghadyego Carraro apresenta "Anhum"](#)
- 99 [Pressure Gain: Ancestral do começo ao fim](#)
- 100 [Rogério Espósito: a fábrica dos eleitos](#)
- 101 [A longa caminhada de Helder Vinhola](#)
- 102 [Cidadão José acerta o segundo tempo](#)
- 103 [Mavig solta as amarras e entrega uma dor bonita](#)
- 104 [Bárbara Olívia: música para indivíduos quebrados](#)
- 105 [Déa Cavalcanti: a barra do dia e o ofício do Xote](#)
- 106 [Monroe aposta na união para encarar o mundo cão](#)
- 107 [Riáh sabe onde pisa: ancestralidade indígena e linguagem urbana no mesmo passo](#)
- 108 [Ensaio: Grinding Reaction, Harvey, John Mueller, Patrícia Shaki](#)
- 109 [Ensaio: Jô Carvalho, Ravih, Agony Hell, Carlos Pontes](#)

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DIA DO ARTISTA INDEPENDENTE
DIA 23 DE AGOSTO



 **ISSONÂNCIA**



Clube do Balanço: a história viva do samba-rock brasileiro

Por Max Clark

Convidamos o Clube do Balanço para falar do último lançamento, e quem atendeu foi o contrabaixista da casa, que preferiu contar a história desde o começo (*fez bem, porque a história é das boas*). Cedo a palavra a ele e volto no fim para dar o meu pitaco.



"Meu nome é Leonardo Russo 'Gringo Pirrongelli', sou uruguaio, contrabaixista, compositor, produtor e membro fundador da banda Clube do Balanço"

Gringo se apresenta, antes de puxar o fio da meada lá atrás, nos salões paulistanos dos anos 1950. Para entender o Clube, é preciso entender o samba-rock. Gringo nos conta que os clubes sociais da cidade promoviam noites dançantes ao som de grandes orquestras, mas a segregação racial da época barrava a entrada de pessoas pretas e de baixa renda. A resposta nasceu dentro de casa: as famílias **"faziam suas próprias reuniões e festas em casa com a família dançando ao som de discos de vinil nas vitrolas"**, recriando boogie e rockabilly com a ginga brasileira nos chamados bailes da arrastadinha, **"fazendo referência ao fato de arrastarem os móveis para transformar a sala numa pista de baile"**. (Guardem essa imagem, porque ela é bonita: a sala de estar convertida em salão).



Oswaldo Pereira (@osvaldopereiradj)

O pioneirismo, Gringo credits a um nome específico. Em 1958, o discotecário Oswaldo Pereira **"apresentou o primeiro baile com música mecânica de São Paulo e possivelmente do mundo"**, num salão do Edifício Martinelli, com uma vitrola amplificada por equipamento que ele mesmo construiu. Daquela fagulha vieram as grandes equipes dos anos 1970 (*Chic Show, Zimbabwe, Tranza Negra*) e os bailes que resistiram até o século 21, como o Green Express, na Avenida Rio Branco. E foi ali que o Clube começou a existir.



Marco Mattoli, Edu Peixe e Gringo Pirrongelli

"Foi justamente nesse baile que numa sexta-feira de 1997 Marco Mattoli nos apresentou a mim e a Edu Peixe do que se tratava o samba-rock em São Paulo", lembra Gringo, descrevendo **"um público maravilhoso"** que dançava ao som de uma discotecagem que ia **"do balanço de Jorge Benjor, Bebeto, Copa Sete e Branca de Neve à elegância de Quincy Jones"**. Fascinados, os três resolveram entrar em campo.

A estreia, ele faz questão de frisar, veio sem pompa nenhuma: **"A primeira apresentação foi despreziosa, com a ideia de sentir o gostinho de tocar num baile de samba-rock interpretando clássicos do estilo que até então só os dj's tocavam."** Aconteceu no salão da Cohab Artur Alvim, na



zona leste, com Mattoli e ele mesmo carregando e montando os equipamentos (*a glamorosa vida de músico*). A resposta do público fez a brincadeira virar projeto sério.

O marco oficial, porém, veio com o disco. Gravado a convite de Bernardo Vilhena pelo selo Regata, **"Swing & Samba-Rock"** (2001) reuniu Luís Vagner, Erasmo Carlos, Bebeto, Marku Ribas, Max de Castro, Wilson Simoninha, Ivo Meireles, Seu Jorge e Paula Lima. **"Entramos em estúdio como um grupo tocando clássicos do samba-rock e saímos dele como banda consolidada"**, resume Gringo, já com a formação que conhecemos:



Tereza Gama no vocal, Reginaldo 16 no trompete, Maestro Tiquinho no trombone, Fred Prince na percussão, Edu Peixe Salmaso na bateria, Marcelo Maita no piano e Gringo no contrabaixo, tudo **"sob a batuta do saudoso vocalista e guitarrista Marco Mattoli"**.

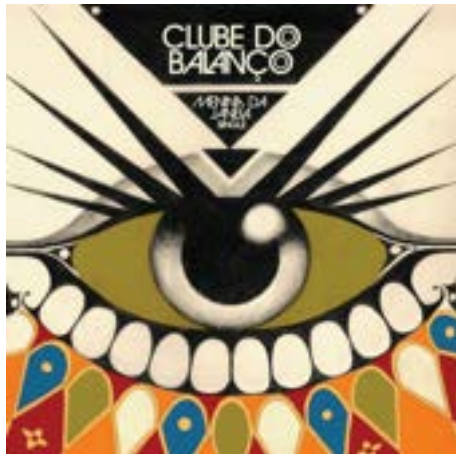
Não demorou para surgirem outras bandas na mesma trilha, fortalecendo a proposta de revitalizar um movimento hoje reconhecido como patrimônio imaterial de São Paulo.

E chegamos, enfim, ao motivo do convite. "Vício Perfeito" já tinha aparecido nos aplicativos em janeiro, e agora, em agosto, ganha corpo físico.



Gringo explica a data e o gesto: **"Neste mês de agosto, mês do samba-rock, faz quatro anos do inesperado falecimento de Marco Mattoli, presidente vitalício do Clube do Balanço, e a banda faz uma singela homenagem lançando um compacto disco de vinil"** com duas das composições mais populares dele, **"no lado A 'Vício Perfeito' e no lado B 'Saudades da Preta', ambas em versão instrumental"**.

A escolha do formato diz muito. Um compacto de vinil, o mesmo objeto que rodava nas vitrolas das arrastadinhas, para homenagear o homem que dedicou a vida a ressuscitar aquele som.



"Vício Perfeito" nasceu com letra, no álbum "Menina da Janela" (2014), aquela paixão pela "pretinha" que desconcertava o sujeito e ainda acabava com o medo dele. Aqui ela vem sem palavras: o trombone assume o que antes era voz, e a melodia romântica segue dançável do mesmo jeito, com o suingue quente de sempre.

Do lado B, "Saudades da Preta", do álbum "Samba Incrementado" (2004), mantém o tom da conversa. O resultado já era mais do que esperado: a banda fazendo o que sabe fazer, homenageando um amigo está lá, nota por nota.



Vinte e seis anos depois daquela sexta-feira no Green Express, o Clube do Balanço presta contas ao fundador da única maneira que um músico conhece de verdade, tocando. E se o compacto for parar numa vitrola, no meio de uma sala com os móveis arrastados para o canto, melhor ainda (*arrisco dizer que o Mattoli aprovaria a cena*).



JESSIE JAZZ

E SUA MENSAGEM DO JEITO LUZ

Por Paulo Ronaldo

Quem já assistiu a um show de Jessie Jazz saiu com a sensação de ter escutado alguém que confia no próprio silêncio. Isso porque o projeto foi pensado sob a ótica de Voz e guitarra, sem banda, sem base. É um formato difícil, sem dúvida, e que expõe o artista. Se a mão treme ou o verso falha, todo mundo percebe. E meus amigos, Jessie, conhece e aposta exatamente nesse risco.

A artista nasceu em Sapucaia do Sul e vive em Gravataí. Começou os estudos musicais em 2015, na Orquestra Jovem do Sesi de Gravataí, e seguiu em carreira solo a partir de 2018. Mulher trans e preta, ela coloca essa posição no centro do trabalho, mas sem transformar isso em palanque. Seu foco é sua arte.

Toca baixo, guitarra, violão, sopros e cordas, o que aparece nos arranjos que constrói para o próprio repertório. O single "João", de 2023, misturava jazz e blues para falar de paixões que não vingaram e abriu a vaquinha do álbum de estreia, produzido de forma independente.

O que me deixou impressionado no modelo do projeto foi a economia. Em "Trans Jeito Luz", ao vivo, a canção vai na manha, e a letra sobre despadronização não vem enclausurada num discurso simplório de gênero. A gente escuta a palavra antes de escutar a bandeira. E isso é ouro para quem tem uma mensagem a transmitir. Diferentemente das muitas canções de tema político que chega gritando a tese, nesse single, a tese fica embaixo da melodia, e a melodia é que abre a porta.

A construção da Jessie da carreira merece registro. Passou por Bar Opinião, Teatro de Arena, festivais como Morrostock e Psicodália, tocou em ações pelas vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul e esteve em programas como Radar TVE e Estação Cultura. Nada disso caiu do céu.

Termo onde comecei. O show de voz e guitarra é uma aposta corajosa, e Jessie é a jogadora correta. Fico curioso para ver o que ela faz quando decidir bagunçar a própria fórmula. Tenho a impressão de que o melhor dela ainda está guardado.

UM DISCO PRA RELAXAR

ADHD, DE ALÉRCIO, DO PRIMEIRO AO ÚLTIMO SEGUNDO

Por Paulo Ronaldo

Estamos diante de um disco relax, desde a primeira faixa. Tudo começa com "Postergar", 50 segundos de procrastinação. O cantor usa trocadilhos entre a palavra postergar e poltergeist, coisa que eu concordo plenamente, a procrastinação é um fenômeno fantasmagórico que, se não for exorcizado, nos vence facilmente.

O disco, lançado em 10 de agosto de 2025 pelo cantor e compositor de Pelotas, tem quatro faixas e vem acompanhado de um documentário sobre a descoberta do TDAH na vida adulta (a sigla ADHD, aliás, vira "Astronautas, Dinossauros, Hipopótamos ou Dragões" no refrão da faixa que fecha o disco).

Duas músicas foram escritas antes do diagnóstico e duas depois, e dá pra ouvir essa linha do tempo. Em "Nice try", o refrão "a vida sempre segue" sustenta um lo-fi bom de sentar e ouvir. É a faixa que, pra mim, resume o clima do EP: baixo astral acolhedor, sem pressa. Alércio pergunta ali "o que se faz agora com o tempo que restou?", e a resposta é: continuar tocando, é claro.

"Conjuntinho amor" (o violão está muito bem executado aqui) faz um retrato afetuoso de alguém disperso e encantador ao mesmo tempo. "Só funciona no tranco", "desliga a mente, desliga da gente", canta ele, e a letra vai listando defeitos de um jeitinho, até que cada um deles vire carinho. O violeiro não é um Yamandu Costa, é claro, mas está dentro dos bons padrões da MPB. "ADHD Super Pai" encerra brincando abertamente com o diagnóstico.

Uma coisa fora da música vale registrar: nos vídeos do YouTube, Alércio coloca os acordes na descrição. Eu não toco de ouvido, então adorei o gesto (consegui acompanhar Nice Try em casa). É um detalhe pequeno, mas diz bastante sobre como ele pensa a relação com quem escuta.

ADHD é um disco relax do começo ao fim, e talvez seja exatamente essa a intenção. Ele não pede muito do ouvinte, e por isso que é muito bom: a gente entra pra postergar junto e sai com "a vida sempre segue" na cabeça.

ALÉRCIO





Adam Fauze - The Secret Of The Universe

Coloquei o fone e deixei The Secret of the Universe rodar do começo ao fim. O EP abre com um prólogo de piano e violinos que fecha numa frase que acho interessante mencionar: "do pó viemos, ao pó retornaremos". Aí entra "The Witness" e vira metal clássico daquele jeito que a gente tá acostumado, daquele de bater batendo cabeça e deixando os boletos pra próxima semana.

Adam Fauze montou um conceito ambicioso, um ser interdimensional narrando o surgimento do universo até o fim, com ciência e religião se cruzando. "Transcendence" puxa pro hard rock e pergunta se surgimos ou fomos criados. "Echo of Creation" traz a ideia de existir outro você em outro mundo (quem nunca pensou nisso?). "Infinity Cycles" fecha melancólica e explosiva. A voz do Adam é potente, de metal de raiz. Pra mim, um dos trabalhos de metal mais completos que ouvi em julho, e olha que ouço bastante. Vale ouvir os EPs anteriores também. O trabalho saiu pelo selo Bolacha Música, de São José dos Campos. Dá o play e me diz se bateu aquela saudade dos shows.



Intra - Depois do Silêncio

Sempre me chama a atenção quando uma banda consegue olhar para o passado sem soar presa a ele. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir Depois do Silêncio, novo EP da INTRA. Encontrei um trabalho que resgata as raízes do rock sessentista e as conduz com naturalidade para um som pesado, moderno e cheio de personalidade.

As cinco faixas revelam uma banda segura das próprias escolhas. Os arranjos são bem construídos, a harmonia é objetiva e cada música parece existir sem excessos, valorizando a força das melodias e das guitarras. É aquele tipo de sonoridade que carrega energia suficiente para levantar multidões sem abrir mão da identidade.

Formada em Salvador, a INTRA também traz para este lançamento toda a bagagem construída ao longo de sua trajetória e de seu retorno aos palcos, consolidando uma nova fase criativa. Mais do que um EP, Depois do Silêncio reafirma uma banda que entende suas referências, mas faz delas um ponto de partida para construir um rock autoral, consistente e atual.



Boomer - Meu Dinheiro

Sempre me chama a atenção quando uma banda encontra uma forma criativa de falar sobre temas que fazem parte da vida de todo mundo. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir "Meu Dinheiro", novo single da Banda Boomer. A relação quase afetiva com o dinheiro aparece de forma bem-humorada, como quem pergunta: "Cadê você? Já acabou o mês e eu ainda estou te esperando voltar."

Musicalmente, a banda entrega um trabalho que conversa com o hard rock clássico sem soar preso ao passado. Percebo uma pegada que remete às grandes bandas dos anos 1980, com guitarras marcantes, vocais muito bem conduzidos e uma energia que mantém o espírito da estrada sempre presente. Ao mesmo tempo, há um tempero que resgata o blues em sua essência, equilibrando peso, melodia e modernidade.

Gosto quando uma banda consegue revisitar referências tão conhecidas e ainda encontrar espaço para imprimir seu próprio jeito de fazer rock. A Banda Boomer mostra que tradição e renovação podem dividir o mesmo palco sem perder força nem atitude.



Cães de Aluguel - Ataque Soviético

Liberdade em alto volume [Ou Rock Sem Romantizar a História]

Sempre me chama a atenção quando uma banda utiliza a música para provocar reflexões sem abrir mão da própria identidade. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir "Ataque Soviético", novo single da Cães de Aluguel. Gosto quando há uma contextualização de movimentos e momentos da história que representam muito mais do que a visão hollywoodiana que costumamos consumir.

Com influências do grunge e do rock clássico, a banda amapaense preserva a liberdade criativa e reafirma uma postura autenticamente rocker.

A canção representa uma experiência musical e poética que leva o grupo a explorar novos caminhos, abordando uma temática social inédita em sua trajetória.

Formada em Macapá, a Cães de Aluguel demonstra segurança para expandir sua linguagem autoral sem perder a energia que caracteriza o rock. Vejo um trabalho que ainda tem espaço para evoluir, mas que já deixa evidente um caminho promissor. Quando existe personalidade e vontade de dizer algo relevante, a música naturalmente encontra seu público.



Por TheLira

o que me chama a atenção



Elyra - ELYRA

Quando ouvi "The Enemy", já soube de cara que estava de frente de uma banda que sabe exatamente onde quer chegar. A Elyra, de Brusque (SC), nasceu inspirada por nomes importantes do metal moderno, mas têm personalidade própria. As guitarras têm peso, a interpretação é intensa e os arranjos são bem definidos. Tudo isso junto faz o EP de estreia soar seguro do começo ao fim.

Nada como encontrar artistas com propósito. Aqui, a força não existe só para causar uma "boa impressão", ela faz parte da letras e da atitude do grupo. O EP, no geral, fala de saúde mental, vulnerabilidade e superação. Notei um cuidado em equilibrar agressividade e melodia, criando uma atmosfera de impacto e melodiosa.

Esse EP resume muito bem essa proposta. As quatro faixas conversam entre si e reforçam a sensação de um trabalho pensado como uma obra completa, não apenas uma coleção de músicas.

Saio com a impressão de que a Elyra encontrou um caminho sólido logo na estreia. Se continuar evoluindo com essa mesma coerência, tem tudo para construir uma trajetória consistente dentro do metal.



Por TheLira



Kalango HC - Depressão

Alguns assuntos demoram para encontrar quem tenha coragem de levá-los ao palco. O Kalango HC faz isso em seu novo single "Depressão". Ao abordar um sofrimento que atravessa famílias, amizades e comunidades inteiras, mas ainda permanece cercado por silêncio e desinformação como algo impossível.

A banda sempre construiu sua identidade olhando para o cotidiano da periferia. Desta vez, amplia esse olhar ao mostrar que as dores emocionais também fazem parte dessa realidade. O peso das guitarras acompanha o peso do tema com naturalidade. A intensidade desse hardcore super punk, encontra sentido em cada verso e reforça uma mensagem que pede reconhecimento, informação e consciência.

Também enxergo uma maturidade importante na escolha desse caminho. O Kalango HC não procura respostas fáceis. Prefere abrir espaço para que mais pessoas reconheçam esse sofrimento e entendam que pedir ajuda também é um ato de coragem. Porque não falarmos abertamente dos fatos?

Quando uma banda consegue unir propósito, identidade e honestidade, sua música ultrapassa o palco e passa a fazer parte da vida de quem escuta. A banda representa um lugar alto que a música influencia na sociedade.



Martin e os Martírios - O azar está aí para acontecer

Sempre me chama a atenção quando o nome de uma banda chega antes da música. Martin e os Martírios foi exatamente assim. A repetição dos "M", a sonoridade da palavra "martírios" e esse ar meio delirante despertaram minha curiosidade antes mesmo do primeiro acorde. Que de fato me fez lembrar as raízes.

Foi como entrar em uma cidade desconhecida sem saber o que encontraria na próxima esquina. Então Pouco Alegre começa. A bateria traz aquela crueza que gosto de ouvir, riffs construídos também nos tambores, guitarras que caminham junto com a pulsação da música e uma voz que acrescenta um leve perfume psicodélico. Tudo encontra seu lugar sem perder a espontaneidade.

A faixa cresce como quem atravessa ruas, muda de direção, revela novos cantos e convida a seguir adiante. Em determinado momento, já não importa se Martin é uma cidade, um personagem ou um estado da consciência. O que importa é a paisagem que a música constrói. E, quando ela termina, a sensação é de ter caminhado por um lugar que continua existindo mesmo depois do último acorde.



Brenoski Libertae - Sombra & Água Fresca

Quando o blues respira.

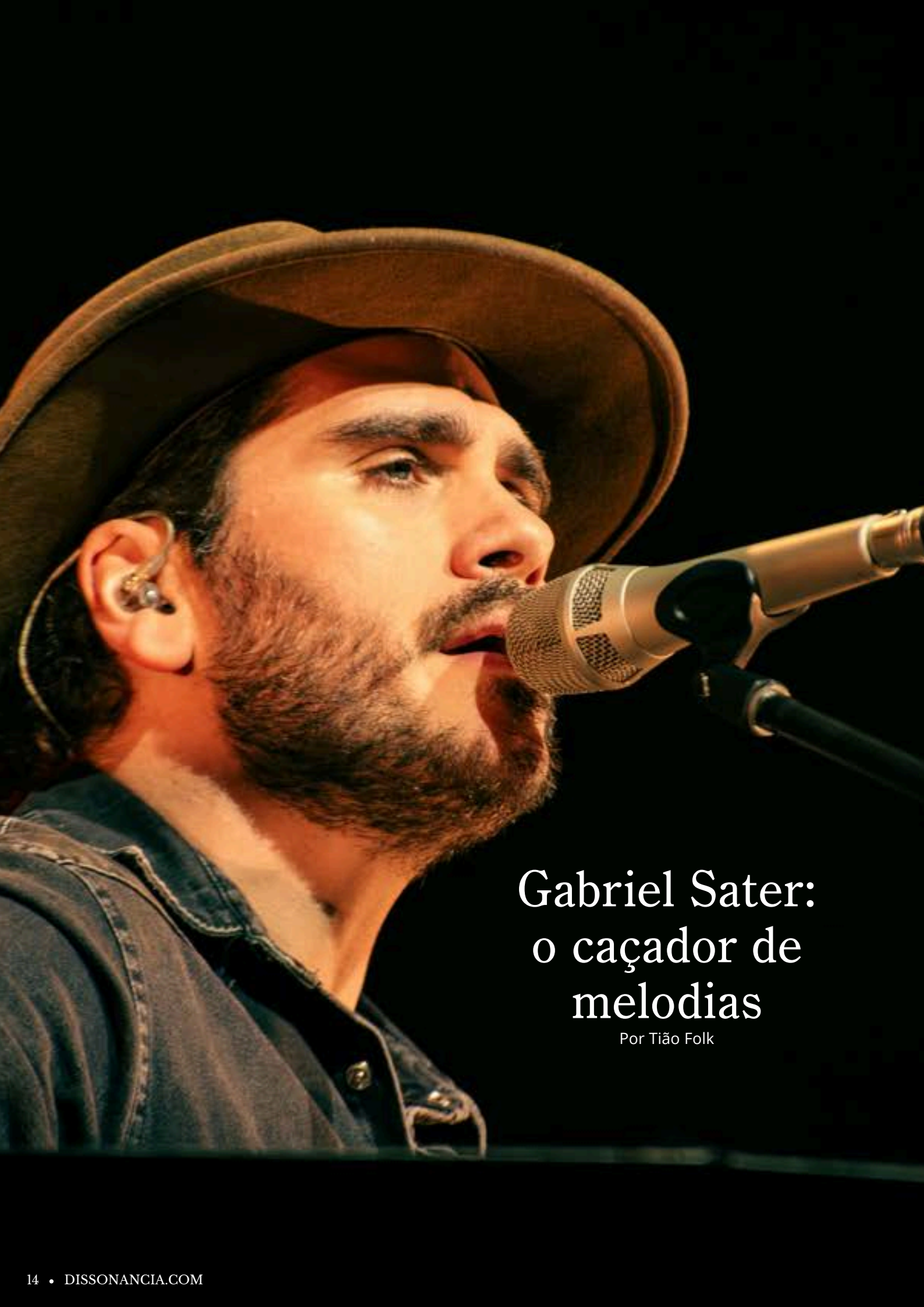
O que me chama a atenção é quando uma banda desafia a gravidade do som. Os instrumentos vão chegando um a um, ocupando seus espaços como se cada entrada puxasse a próxima. Essa é a magia que encontrei em "Sombra e Água Fresca". O blues floresce em uma primavera de gaita que deixa a cabeça na sombra e a alma em água fresca.

Também gosto do contraste entre a crítica social e a serenidade da composição. Brenoski Libertae convida a desacelerar e perceber que um respirar livre, uma mente desperta e a conexão com aquilo que realmente importa podem valer mais do que tantas disputas travadas por uma matéria que já perdeu o sentido.

Um violão bem tocado já é muita coisa. Uma gaita melhora tudo. Aqui ela amplia a paisagem sonora e conduz a música com naturalidade. Os vocais femininos chegam com delicadeza, enriquecem os arranjos e reforçam uma atmosfera que permanece na memória. "Sombra e Água Fresca" lembra que, às vezes, a maior força de uma canção está justamente em devolver o ar para quem escuta.



o que me chama a atenção



Gabriel Sater: o caçador de melodias

Por Tião Folk

Aos 25 anos de carreira, com duas indicações ao Grammy Latino e um álbum comemorativo recém-saído do forno, Gabriel Sater recebeu a Dissonância para uma conversa longa. E nos convenceu de uma coisa: o sobrenome é o capítulo menos interessante dessa história.

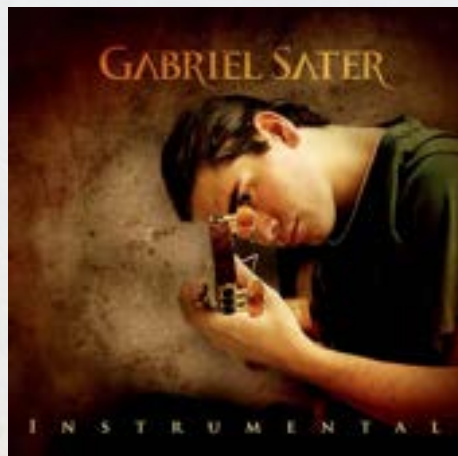


Foto: Isabella Rezende

Vamos combinar uma coisa logo de início: ser filho de Almir Sater deve ser ótimo nos almoços de domingo e péssimo nas coletivas de imprensa. Sempre haverá um repórter apressado (*não este que vos escreve, evidentemente*) querendo saber como é "viver à sombra de um dos violeiros mais reverenciados do Brasil". Esteja avisado, caro leitor, que essa história de viver à sombra de pai passa longe deste artista, isso é assunto já superado há tempos. Estamos falando de um dos maiores nomes da música brasileira moderna, uma referência para as novas gerações. Dito isso, Gabriel Sater completou 25 anos de estrada e lançou em maio o álbum "25 Anos de Música", e resolveu a questão do jeito mais trabalhoso possível: estudou feito um monge e construiu uma discografia que fica de pé sozinha, sem aquela escada que poderia ser facilmente emprestada do pai.



A conversa que ele teve conosco confirma o que as datas já contavam. Quando decidiu ser músico profissional, por volta do ano 2000, Gabriel teve uma conversa olho no olho com Almir. O conselho paterno foi o de qualquer bom professor: não perca tempo, estude intensamente e busque sua verdade artística, independentemente das pressões do mercado que um dia viriam. O rapaz levou a sério. Foi estudar violão de nylon com o virtuose Cristiano Kotlinski, músico de formação clássica e popular, e estreou em disco, em 2006, com um álbum totalmente instrumental.



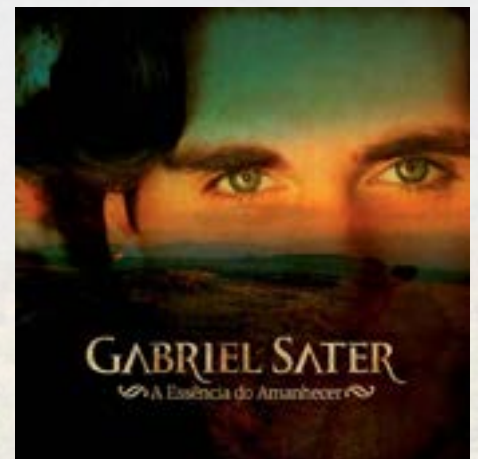
Repito para os desatentos: o filho do violeiro estreou tocando violão de nylon, compondo e arranjando os próprios temas, sem viola caipira em faixa alguma. Funcionou como uma declaração de independência com firma reconhecida em cartório.

"Comecei com um álbum totalmente instrumental, tocando apenas violão de nylon, compunha, arranjava de verdade todos os temas que eu gravei naquele álbum ... Mas desde lá sempre gostei de colocar a mão na massa e fazer meus próprios arranjos."

Ele nos contou na entrevista que a volta ao canto veio logo depois, e de um jeito que nenhum plano de carreira poderia prever antecipadamente:

"Após a gravação desse álbum, eu senti necessidade de retomar minha vertente como cantor e compositor de canções. Aconteceu claramente num domingo, eu tava meio triste, e depois que comecei a cantar e tocar naquele domingo, aquilo me trouxe uma alegria, uma certeza de que eu tinha que enveredar por esse caminho."

Podemos dizer que a partir desse momento surgiu o próximo álbum, "A Essência do Amanhecer", lançado em 2009, e dessa vez soltando a voz ao longo de doze músicas.



É óbvio que, se você ouvir o Gabriel de hoje, vai notar um cantor muito mais fluido e com uma linha vocal diferente daquela encontrada nas primeiras experiências como cantor. Hoje os 25 anos de música pesam a favor e entregam aos fãs um vocal suave, que flui pelas melodias tal qual o Rio Correntes passeia por entre o Mato Grosso do Sul.

E a viola, perguntam vocês? Pois a viola de dez cordas, símbolo máximo da casa, só entrou na vida dele em 2013, quando o músico estava prestes a completar 32 anos. E entrou pela porta da dramaturgia: o diretor Luiz Fernando Carvalho o convidou para viver o personagem Viramundo em "Meu Pedacinho de Chão", novela de Benedito Ruy Barbosa, e pediu que ele tocasse viola em cena. Gabriel aprendeu o instrumento



Foto: Meu Pedacinho de Chão/TV Globo

para o papel e o incorporou ao álbum que gravava na época, o "Indomável" (2014).



Sobre a demora, ele foi de uma franqueza que a gente raramente ouve em entrevista:

"Eu não sei dizer por que eu não toquei viola antes. Talvez por querer fugir um pouco daquele som muito característico do meu pai e querer a minha própria identidade, pelo menos naquele início de carreira, que é tão complicado você sair um pouco da sombra do pai, que já é uma lenda consagrada."

Hoje, diz que seu único arrependimento nesses 25 anos foi ter começado tão tarde no instrumento. A vida, irônica como sempre, ainda o levaria a viver o violeiro Xeréu Trindade no remake de "Pantanal" (2022), papel que havia sido do próprio Almir na versão original, incluindo um duelo de violas em cena contra o pai, que agora interpretava o chalaneiro Eugênio. (O autor Bruno Luperi sabia exatamente o que estava escrevendo, e nós agradecemos).



Duelo entre Eugênio e Xeréu Trindade / TV Globo

O que separa Gabriel de tanto herdeiro musical por aí é o método. Ele descreve o próprio processo como artesanal, e a palavra, para variar, está bem empregada. As músicas levam anos para serem compostas, os arranjos levam meses, e cada peça de cada instrumento é pensada, gravada, rejeitada e regravada até o resultado convencer. **"Não poupa takes, não poupa horas. Acho que mais de mil horas num álbum, se for realmente contabilizar no pé da letra"**, calculou ele. O repertório dos discos futuros, aliás, ele monta por hobby nos momentos de descanso e pode perguntar para qualquer um da equipe dele, garantiu.



Foto: Isabella Rezende

O mercado, que costuma ser lento para reconhecer quem trabalha em silêncio, acabou notando. "Erva Doce", quinto álbum solo, gravado em clima intimista durante a preparação para "Pantanal", foi o primeiro que ele inscreveu no Grammy Latino.



Veio a indicação em 2023, na categoria de Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa. No ano seguinte, "Faróis do Sertão" repetiu a dose, e 2024 ainda rendeu o Prêmio da Música Brasileira de Melhor Intérprete de Canção Popular. Mas o detalhe mais saboroso da primeira indicação é de ordem doméstica: naquele mesmo ano, Almir concorreu na mesma categoria. Pai e filho, frente a frente na disputa.



"A gente ficava brincando muito um com o outro, porque cada um merecia ganhar. No final, ninguém ganhou, mas isso aí já foi um prêmio. Concorrer contra o meu pai foi realmente muito gratificante"

Gabriel trata o pai Almir como referência primária e ídolo declarado. Perceberam a elegância da situação? A academia do Grammy resolveu o almoço de domingo da família Sater empatando tudo.

O álbum "25 Anos de Música", lançado em 10 de maio, é o sétimo da carreira e resume bem o personagem: oito canções e dois temas instrumentais, entre inéditas, regravações e dois clássicos alheios ("De Papo Pro Ar" e "La Cumparsita") cujos arranjos ele guardava há mais de uma década.



Gabriel Sater e João Gaspar. imagem: divulgação

A produção, como nos últimos discos, divide com João Gaspar, parceiro que ele chama de irmão que a arte lhe presenteou. Nas participações, um pequeno atlas afetivo: Jackson Antunes, Eric Silver, Negão dos Santos, a Orquestra Sinfônica da UFMT, o irmão Ian Sater e, na faixa "Me Ajuda", ninguém menos que Ivan Lins.



Foto: Dani Cavalcanti

A história dessa gravação merece registro. Quando Gabriel sugeriu o nome de Ivan ao produtor, **"ele quase desmaiou, eu vi no olho dele a emoção"**. Uma amiga em comum fez a ponte, o mestre topou gravar a voz e, generoso, aceitou registrar o videoclipe em estúdio, dirigido por Daniel Cavalcanti, amigo de infância do cantor.



"O Sá da dupla Sá e Guarabyra. A gente tá com mais de 30 músicas juntos, já até começamos um álbum que será lançado pro futuro. E, de lá para cá, gravei com Renato Teixeira, com Sá. Meu próprio pai, demorou 22 anos, mas a gente gravou um clipe juntos. E para o Ivan Lins, a gente foi para o Rio de Janeiro gravar apenas o áudio. E o clipe aconteceu graças à generosidade do Ivan Lins."

Gabriel repete a palavra "sonho" tantas vezes ao falar do episódio que a gente até desconfia, mas aí lembra que ele vem gravando clipes com os ídolos desde 2016 (Ivan Lins, Luiz Carlos Sá, Renato Teixeira e o próprio pai, com quem levou 22 anos para dividir um vídeo) e entende: o homem coleciona mestres como outros colecionam vinis.

"Gravar com o Ivan Lins, esse mestre incrível sagrado, um dos maiores ícones, e lendas vivas da nossa boa música brasileira, foi realizar um sonho. Nessa entrevista, você vai ouvir eu falar várias vezes uma frase como essa, porque quando eu toco grandes ídolos e posso gravar com eles, compor com eles, isso vai além de qualquer sonho de um jovem que vem do interior do país pudesse pensar que um dia iria realizar."



Foto: Pedro Pinheiros (2022)

A matéria-prima de tudo isso continua sendo a mesma: o Pantanal e o Mato Grosso do Sul, que ele define como base eterna de suas memórias afetivas, temperados com o folk, o rock rural e as latinidades de fronteira que formam seu estilo. Mas o combustível declarado é outro: **"a emoção dita o meu caminho de composição, mais do que tudo. Tanto que a parte teórica de anos de estudo, fica de lado nesse momento. O momento de busca ... de caçador de melodias"**. Nosso caçador de melodias cultiva o hábito raro que, a propósito, deveria ser hábito comum de todo artista independente. Pega a visão:

"Eu costumo dizer agora que o meu momento de maior felicidade é o momento offline, às vezes, porque quando você consegue conectar com o seu eu, você conversar com você mesmo, sem nenhuma distração, sem nenhum momento fora do teu momento concentrado ali, de meditação, de composição embaixo duma árvore, numa natureza que ninguém te acessa."



Foto: Bear B Digital Marketing



E já que falamos em desaparecer: foi assim que ele se preparou para o papel da vida. Gabriel começou a estudar para viver Xeréu Trindade antes mesmo de saber o resultado do teste ("**quando eu conseguir, não é 'se', é 'quando'**", contou ele, e a autoconfiança rendeu). A rotina virou estudo em tempo integral: viola, canto, atuação, preparo físico e até pesquisa sobre entidades sobrenaturais, cortesia do Cramulhão que acompanhava o personagem. Contratou João Gaspar para a preparação musical e a professora Erika Altimeyer para a de atuação, desligou-se da vida digital (*ele garante que o tempo pareceu dobrar; um dia testaremos a hipótese*) e chegou ao Pantanal 52 dias antes do início das gravações. Ali acordava às 4h30, acompanhava o trabalho de gado com os peões, tomava tererê no galpão e convivia todos os dias com o pai, com quem compôs o próprio duelo de violas que Bruno Luperi escreveu para os dois personagens. De quebra, aproveitou a novela para homenagear compositores do Mato Grosso do Sul, caso de Paulo Simões, Geraldo Espíndola e Helena Meirelles, que ganhou até um solinho em cena.

A pergunta sobre construir identidade própria sem se apoiar no sobrenome, para o Gabriel foi um processo lento; nas palavras dele foi um processo "extremamente longo, em ritmo de carro de boi, como meu pai diria", e sustentado por uma palavra só, trabalho. A pressão do sobrenome pesa, é verdade, mas é possível ver que o próprio cantor busca um perfeccionismo e isso não tem

nada a ver com o sobrenome famoso, é coisa de artista comprometido com seu resultado.

"Quando a gente fala de sobrenome já consagrado, como no caso do meu pai, a responsabilidade aumenta de uma forma imensurável. Mas a pressão nesse sentido, sempre foi muito mais o meu perfeccionismo pessoal, a minha mão ser a mais pesada em relação a críticas e autoavaliação de tudo o que eu faço, mais do que qualquer outra pessoa."

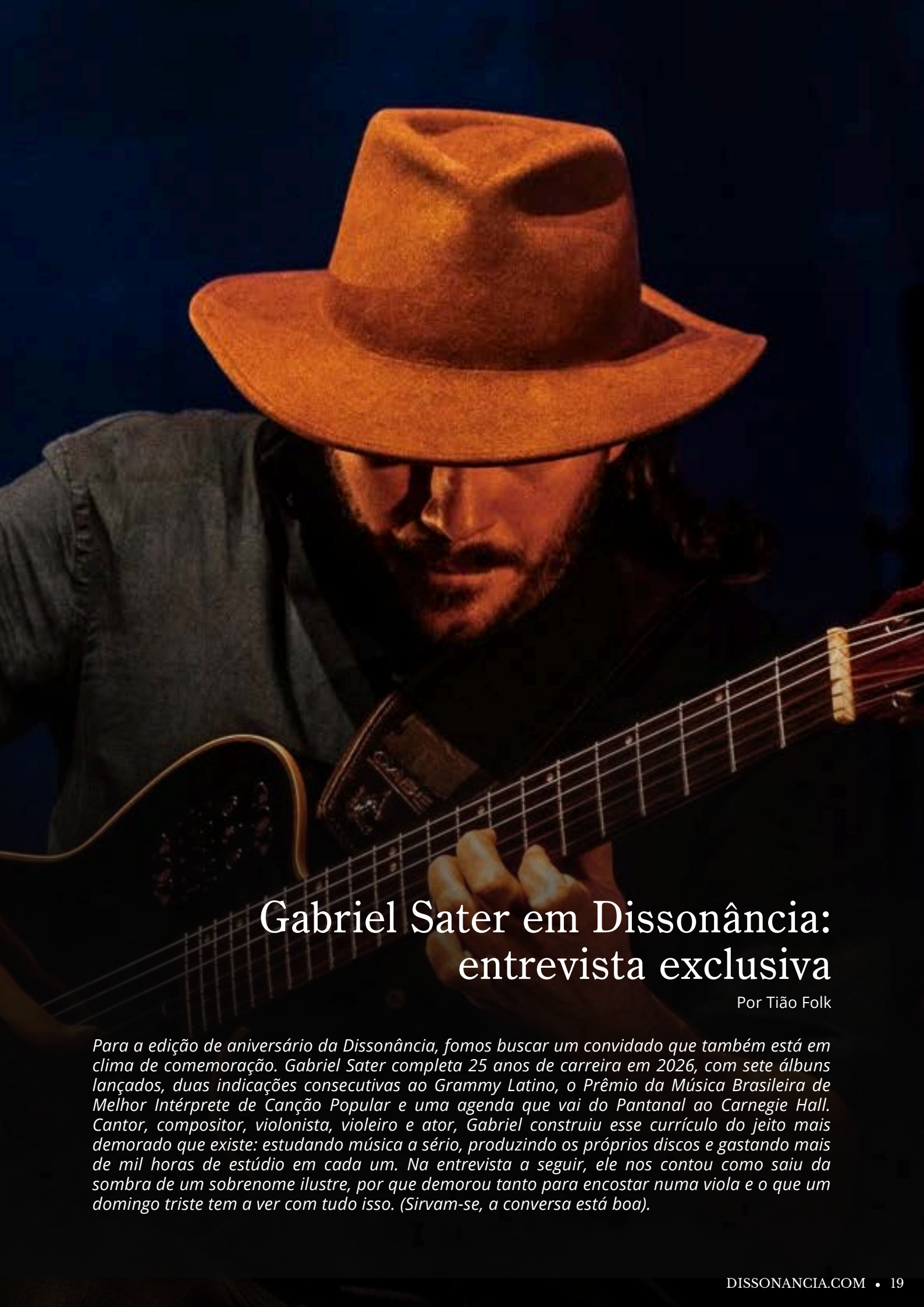
É fato que a família já carrega um dom no DNA, mas talento só te leva até certo ponto, isso todo mundo sabe, o resto precisa vir de esforço, do suor. E o Gabriel tem isso em mente de uma forma muito clara, ele cumpre aquela máxima de que o resultado é 10% inspiração e 90% transpiração: "O talento sempre vai me encontrar estudando, trabalhando, pesquisando". Nessa caminhada, faz questão de dividir os créditos com Paula Cunha, esposa e sócia na Indomável Produções, com quem completa 20 anos de união no fim do ano (*e para ela, Gabriel prepara uma surpresa audiovisual, que a gente promete não estragar*).

Há ainda uma história de 2002 que resume o personagem melhor que qualquer análise nossa. Com o

repertório do primeiro álbum pronto em segredo (nem o pai sabia), Gabriel escreveu com o padrasto, Celso Martins, um projeto para um edital de incentivo à cultura do Mato Grosso do Sul. Foi reprovado. Refez o projeto, melhorou o disco e passou no ano seguinte, o que o levou a se mudar para São Paulo para concluir as gravações. Quando finalmente mostrou o material ao pai, ouviu de saudação um "Ah, mas será? Já tá na hora?". Almir escutou então a gravação de "Envido", composição do tio Rodrigo Sater, ficou impressionado com o som e ainda sugeriu incluir no repertório peças de Agustín Barrios. Vindo de um Sater que, segundo o filho, é "difícil de gostar das coisas", aquilo valeu por um edital inteiro.

O ciclo fecha como uma poesia. A turnê "Pai e Filho", nascida de um show de Dia dos Pais em 2024 que um produtor atento transformou em projeto de estrada, segue rodando o Brasil e tem parada marcada no Carnegie Hall, em Nova York, no dia 31 de outubro. No palco mais famoso do mundo, estarão o mestre consagrado e o filho que preferiu o caminho longo ao invés de atalhos rasos: o estudo, o violão de nylon, os arranjos próprios, as mil horas de estúdio por disco.

Hoje a dupla divide o palco como colegas de ofício, cada qual com obra própria debaixo do braço. Se alguém na plateia ainda insistir na história da sombra, sugiro conferir a ficha técnica dos álbuns antes de opinar. Sombra boa, ali, é a das árvores do Pantanal, onde o Sater filho continua caçando melodias.

A close-up photograph of Gabriel Sater, a man with a beard and long hair, wearing a wide-brimmed brown hat. He is looking down at a guitar he is playing. The lighting is warm and focused on his face and the instrument. The background is dark and out of focus.

Gabriel Sater em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

Para a edição de aniversário da Dissonância, fomos buscar um convidado que também está em clima de comemoração. Gabriel Sater completa 25 anos de carreira em 2026, com sete álbuns lançados, duas indicações consecutivas ao Grammy Latino, o Prêmio da Música Brasileira de Melhor Intérprete de Canção Popular e uma agenda que vai do Pantanal ao Carnegie Hall. Cantor, compositor, violonista, violeiro e ator, Gabriel construiu esse currículo do jeito mais demorado que existe: estudando música a sério, produzindo os próprios discos e gastando mais de mil horas de estúdio em cada um. Na entrevista a seguir, ele nos contou como saiu da sombra de um sobrenome ilustre, por que demorou tanto para encostar numa viola e o que um domingo triste tem a ver com tudo isso. (Sirvam-se, a conversa está boa).

Dissonância: Ao celebrar 25 anos de carreira, você lançou o álbum comemorativo 25 Anos de Música. Ao olhar para o seu primeiro disco instrumental de 2006, qual você considera ter sido a sua maior evolução como intérprete e compositor?

Gabriel Sater: *Acredito que seja a ampliação de novos horizontes estéticos nas minhas composições, nos meus arranjos e produções musicais. Comecei com um álbum totalmente instrumental, tocando apenas violão de nylon, compunha, arranjava de verdade todos os temas que eu gravei naquele álbum com algumas colaborações de parceiros, é claro, produtores. Mas desde lá sempre gostei de colocar a mão na massa e fazer meus próprios arranjos. Eu acho que após a gravação desse álbum, eu senti necessidade de retomar minha vertente como cantor e compositor de canções. Isso aconteceu, eu lembro que claramente num domingo, assim, que eu tava meio triste, e depois que comecei a cantar e tocar naquele domingo, aquilo me trouxe uma alegria, uma certeza que eu tinha que enveredar por esse caminho. Então, já ali, né, em 2007, ali de 2006 para 2007, já tive essa necessidade na minha alma de voltar a cantar e compor canções. E dito tudo isso, eu tive experiências na dramaturgia que me trouxeram alguns instrumentos, o caso da viola, que meu pai é um grande mestre, né, viola de 10 cordas, a viola caipira. Por conta do meu pai, eu não sei dizer por que eu não toquei viola antes. Talvez por querer fugir um pouco daquele som muito característico do meu pai e querer a minha própria identidade, pelo menos naquele início de carreira, que é tão complicado você sair um pouco da sombra do pai, que já é uma lenda consagrada. Mas o curioso é que a viola apareceu num caminho para mim, porque eu precisei participar de uma novela. Precisei, é bom, né, porque eu sonhei e consegui realizar o sonho de fazer uma novela de Benedito Ruy Barbosa, a convite do genial diretor Luiz Fernando Carvalho, que me pediu para tocar viola. Então, ali aprendi a tocar viola e já incorporei a viola no álbum que eu estava gravando na época, que era meu álbum solo "Indomável". Então, eu sinto que essas experiências da vida vão trazendo instrumentos, situações, experiências que vão te mostrando novos sabores, novas cores que você consegue utilizar nos meus álbuns mesmo. Porque acho que no final de tudo, para mim, que eu mais gosto de fazer, uma das coisas que eu mais gosto de gravar, são os meus álbuns. Então, acho que tudo o que eu vivência, tudo o que eu tenho de experiência acaba, no final, resultando na gravação desses sonhos musicais, que levam, literalmente, anos para serem feitos. Então, acho que essas experiências realmente contribuíram muito para eu conseguir ampliar, de um primeiro álbum totalmente instrumental, com violão de nylon, para o meu mais recente álbum lançado, que mostra bem do que*

eu estou falando, traz um pouquinho de tudo o que eu vivenciei ao longo de 25 anos de caminhada musical profissional. Vale ainda ressaltar, a oportunidade que eu tive de compor com grandes mestres e referências musicais, que eu cresci assistindo e me inspirando, como Luiz Carlos Sá, da dupla Sá e Guarabyra, Renato Teixeira, Paulo Simões, que são herança do meu pai, são parceiros do meu pai, que tive a honra depois de me tornar parceiro deles, aprender, entender como é que eles trabalham, meu próprio pai também, uma grande referência; e inúmeros parceiros que tanto me ensinaram e me motivaram a fazer música através da minha essência mais genuína possível.

Dissonância: Você recebeu duas indicações consecutivas ao Grammy Latino (em 2023 com Erva Doce e em 2024 com Faróis do Sertão). Você costuma descrever o seu processo de produção como "artesanal". O que esse reconhecimento internacional representa para o esse processo de produção tão particular?

Gabriel Sater: *Sim, meus processos são bem artesanais, levam muito tempo e eles iniciam-se assim de uma forma muito individual, muito solitária, porque eu preciso ter uma certa certeza do que eu quero, para eu apresentar para minha equipe, levar essas ideias pro João Gaspar, que é um grande colaborador e produtor musical, arranjador comigo dos últimos álbuns: "Erva Doce", "Faróis do Sertão", "25 Anos de Música". Até antes disso, o Gaspar já tava comigo me ajudando, como produtor musical e grande colaborador, esse irmão que a arte me presenteou. Mas antes de chegar no Gaspar e na equipe, eu preciso ter muito tempo de introspecção, perceber quais músicas se conversam, conversam entre si. Um fato curioso, só abrindo um parênteses, é que eu tenho, por hobby mesmo, em momentos assim de descanso nessa correria boa que a gente vive de artista independente, que é amar fazer repertório dos álbuns que virão a seguir. Eu amo fazer repertório. Pode perguntar para qualquer um da minha equipe, isso é um fato mesmo. E eu brinco com isso porque eu penso muito antes de chegar na minha equipe com um projeto. "Erva Doce", por exemplo, eu estava me preparando para gravar a novela Pantanal. Então, na preparação da novela, eu quis gravar esse álbum, porque a gente vinha de um período de pandemia em 2020, 2021, e queria muito gravar um álbum mais intimista, mais voz e violão, que tivesse essa atmosfera mais pantaneira. Claro que algumas músicas têm uma questão de banda para dar um ritmo, em algumas músicas que precisavam disso, como "Tigre do Rio", "Turuniño", nas instrumentais que precisavam de uma pressão um pouco maior. Mas "Erva Doce", faixa que dá nome ao álbum, me traz justamente essa paz, essa calma, que o aroma da "Erva*

Doce" me traz, essa melodia também que tem uma letra brilhante do Luiz Carlos Sá, que realmente me completa, uma homenagem às mulheres incríveis desse nosso planeta que fazem a diferença todos os dias na minha vida, mulheres incríveis que me inspiram, são, assim, todas elas, né, um ponto de referência. Poderia ficar horas falando delas aqui, mas deixaríamos para uma próxima entrevista, mas elas sabem muito bem o quanto eu amo todas elas. Dito isso, e voltando à pergunta, à segunda pergunta, puxa a vida, a indicação do Grammy para o álbum "Erva Doce", em seguida a "Faróis do Sertão", foi realmente uma realização de um sonho de longa data mesmo. Porque "Erva Doce" é meu quinto álbum solo de carreira; e foi o primeiro álbum que a gente inscreveu no Grammy. Devo muito a isso ao selo apoiador, na gravadora Valete Records, e Emio Shayeb, que me apoia e que teve essa conversa comigo, quando a gente estava gravando o álbum e resolvi distribuir pela Valete naquele momento, porque a Indomável Produções Artísticas, minha empresa, e eu, que realmente fazemos todo o investimento para gravar o álbum. E após a gravação do álbum, lógico, o Emio, nesse álbum "Erva Doce", ajudou como produtor também, mas a parte de gravadora mesmo assim, de distribuidora, a Valete que faz para mim, de distribuidora, propriamente dito, né? E apoia assim como selo apoiador esse projeto. Estou dizendo esses detalhes técnicos, porque é uma informação que muitas vezes não fica muito clara para as pessoas, porque tem muitos colaboradores; e é muito importante a gente dar luz aí, dar o valor às devidas parcerias, ainda mais quando a gente faz tudo no início de forma independente. Então foi um reconhecimento que foi uma realização de um sonho mesmo, como eu te disse, o primeiro álbum, que eu inscrevi, ter sido indicado, e vocês não sabem uma informação muito feliz pra família Sater, foi que naquele mesmo ano, meu pai também foi indicado na mesma categoria. Então, a gente concorreu um contra o outro. Isso foi muito, muito emocionante. Meu pai é minha referência primária, meu grande ídolo musical, e eu posso até arriscar dizer que, sem ele em casa, não teria um farol ali, uma referência para seguir no caminho das artes. Talvez nem teria seguido esse caminho se não fosse meu pai em casa me dando essa oportunidade de seguir esse caminho, graças a um pai já consagrado na música e que já tem esse entendimento de tudo em relação ao que é essa profissão; e, no caso da gente, esse propósito, essa vocação exige. Mas foi muito curioso esse momento em casa, porque a gente ficava brincando muito um com o outro, porque cada um merecia ganhar, tudo. No final, ninguém ganhou, mas isso aí já foi um prêmio, além dos meus maiores sonhos; concorrer contra o meu pai foi realmente muito gratificante. Até você vê que eu não paro de falar sobre esse assunto,

poderia falar aqui vários minutos sobre isso. E imagina só, aí as pessoas comentaram: "Ah, quando você foi indicado de novo, com o "Faróis do Sertão", você não, de repente, não sentiu a mesma emoção". Acho que foi tão grande quanto a primeira indicação. Sabe? Porque você faz um álbum com tanto carinho. Eu comentei só por cima do processo com vocês, porque de fato o processo é muito intenso, porque para compor uma música você leva anos, para arranjar ela leva mais alguns meses aí. A gente vai gravando peça por peça, produz cada peça de cada músico, pensa cada arranjo de cada instrumento que vai entrar, qual instrumento que vai entrar, grava, não gosta, regravava, melhora, evolui, pensa em participações especiais, pensa em cada instrumento que vai ser colocado em cada música, grava, não tá feliz, regravava, sabe? Não poupa takes, não poupa horas, sabe? Acho que mais de 1.000 horas num álbum daqui a pouco, se for realmente contabilizar assim no pé da letra. Então são processos artesanais e quando a gente recebe uma indicação como essa, de um Grammy, do Latin Grammy, é maior que qualquer sonho de vida, sabe? Posso também só reforçar aqui, a minha gratidão imensa, a um dos maiores prêmios que eu ganhei na minha carreira, que foi o "Prêmio da Música" em 2024, realmente, e com o repertório do "Faróis do Sertão". Então, acho que quando você consegue receber prêmios dessa grandeza, isso te ajuda muito a te mostrar que o caminho que você faz, que muitas vezes é talvez na contramão de muitos cursos que a gente vê hoje em dia de gestão de carreira, eu tô fazendo tudo errado, talvez, de uma maneira, quando você vê um curso X, quando você recebe uma premiação como essa ou uma indicação, como no caso do Grammy, que é um sonho também, um dia, quem sabe ganhar. Esses prêmios motivam muito a gente. Dão uma força emocional gigantesca para continuar produzindo, e tenho vários álbuns já engatilhados para os próximos anos. Agora é ir com calma, respirando e curtindo cada processo.

Dissonância: Na canção "Me Ajuda", você gravou com o mestre Ivan Lins. Como foi a experiência de colaborar com um de seus ídolos e como surgiu a ideia de convidá-lo para participar tanto do áudio quanto do videoclipe?

Gabriel Sater: Realmente, gravar com o Ivan Lins, esse mestre incrível sagrado, os maiores ícones, e lendas vivas da nossa boa música brasileira, foi realizar um sonho. Nessa entrevista, você vai ouvir eu falar várias vezes uma frase como essa, porque quando eu toco grandes ídolos e posso gravar com eles, compor com eles, isso vai além de qualquer sonho de um jovem que vem do interior do país pudesse pensar que um dia iria realizar. Dito isso, eu venho desde 2016 gravando clipes com os meus ídolos musicais. Primeiro foi Luiz Carlos Sá, que se tornou parceiro. O Sá da dupla Sá e Guarabyra. A gente tá com mais de 30 músicas juntos, já até começamos um álbum que será lançado pro futuro. E, de lá para cá, gravei com Renato Teixeira, com Sá. Meu próprio pai, demorou 22 anos, mas a gente gravou um clipe juntos. E para o Ivan Lins, a gente foi para o Rio de Janeiro gravar apenas o áudio. E o clipe aconteceu graças à generosidade do Ivan Lins. E preciso aqui dizer, muito obrigado não só ao Ivan, mas como o João Lins, seu filho e manager, que foi de um fino trato

comigo absurdo. Desde o início, que uma amiga em comum fez essa ponte entre nós. Eu queria muito gravar com o Ivan essa música inédita do álbum "25 Anos de Música". O meu mais recente álbum lançado, "25 Anos de Música", traz músicas inéditas, traz regravações de algumas músicas do passado que eu já tinha gravado, com novos arranjos e novas cores, e músicas que no passado também eu não gravei. E uma das inéditas que a gente queria muito gravar, e que eu tava sonhando faz tempo em gravar e tinha algumas pessoas me pedindo, era "Minha Ajuda", parceria com o Sá e com o João Gaspar. Quando eu cheguei pro Gaspar e falei: "Gaspar, imagina o Ivan Lins nessa música", ele quase desmaiou. Eu vi no olho dele, a emoção. Falei: "Vou lutar por esse sonho". Então, responder essa pergunta para você aqui agora, é um coração imenso de gratidão, de sonho realizado mesmo, sabe? Acho que eu vivo para isso, para momentos como esse. E, como eu disse, a gente foi para fazer uma gravação que já era, para mim, mais do que a realização de um sonho, e poder ter conseguido gravar o clipe, registrar isso em imagem, foi além de qualquer expectativa e sonho. Obrigado, Ivan, por ser esse mestre incrível sagrado e essa referência não só musical, mas que me mostrou que é um mestre generoso. E seguirei me inspirando nele como artista e como pessoa. Viva o mestre Ivan Lins. E no clipe, com o Ivan Lins de "Minha Ajuda", quero agradecer muito ao meu amigo de infância e amigo, músico, amigo de composição, que é o diretor Daniel Cavalcante, que foi comigo para o estúdio para gravar as imagens de bastidores com o Ivan. O Ivan topou fazer o clipe, ele tava lá, fez o clipe acontecer, editou, fez pós-produção. Então, muito obrigado ao Daniel Cavalcante, esse irmão de longa data, que arrasou na direção e finalização do clipe de Me Ajuda.

Dissonância: Você define seu estilo como uma mistura de Folk, Rock Rural e "latinidades" da fronteira. Como o bioma do Pantanal e a cultura sul-mato-grossense continuam sendo sua principal fonte de inspiração para novas melodias?

Gabriel Sater: Sim, o Pantanal e o Mato Grosso do Sul formaram uma base eterna no meu coração, nas minhas melodias, na minha mente musical, nas minhas memórias afetivas. E sempre que posso, tô por lá. Queria poder ir muito mais pantanal, às vezes a correria não deixa, mas é um lugar que você vive um mundo diferente. Meu pai não à toa compôs melodias incríveis por ser quem ele é e por estar em ambientes de muita inspiração, de muita magia, de magia no ar, no pôr do sol do Pantanal. Então, é um lugar assim que propicia você produzir lindamente músicas de muita qualidade, de muita poesia, e de muita "profundidade" a palavra também, sabe? Eu acredito também que essa base me ajude a voar por onde quer que eu queira, guardadas as devidas limitações do meu próprio ser. Mas o acho que a posso dizer que a emoção é a principal fonte de inspiração, pensando aqui de verdade, porque eu sigo através da emoção para fazer tudo na minha vida. Claro que muita razão, na questão de trabalhos na empresa e trabalhos mais sérios, por assim dizer, mas a emoção dita o meu caminho de composição, mais do que tudo. Tanto que a parte teórica de anos de

estudo, fica de lado nesse momento. O momento de busca, e como eu te disse anteriormente, de caçador de melodias. E estar num dia feliz, num lugar com calma, sem celular; eu costumo dizer agora que o meu momento de maior felicidade é o momento offline às vezes, porque quando você consegue conectar com o seu eu, você conversar com você mesmo, sem nenhuma distração, sem nenhum momento fora do teu momento concentrado ali, de meditação, de composição embaixo duma árvore, numa natureza que ninguém te acessa. Hoje em dia é fácil você acessar qualquer pessoa. Minha equipe tem contato comigo 24 horas por dia. Isso é maravilhoso. Quero estar sempre disponível para eles. Mas a gente conversou e a gente entendeu que é muito importante eu ter momentos de respiro e de paz de espírito para poder fazer o que só eu posso fazer na minha equipe, que é realmente buscar novidades musicais.

Dissonância: Interpretar o violeiro Xeréu Trindade no remake de Pantanal foi a realização de um sonho de infância. Como foi o desafio físico e psicológico de se preparar para esse papel, incluindo a perda de 14kg e o estudo de temas sobrenaturais?

Gabriel Sater: A preparação para viver o violeiro Xeréu Trindade e Cramulhão, foi uma das mais difíceis, enriquecedoras e foi uma bênção mesmo na minha carreira, porque era o personagem que eu mais queria fazer. O que eu mais quis na minha vida, passar um teste, foi para fazer essa novela. Por inúmeros motivos, pela ligação que eu tenho com o Pantanal, por causa do meu pai, por ter estado lá criancinha na gravação da novela original, por amar a novela como uma das maiores obras de arte em dramaturgia, teledramaturgia da história. Pra mim, Pantanal e Renascer são as novelas que eu mais amo. E, quando fiz o teste, todos os dias eu acordava pensando e me preparando pra novela, independente de ter passado no teste, falei, "vou começar a me preparar, porque eu quero esse papel", e quando eu consegui, não é "se", é "quando" eu consegui, eu vou estar um pouco mais preparado. E começou mesmo a parte física, começou com a parte de estudo de viola, porque até aquele momento do teste, eu ainda não sabia que tinha o duelo, entre eu e o meu pai, nossos personagens teriam um duelo de viola icônico, maravilhoso e difícilimo, porque, sou violonista, tem uma base mais no violão do que na viola. Então, eu tive que estudar como se não houvesse amanhã a viola de dez cordas pra poder, primeiramente, viver um personagem que era um virtuoso do instrumento e, segundo, pra esse duelo tão esperado. Então a minha rotina era só de estudo. Abandonei o máximo que eu consegui, todas as atividades extras. E só estudei. Viola, canto, atuação, parte física, parte sobrenatural, como você bem colocou na sua pergunta, em termos de pesquisa e referências, de entidades, filmes do gênero. Contratei dois profissionais que me ajudaram na pré-produção, na minha preparação no caso. Foi o João Gaspar, meu produtor dos meus últimos álbuns, me ajudou muito na preparação musical, que claro, volta e meia estava batendo texto comigo, e Érica Altimaia, que é minha professora, colega de atuação e

professora de atuação, que antes da novela também fez uma preparação incrível comigo, achou caminhos lindíssimos. Sempre que eu tenho um trabalho novo na dramaturgia, eu consulto ela. Outro anjo nessa produção também, além de toda a equipe, diretores fantásticos. Tive a honra de trabalhar com o Rogério Gomes, que era um, um sonho de longa data, porque meu tio tinha trabalhado com ele na novela Paraíso, no passado. Falado muito bem dele, e outros amigos também comentavam da dinâmica dele de direção. E quando trabalhei com ele, foi assim, realmente tudo que me falaram e muito mais. Aprendi muito, como ser, tentar ser um líder, porque ele já tem uma vivência incrível de muitos anos. Quis sair pra falar, simplesmente aprendi muito com esse mestre, que é Rogério Gomes e inúmeros diretores incríveis que trabalham com ele. Dito isso, eu tive a oportunidade de trabalhar com a Andréa Cavalcante, que é uma diretora de elenco, uma pessoa artista fantástica, que, por sinal, fez a novela Ana Raio e Zé Trovão com o meu pai. Ela fazia parte do elenco, teve essa curiosidade, que a gente comentou muito sobre isso. E ela tem um trabalho magnífico. Me apaixonei pelo trabalho da Andreia, pela pessoa dela, e, com certeza, próximos trabalhos farei tanto com a Érica, a preparação, depois vou para a Andreia aprender e evoluir com ela, porque as duas são fantásticas e quando você se respalda num time, um coletivo criativo, artístico, que te inspira, que te desafia, é nesse desconforto que você evolui. Eu tava o tempo inteiro desconfortável, porque eram muitas ações que eu tinha que estudar. Então, a pré-produção foi muito difícil. Foi mesmo assim, dos trabalhos mais, como eu disse, enriquecedores, mas desafiadores ao mesmo tempo. Uma observação curiosa desse processo foi que eu reparei que a melhor escolha que eu fiz foi me desligar da vida digital. Isso, meu tempo parece que duplicou, e quando eu tava no Pantanal, já in loco, eu cheguei 52 dias antes de começar a gravar, foi um período muito especial, porque eu convivi com o meu pai todos os dias, a gente tocava viola, a gente compôs o duelo juntos, a gente vivenciou aquela atmosfera pantaneira, de acordar 4:30 da manhã. Já fazia a meus exercícios do sol pantaneiro, aquele clima, você vai se ambientando, ia pro trabalho de gado com os peões, ficava no galpão, ficava tocando lá com eles, tomando tererê. Então, essa vivência, que eu já tive de infância, mas ali muito mais focada nesse destino final, nesse objetivo final, que era fazer um trabalho não só bom, sonhava em fazer um trabalho excepcional. Esse era o sonho, então tive que me dedicar de uma forma excepcional pra tentar, de alguma maneira, porque a gente nunca tem, nunca sabe como é que vai ser o futuro. Eu falar agora é muito mais fácil do que como eu estava quando eu estava vivendo intensamente cada dia, cada desafio de cada cena, cenas difíceis, e tendo que parece que estrear todo dia, porque todo dia é uma cena nova, uma intenção, uma música nova, também teve essa parte musical que demandou muito. Eram muitas músicas. Tive a felicidade de colocar algumas músicas próprias, tanto instrumentais que eu compus com o João Gaspar na preparação, tanto outras canções de outros artistas da minha terra lá de do Mato Grosso do Sul, que tinham muito a ver com essa novela. Então

homenageamos grandes compositores do Mato Grosso do Sul, Paulo Simões, Geraldo Spindola, até Helena Meirelles, fizemos um solinho da Helena Meirelles, para homenageá-la. Foi um projeto assim inesquecível, que mudou minha carreira, mudou minha vida e, como artista, não tem nada melhor do que um desafio gigante como esse. Poderia ficar aqui uma hora falando dos detalhes que a gente vivenciou lá in loco, com a família que foi criada com aquele elenco único, projeto, sabe, lindíssimo, exuberante, e que eu tenho muito orgulho de ter feito. Olha, um sonho realizado mesmo, viu? E vale reforçar a alegria e sonho realizado de trabalhar em uma obra de Benedito Ruy Barbosa, que foi adaptada pelo seu neto talentosíssimo, Bruno Luperi. Que privilégio trabalhar com uma obra original do mestre e com esse jovem mestre que é Bruno Luperi, de um talento também imenso. Vale ressaltar que Bruno Luperi que escreveu o fatídico, o inesquecível duelo entre Xeréu Trindade e Eugênio. Então, devo muito ao Bruno Luperi por essa oportunidade, por ter trabalhado com ele e com toda a direção do Rogério Gomes que eu já comentei, diretores fantásticos que aprendi muito com sua equipe, eternamente grato, sabe, e eternamente em meus corações.

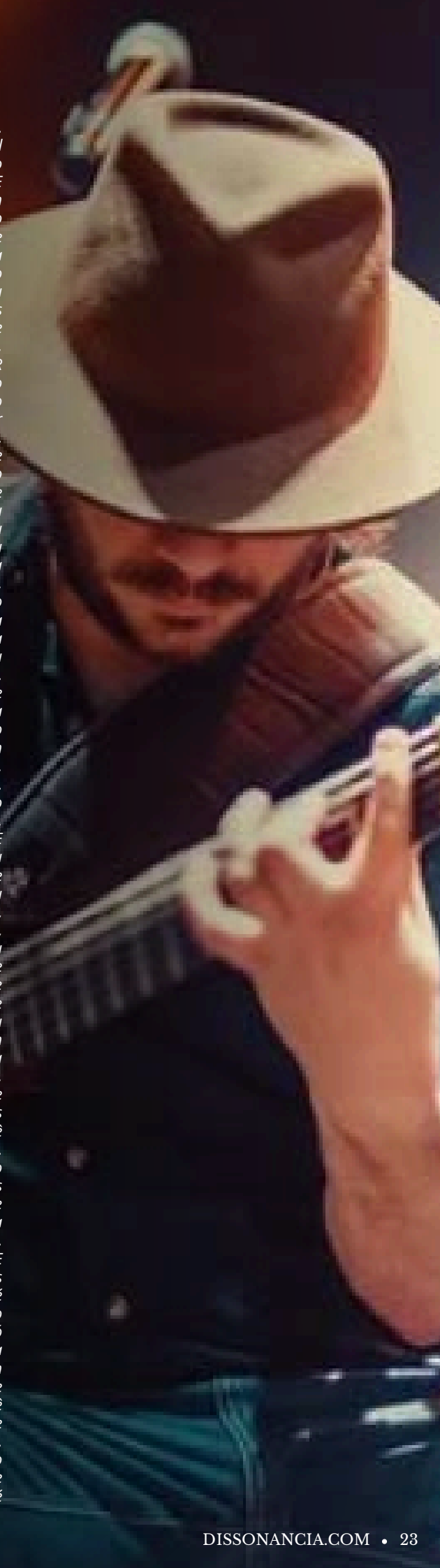
Dissonância: Seu pai, Almir Sater, sempre o apoiou para que você "voasse de forma independente". Como foi o processo de construir uma identidade própria na música instrumental e no folk sem se apoiar apenas no sobrenome Sater?

Gabriel Sater: O processo de construir uma identidade própria na música, e sem apoiar no nome do meu pai, foi um processo extremamente longo, em ritmo de carro de boi, como meu pai diria. Baseado muito no trabalho. Quem me conhece sabe, essa frase é muito perigosa hoje em dia, mas quem me conhece sabe, o quanto eu me dedico, o quanto eu me dediquei desde o primeiro minuto que eu resolvi ingressar 100% na caminhada, na jornada profissional artística e musical. Não haveria outra maneira, ao meu pensar, a meu ver. Eu sei que tem uma série de exemplos fantásticos, de pais lendários na música, já ícones da nossa música, que tem filhos ultra consagrados já, e que tiveram esse respaldo de carreira, de escritório, de estrutura, né? Meu pai, lógico, sempre me aconselhou, sempre me deu lições impagáveis. Essa é uma sorte que eu tenho, por ter uma referência em casa, que sem ele em casa, preciso dizer, talvez nem seria músico. Então, ter uma figura tão importante, esse farol dentro de casa foi imprescindível para eu seguir o caminho das artes. Se não fosse meu pai, talvez eu teria seguido outro caminho e teria sido muito mais infeliz, viu? Porque quando eu resolvi seguir o caminho musical, a felicidade, pelo menos, me acompanha de lado a lado. Porque quando você faz algo que você ama, por mais difícil que aquilo seja, você sente que seu tempo tá sendo bem investido. E não tem outra maneira, a não ser muito trabalho, muito estudo, ser procurar se conhecer. Faça terapia, aprenda sobre você para você poder tomar suas escolhas. Porque ao longo da minha carreira foi isso, os erros que eu cometi, hoje em dia, vendo como engenheiro de obra pronta, foram erros que eu fui mais ao conselho de outros do que do meu. Mas no começo você ainda tá

formando sua identidade, suas escolhas, formando o que é que você realmente quer. Muitas vezes, você não sabe. Você tem um produtor te ajuda, amigos que te ajudam, familiares, no caso do meu pai, e você vai aprendendo o que é bom para você e o que não é. Essa pergunta é maravilhosa porque a gente pode passar horas debatendo, vários pontos a respeito disso, e sem que eu me alongue aqui. Para mim, o trabalho e a vontade de fazer algo novo foi o que ditou as rédeas da minha vida. Você tem que saber muito bem o que você quer, por mais que você não saiba, você tem que procurar saber. Você tem que fazer essa autorreflexão diária, entender por que você tá nesse mundo, o que que você pode fazer de diferente, o que que você, seu ikigai, como eu li esses dias num livro. Qual é o seu propósito? O que que você acha que realmente você pode fazer de diferente? O que que você é bom? O que que você acha que o que você é bom, você pode trabalhar com isso? E dentro da sua área, como é que você pode ser diferente? Sempre busquei estudar muito para na hora de compor através da minha da minha emoção, como eu disse anteriormente até na entrevista, seguir minha emoção, mas também consegui trazer algo novo, ritmicamente diferente. A gente pulsa diferente lá no Pantanal, então poder observar influências distintas e trazer um resultado homogêneo no final, que não fique forçado de nenhuma maneira. São tantas boas histórias nessa pergunta; eu acho que analisando hoje em dia, como foram importantes todos os erros que eu tive para chegar nesse momento agora de um pouco mais maduro musicalmente, artisticamente. Quando a gente fala de sobrenome já consagrado, como no caso do meu pai, a responsabilidade aumenta de uma forma imensurável. Mas a pressão nesse sentido, sempre foi muito mais o meu perfeccionismo pessoal, a minha mão ser a mais pesada em relação a críticas e autoavaliação de tudo o que eu faço, mais do que qualquer outra pessoa. Então, cada um tem que se permitir respeitar seu próprio limite, respeitar sua própria essência e saber que, mesmo tendo um pai maravilhoso como o que eu tenho, eu vou chegar aonde eu trabalhar para conseguir chegar. Tenho que ter essa consciência. Você vai colher o que você plantou. É muito simples isso, você vai estudar. Ah, muitas vezes você vai plantar e não vai colher. Sim, mas lá na frente, se você perseverar, continuar, uma hora esse retorno pode vir. De formas distintas, diferentes, de repente não da maneira que você pensou. Mas eu acredito muito nisso. Quando você trabalha o que você quer, você sonha, você projeta, você visualiza, isso tem uma força grande de acontecer. Mas o ingrediente de tudo isso aí é trabalho. Não é talento, ele ajuda, mas ele, o talento, sempre vai me encontrar estudando, trabalhando, pesquisando, assistindo referências, e sempre focado na evolução pessoal, e depois artística. Penso muito nisso, o quanto é importante a evolução pessoal. Quero ser um ser humano melhor para todos e, claro, quero ser um artista, um músico melhor a cada dia. Mas a evolução pessoal tá muito, é uma das principais prioridades, vamos colocar assim, da minha vida. Sempre gostei de trabalhar de forma independente. Tanto que quando eu conheci Paula Cunha, minha sócia, diretora da Indomável Produções Artísticas, que é a nossa empresa, que foi criada para tomar conta da minha

carreira, Paula, além de ser minha sócia, minha esposa, para quem não sabe, a luz da minha vida, ela, quando ela entrou na minha vida, tudo mudou. Minha avó Nair, mãe do meu pai, sempre falava: "Nossa, vocês têm uma ligação única, vocês têm uma luz dos dois assim que que parece que vocês foram feitos um pro outro". E é muito curioso, porque a gente cresceu muito junto, eu e ela. Eu evoluo muito ouvindo os sábios conselhos que ela me dá. A gente aprende e erra muito junto. Tenho muita sorte nessa vida, nesse tempo, ter encontrado uma pessoa como ela, que me apoia de uma forma incondicional. Tanto que o meu sonho não é mais meu sonho, é nosso sonho. E isso se tornou, vai completar agora 20 anos de união. No final do ano, estou preparando uma surpresa para ela, audiovisual, para a comemoração dos 20 anos de união. E é uma pessoa que eu preciso muito sempre reforçar a importância que ela, a diferença que ela fez na minha vida, na minha carreira. E quando eu busco fazer algo mais artístico possível, é por conta desse incentivo que eu tenho, esse incentivo que eu tenho dela, e lá de casa. Viva Paula Cunha, que é a pessoa que faz a diferença na minha carreira e me apoiou desde o primeiro momento. Uma história que eu recordo com muita saudade, foi bem no comecinho da carreira, lá em 2002, eu já tinha concebido um repertório para um primeiro álbum instrumental. Só que ninguém sabia, nem meu pai. Meu padrasto, que sempre me ajudou muito, um pai para mim, Celso Martins, me ajudou a elaborar um projeto para uma lei de incentivo regional lá no Mato Grosso do Sul, o Fundo de Investimento de Cultura, que dava uma verba para você gravar um disco. E uma verbinha bem importante naquele momento. Mas uma verba não tão grande assim. E eu lembro que eu fiz o projeto com meu padrasto, a gente concebeu juntos, escrevemos juntos, e eu não passei naquele edital. Naquele momento falei: "Puxa, eu queria tanto gravar um álbum já, tenho tanta certeza desse álbum". E aquele sonho, de primeiro álbum mesmo, meu padrasto sentou comigo, Celso falou: "Olha, é só um pequeno atraso. Vamos fazer de novo o projeto, a gente melhora o projeto, vamos ver o que a gente errou, o que que não ficou tão bom, você melhora o álbum, porque quando eu vi o álbum, ele vai vir ainda melhor". Aquilo na hora, na hora, né? Nada como uma pessoa certa, na hora certa, falar algo que muda aquela chave em você. E aquilo me deu mais combustível para eu seguir estudando mais, melhorando o álbum que viria a ser gravado um dia e melhorando o projeto. No próximo ano, em 2003, o projeto foi aprovado. Tanto que, no ano seguinte, eu já mudei para São Paulo para começar a gravação desse álbum, ainda sem ter produtor. Então, por conta disso, gravei algum pedaço do disco assim, algumas gravações eu já fiz em Campo Grande, com Sandro Moreno, nos estúdios lá em Campo Grande. Sandro Moreno gravou bateria. Vlã Jones, também um grande nome da bateria de lá, gravou também. Marcelo Ribeiro, baixista, participou, Alex Mesquita, uma turma que sempre eu tive rodeado, que era uma turma superexperiente da música do Mato Grosso do Sul. E naquela época, eu tocava numa banda chamada GR Espíndola e Croa. GR Espíndola é um baita artista da família Espíndola, que é uma das maiores famílias musicais e artísticas do nosso

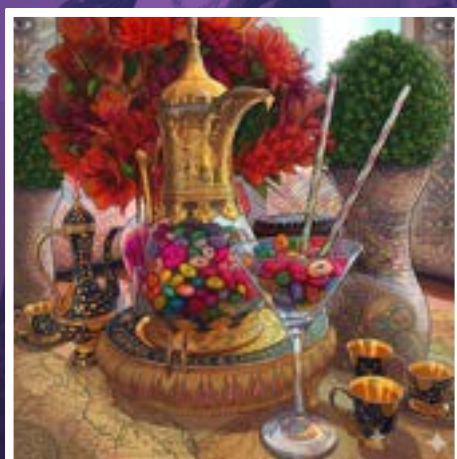
país. Um tesouro sagrado também. E o Croa era um trio instrumental muito, mas muito de altíssimo nível, muito experiente, ia falar. E eles me acolheram, aquele jovem começando carreira, precisando colher informações, aprender de tudo e com todos, de uma maneira muito carinhosa, muito, muito amiga. Levo eternamente no meu coração esse carinho que eles tiveram comigo, de início de carreira. Tanto que Adriano Magoo, grande pianista do Croa e do GR Espíndola e Croa, Adriano Magoo tinha um tango chamado Tangateiro, cedeu para eu gravar no meu disco, participou comigo. Então, são amizades que a gente leva pra vida. Tô dizendo tudo isso porque, naquele momento de incerteza, tive um apoio do meu padrasto ali, que me motivou. E eu lembro quando eu cheguei pro meu pai, falei: "Pai, tô preparando pra gravar um disco". Ele falou: "Ah, mas será? Já tá na hora?", "Quero ouvir". E ele não tinha ouvido nada ainda. E eu tinha feito já a gravação da música Envido do meu tio Rodrigo Sater, que eu amava. Comecei antes de ser músico, vi ele tocar, ficava fascinado com aquela composição tão diferente, tão moderna, tão progressiva em termos de som. E fiz essa gravação, fiz um novo arranjo, obviamente. Fiz um violão de nylon, meu tio tinha gravado ela no violão de aço, no passado, no seu disco solo. E quando ele, meu pai, ouviu, eu lembro claramente como se fosse ontem, hoje, perdão. Ele ficou muito impressionado com o som, falou: "Nossa, mas tá bonito, hein?", "Aí que mais?" E ele ficou interessado no repertório. "Que mais você vai gravar?" E ele me sugeriu até gravar as peças de Agostinho Barrios, que na época eu não tinha ainda pensado em gravar. Ele queria gravar, queria gravar mais um álbum autoral, instrumental. Mas meu pai, naquele momento, falou: "Não, grava essas peças do Barrios, são lindas, você toca tão de uma maneira sua, né?". Tanto que acabaram adentrando essas músicas no repertório, graças ao meu pai. E feliz, porque naquele momento ele ainda não tinha conhecido, não tinha ouvido. Quando ele ouviu, ele gostou. E meu pai é super, não é rígido, mas é, tem um, como ele fala? Ele é difícil de gostar das coisas. São muito, são muito exigentes. Não só ele como o meu tio Rodrigo, minha tia Gisele Sater. Então, foi um momento muito feliz e de resiliência, porque, às vezes, você não passa no edital naquele momento, vale você perseverar. Alguma hora você vai passar. Acho que desistir é o fracasso. Não pode nunca desistir, né? A vida é movimento.



NUNA

SOLTA "VOZES" E RI DO MEDO

Por Tião Folk



Vou confessar uma coisa que todo colunista tenta disfarçar: comecei a ouvir o single "Vozes" já torcendo pra gostar. Porque a banda Nuna tem aquela pegada de banda que a gente gosta sem fazer força; é só dar o play e sair curtindo, simples assim.

Esse single foi lançado em 24 de abril. E ele traz algumas peculiaridades que vale comentar: A guitarra da Nuna (sempre jovial) continua ali, com aquele timbre bem posicionado, marcadinho e no tom certo para a entrada da voz. E quando a Manu entra, pronto, chega o molho. Tem banda que junta os ingredientes e não sabe cozinhar. A Nuna descobriu a receita certa (e, pior, sem me passar a lista de compras).

"Vozes" é uma espécie de convite doido pra quem (espero que seja você) decidiu virar a chave. A letra pega o medo e transforma em endereço antigo, dessas coisas que a gente larga solta no fundo do espelho até resolver mudar de bairro.

Tem verso que vai te fazer sorrir sozinho: "Hoje eu brindo às memórias / De coisas que nunca aconteceram". Confesso que já brindei a umas quantas. E aquele verso que vai te deixar bolado "não tem gosto de nada, mas me faz tão bem" parece bobo até você perceber que descreveu metade das suas decisões de vida.

Nuna é isso: letras fugindo do óbvio sem virar aquele poeta que ninguém entende (nem ele). "Vem comigo", diz a Manu, e você vai. Dá pra ser criativo, fazer refletir e ainda ter refrão pra cantar no chuveiro? Dá. Ela solta um "vou me calibrar" e um "abraço pra quem ficar" com leveza quase cruel.

Musicalmente, a banda segue naquele território pop punk que namora o emo dos anos 2000, e eles têm bastante intimidade com o assunto, cresceram ouvindo (e curtindo) o estilo. Mas não se engane, o tempero brasileiro está lá. "O tempo é o tempero", avisa a letra, e eu, que já desperdicei tempo demais com banda ruim, agradeço.

Pra fechar o combo, a Nuna já anunciou que a próxima, "Vai Ver", desembarca em 28 de agosto (pré-save a caminho, pra quem gosta de se organizar na agenda). Ou seja, a receita continua no forno.

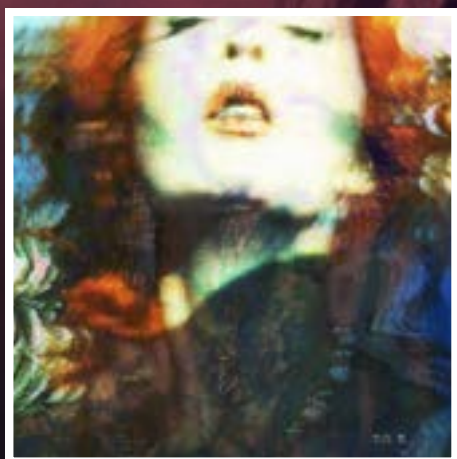
No fim, "Vozes" faz o que a boa música independente deveria fazer com mais frequência: te obriga a parar, ouvir até o fim e apertar o repeat só porque deu vontade. A Nuna acertou de novo. E eu, suspeitíssimo, fã declarado, já apertei umas dez vezes enquanto escrevia isso aqui.



LUAPSY

UMA JANELA PARA O IMPOSSÍVEL

Por TheLira



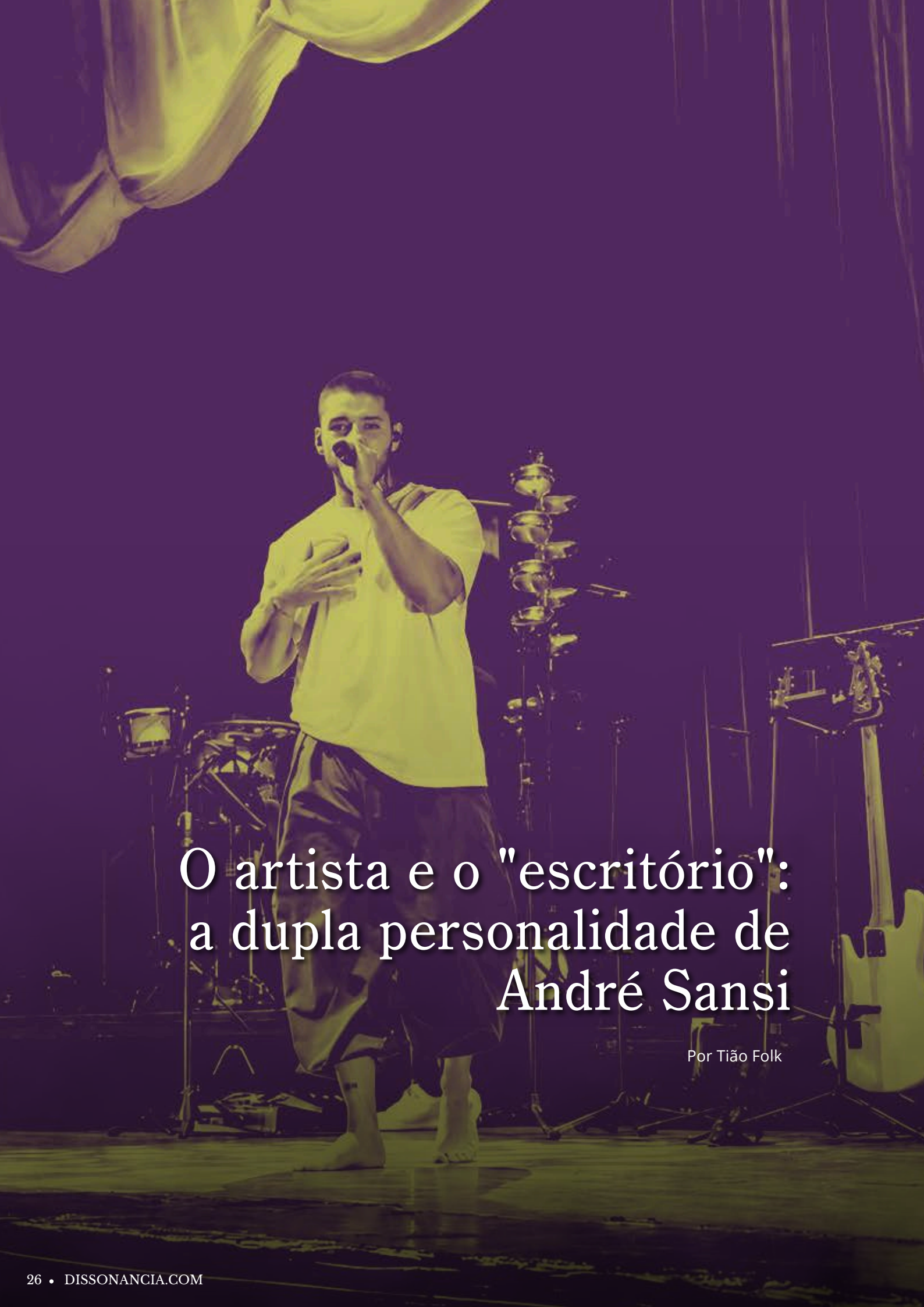
O que me chama atenção é quando um simples timbre, cheio de requinte e estilo, já cria um ambiente sonoro em que me perco, ou pelo menos me deixo levar.

No single "111", Luapsy abre essa janela para uma dimensão em que a razão começa a perder espaço. O beat embala uma doce viagem, enquanto a voz acrescenta uma pequena dose de loucura que torna tudo ainda mais vivo e interessante.

Gosto quando um artista rompe barreiras a partir do próprio quarto. Luapsy parece trabalhar dentro de um laboratório imenso desenhado na mente, explorando elementos virtuais até encontrar a forma exata para suas ideias. A música tem essa liberdade de quem olha pela janela e enxerga o mundo inteiro.

Sua discografia revela uma pesquisa constante por texturas, timbres e possibilidades. A cada lançamento, novos elementos aparecem sem apagar aquilo que já reconheço como uma assinatura de um som fantástico cheio de personalidade.

"111" materializa essa inquietação com elegância. Adoro os timbres, a construção do beat e principalmente essa voz que flerta com o estranho sem perder a doçura. É um prazer revelar por aqui uma artista que faz da própria imaginação matéria sonora.



O artista e o "escritório": a dupla personalidade de André Sansi

Por Tião Folk

André Sansi vendeu mais de 2.000 cópias do disco "Eu Sou Assim" na mão, a R\$ 10,00, no boca a boca da rede Bar Brahma, em São Paulo. O feito lhe rende o rótulo de exemplo de resiliência, que ele agradece com a ironia devida: **"Gostei do 'frequentemente citado como exemplo de resiliência'. Obrigado por isso."** Convertido à economia atual do streaming, esse trajeto de mesa em mesa equivale a mais ou menos três eras geológicas de royalties.



O currículo começa em 2011. Ele ainda tinha cabelo curto, a voz estava sendo moldada, o violão ainda desafinava de vez em quando, mas a certeza ele já tinha: ganhar o mundo com sua arte. Depois vieram os cabelos longos, o violão já ficou melhor, a voz já começava a impressionar os ouvintes e, a partir daí, temos um André Sansi trilhando seu caminho rumo a uma carreira invejável.



Agora em pleno 2026 ele tem um projeto digno de um artista internacional: "Vou Cantar (Studio Session)", lançado em 17 de outubro de 2025, gravado no Estúdio Jacarandá sob direção de Cayo Felipe e direção musical de Marcelo Pisotte e Jonas Lemos, parceiros de mais de dez anos. A base é MPB (com Djavan, Jorge

Vercilo, Martinho da Vila e Emílio Santiago rondando as escolhas), temperada com pop e folk. É o registro do sujeito que, por anos, o público só conheceu como o **"André do barzinho"**, voz e violão em quadro de Instagram.

"O Studio Session foi exatamente para mostrar que eu quero mais, que eu tenho mais, e que eu sou mais do que aquilo"

Sansi divide a própria cabeça em dois: o **"artista"** e o que ele apelida de **"escritório"**, a parte que cuida de planilha, teatro, cachê e som. A convivência nem sempre é pacífica: **"eu fico muito preso no escritório e o artista vai sendo encarcerado. Ele vai ficando podado."** É uma metáfora que expressa muito bem o que é ser independente no Brasil, onde o mesmo cara assina a arte e a nota fiscal.



Convém dizer de onde vem o dinheiro dessa arte. Sansi mora na Espanha há dez anos, toca em pubs e casamentos com a esposa, Ju, e o cunhado, e usa esse repertório de banda-baile para financiar o próprio autoral.

Tanto o Studio Session quanto o show de fevereiro em São Paulo saíram do bolso: **"Juntei a grana em 2025, fui buscar um teatro."** Autopatrocínio, palavra que deveria constar em algum manual de sobrevivência.

O incômodo dele com os espaços vai além do espaço físico, porque quando o assunto é streaming, Sansi traz uma crítica: o principal veículo de escuta **"é um dos que menos paga"**, e as vantagens de divulgação **"nunca é para quem tá realmente começando"**.

Se o caso for uma rádio grande, mesma história: como é que um independente bate na porta de uma Nova Brasil e sai de lá com espaço num programa? A conclusão a que ele chegou é a mais sensata a que um artista independente poderia chegar: precisa criar o próprio espaço. Pois é, ele foi lá alugou teatro e bancou banda, som, luz e câmeras e fez acontecer. E quanto as dificuldade: **"Eu não coloco isso como desculpa"**.



Vale voltar ao estúdio, porque é lá que o disco encontra o tom certo. A gravação no Jacarandá encontrou um artista contente com sua obra e, principalmente, emotivo: "**eu me emociono muito fácil mesmo.**" A cada faixa dava o nó na garganta, a cena parava, ele respirava e voltava. É evidente que Sansi é um artista que sente a música antes de entregá-la, e é importante dizer que ele teve ao lado uma banda calejada o suficiente para segurar a onda.



Marcelo Pisotte e Jonas Lemos, os diretores musicais, tocam com Sansi há mais de dez anos e já rodaram o mundo, de palco em terra firme a navio de cruzeiro. É o tipo de bagagem que aparece nos arranjos sem precisar de legenda. Foram eles que traduziram em música o que o cantor queria dizer, e Sansi faz questão de dar o crédito: eles "**retrataram perfeito ali tudo que eu queria colocar naquele trabalho**".

Há ainda a parte que todo artista precisa administrar, a proximidade com o público que muitas vezes se traduz numa espécie de idolatria. Sansi tem uma leitura lúcida sobre isso. Para ele, não existe proximidade real de fato nas redes, "**uma porcentagem muito pequena**". Por trás da tela tem um artista (*um ser humano*) que entrega algo honesto, mas nem sempre o receptor da mensagem está preparado para toda aquela possibilidade de contato próximo.

Essa proximidade concede uma permissão que vai além da simples admiração: "muitas vezes, o artista, ele pode tudo, e isso é muito complicado." Por isso, a responsabilidade pelo que diz e faz, segundo ele, cabe a quem ocupa o lugar enquanto artista.



O ano de 2026 tem muitas novidades: o audiovisual do show ao vivo, a estreia no Multishow, o clipe "Eu Sou Assim" passando no Canal Bis, além de um EP de quatro faixas inéditas que virá acompanhado de uma mini tour Rio-São Paulo.

Vinte anos de estrada no ano que vem, e Sansi resume o motor da coisa toda numa frase:

"a arte não é uma coisa que eu tô escolhendo, é uma coisa que eu sou."

Ele promete só o "**meio passo a mais**" por vez. Pela régua que vem cumprindo, é passo suficiente. Que continue mandando o escritório trabalhar até tarde.



André Sansi em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

André Sansi faz música desde 2012 e no ano que vem completa duas décadas vivendo disso, sem gravadora, sem atalho e com uma clareza sobre o próprio ofício que costuma faltar a artista com dez vezes o seu público. Foi o cara que vendeu mais de 2.000 CDs na mão pelos bares de São Paulo, virou o "André do barzinho" de voz e violão, e agora se reapresenta com "Vou Cantar (Studio Session)", disco gravado no Estúdio Jacarandá que marca a virada de estética e de ambição da carreira. Radicado na Espanha há dez anos, banca o próprio autoral com o dinheiro do trabalho e, nesta entrevista fala de gestão financeira, de emoção e como as duas coisas convivem. Nos revela os espaços que faltam ao independente, a tal briga interna entre o artista e o "escritório", e por que a arte, no caso dele, nunca foi bem uma escolha.

Dissonância: André, você é frequentemente citado como um exemplo de resiliência na música independente, tendo vendido anualmente mais de 2 mil cópias do álbum “Eu Sou Assim”. O que você traz hoje dessa experiência? Faria de novo?

André Sansi: Gostei do “frequentemente citado como exemplo de resiliência”. Obrigado por isso. Sobre essa experiência dos dois, mais de 2.000 discos que eu vendi, é assim, o primeiro disco que eu lancei, o “Eu Sou Assim”, foi em 2012 que eu produzi, ficando pronto 2013. E aí eu fazia os barzinhos por São Paulo. Então, eu fui vendendo nesse boca a boca, ali nos barzinhos, nas mesas, que eu tocava, eu toquei, por muitos anos eu toquei na rede do Bar Brahma em São Paulo. Então, é uma rede que próprio pessoal que já acostuma aí, né? Dos clientes do bar mesmo, da rede inteira, eles tinham muito essa questão de “ah, meu, puta, a gente gosta muito do seu som, você não tem um CD e tal”. Na época, parece antigo falando, mas é verdade que na época valia muito a pena, na verdade. Porque a gente fez umas tiragens e aí viu que se fizesse tiragem maior, daria um espaço de lucro maior também. Então, acabei fazendo primeiro 1.000 e vendendo e tal, R\$ 10,00 que não era um preço incrível, que era um preço bem justo, na verdade, para a época. E nos bares, e, pô, se você pensar, vendi mais de 2.000 a R\$ 10,00, o dinheiro que isso me trouxe de volta, tirando despesas e tal, me ajudou muito a continuar, sabe? Então era realmente, falando da parte financeira, do trabalho, porque existe essa gestão financeira, a gente precisa deixar cada vez mais clara que ela existe, a gente precisa falar disso, porque, claro, a parte musical, a parte da arte é muito bonita, muito legal da gente ficar citando e tal. Só que para que ela aconteça de uma maneira leve, para que ela tenha espaço para acontecer, essa outra gestão, que eu chamo de “escritório”, precisa estar acontecendo. E, enfim, no nosso patamar como artista independente, quem tá começando, a gente que faz tudo, né? Então a gente precisa aprender também a fazer um pouco disso. E me ajudou muito, voltando a parte dos CDs, me ajudou muito nessa parte, sabe? Realmente, ajudou, se eu faria de novo? Se tivesse espaço eu faria. Faria porque a gente hoje tem bastante investimento para deixar pronto, que seja um single, vamos falar do plano mais básico, pra chegar numa audiência que é o single, que é apenas uma música ali, o investimento não é baixo e pra ter qualidade. E aí depois tem a divulgação e tudo. Então, pra ele chegar, até chegar nesse ouvinte, o investimento não é baixo e o retorno é muito baixo. A gente tem as plataformas de streaming que são nosso maior caminho hoje, pagando aí muito pouco. Ou seja, para eu recuperar o que eu gastei em uma faixa, demora, demora muito. Então é muito complicado. Sendo que a gente na verdade só quer um

espaço onde seja valorizado. Onde vale a pena, onde, no fim das contas, eu falo, “não, tá tudo bem! Eu não, eu não empatei ainda, né?”; que é muita pretensão a gente achar que vai empatar nos valores logo no começo do trabalho, como investimento de uma empresa, como qualquer investimento de um trabalho outro, né? A gente vai ter o caminho reverso do dinheiro, ou seja, vai voltar com o tempo que ele tiver que voltar, mas a gente vê as plataformas de streaming se aproveitando muito, e aí a gente acaba ficando de total mãos atadas, porque hoje em dia não existe um outro paralelo para você chegar no ouvinte, entende? Não existe o CD, não existe a fita, não existe o disco, quer dizer, existe, mas, por exemplo, disco que tá voltando, se tornou souvenir de alta qualidade, sabe? É uma parada muito para os artistas que estão lá consagrados, os caras lançam um disco e fica: “Nossa, eu tenho o disco do Djavan, eu tenho o disco da Isa, sabe? Eu tenho o disco da Liniker agora. Que é incrível, né? E tomara que isso ganhe força realmente. Mas é complicado você depender apenas disso. E aí você tem outra maneira que seria as rádios, que também é bastante complicado a gente entrar como artista independente. A gente tá falando de investimento também, enfim. E aí, é são mais valores que se vão para poucos valores que voltam. Porque o da rádio a gente também não recebe muito. Claro que o foco final da rádio é o show, que aí que é onde eu acho que o artista quer e merece ter o a verba de volta.

Dissonância: Como artista independente, você assume múltiplos papéis, da composição à divulgação. Qual é o maior desafio e a maior liberdade de construir uma jornada sem o suporte de grandes gravadoras?

André Sansi: Até falei um pouquinho na pergunta 1 aí, né? Sobre essa questão que eu chamo de “escritório”, que é essa parte do financeiro, quanto a gente vai ter, o que que a gente pode fazer, o quanto a gente aguenta fazer, por quanto tempo essa gestão de estratégias, financeira. No lançamento do Studio Session, eu tive ajuda de um escritório que me ajudou muito, na verdade, nesse planejamento do lançamento, de como a gente foi fazendo, de como a gente foi ganhando público antes de mostrar o lançamento, aquecendo o público da internet, focando muito no Instagram, que é, até agora foi o meu maior foco. Pretendo agora começar a fazer mais duas frentes. Mas falando sobre essas gestões, é isso, acho que essa parte do escritório a gente precisa estar alinhada. Vou falar de mim. Para mim ela precisa estar alinhada porque senão eu fico muito preocupado se a parte da arte vai ter o espaço que eu quero que ela tenha. É como se uma parte minha de administrador quisesse deixar tudo pronto pra parte do artista, falar assim:

“Ó mano, vai lá. Você tem passe livre. Você tem o espaço, a gente vai conseguir o espaço. Então, fica à vontade, sabe? Cria que vai ter um lugar pra você mostrar isso”. Acho que eu fico muito preocupado com essa, com essa questão, sabe? Sobre um caminho, como que eu vou chegar nas pessoas que eu quero chegar. Entende? Então existe um lado muito bom que é você simplesmente fazer a música do jeito que você quer fazer ali, com as pessoas que você trouxe para completar o time, como o produtor e tal. Trabalhei no meu EP, trabalhei com o Fábio, que foi incrível, o Fábio Cadore, também um artista de São Paulo e também produtor. E no Studio Session, trabalhei com os diretores musicais, que foi o Marcelo Pisotte e o Jonas Lemos, que é o tecladista e o baixista. E o Caio, que fez toda a direção do projeto geral, do som, cenas, enfim, toda a outra parte das direções, estúdio e tal. Então a gente acaba abrindo, claro, e aproveitando da experiência deles. Então, essa troca para mim é muito boa, porque não é uma troca onde a gente tá à mercê, simplesmente, 100% do outro lado. Eu não sei como seria com uma gravadora, porque eu nunca trabalhei com isso, mas a visão que eu tenho é que elas, nosso poder de fala, ele diminui muito com a gravadora, talvez por pensar que são eles que, basicamente, vão pôr o investimento maior, financeiro, eu tô falando. Então, acaba eles tendo uma voz mais forte. Talvez o fato do independente, a gente concentrar tudo na gente, nos dê essa liberdade. O que falta, por outro lado, esse impulsionamento financeiro que talvez as gravadoras vão dar, e não só de investimento financeiro, mas de contatos, que também é muito, né? A gente não tá falando de dinheiro investido, mas a gente tá falando de portas abertas, né? Que isso é bastante.

Dissonância: O DVD Vou Cantar – Studio Session, dirigido por Cayo Felipe, inaugura um novo formato de show para sua carreira. O que o público pode esperar dessa nova estética que mistura MPB, pop e folk?

André Sansi: O Studio Session, ele veio exatamente para marcar essa mudança na minha carreira, no sentido de como as pessoas vão me ver daqui para frente. O que eu quero dizer com isso é, durante muito tempo, quem esteve ao meu redor, e me acompanhou até aqui – o ano que vem eu completo 20 anos me dedicando à música, fazendo disso minha profissão, minha vida e tal – quem esteve comigo nesse processo inteiro, viu por muitos anos o “André do barzinho”. Então era o voz e violão. Então tudo que tinha meu na internet era muito dos bares, ou do voz e violão cantado em casa, né? Com alguns quadros que eu ia fazendo no Instagram, no YouTube. Então o Studio Session foi exatamente para mostrar que eu quero mais, que eu tenho mais, e que eu sou mais do que aquilo. E eu quero

ocupar outros lugares. O Studio Session veio exatamente para fazer esse marco. O que já deu, já abriu as portas para o segundo trabalho audiovisual que vem, que é um show ao vivo gravado agora em fevereiro de 2026, que a gente vai lançar ainda esse ano. Um show que leva parte das músicas do Studio Session com algumas músicas covers que fazem parte dessa trajetória toda da minha vida, que são muito importantes para mim, músicas que eu sempre quis cantar assim com banda e tal. Traçando um momento de criar o meu show, sabe? Que foi um passo muito incrível. Foi um processo muito incrível, esse passo a passo criando o show desde o começo. Já, essa experiência também uma experiência que eu quero ganhar com o tempo, porque já fiz bastante shows com outras bandas, mas nunca foi o meu show. E dessa vez era o meu show. Então, foi muito legal, foi muito diferente criar isso desde o começo, aprendi umas coisas, errei em outras coisas e a gente vai melhorando passo a passo. E esse segundo passo aí logo após o Studio Session que vem esse ano, que é o, o DVD ao vivo de São Paulo, show ao vivo. Cara, o show tá incrível, já tenho recebido aqui os materiais da edição, e tá incrível, tô muito feliz e já começo a ficar ansioso para esse lançamento também.

Dissonância: Você gravou esse projeto no Estúdio Jacarandá, em São Paulo, buscando um registro "sem filtros". Como foi essa sensação de registrar canções de forma tão próxima ao microfone e ao coração?

André Sansi: Pô, Studio Session foi, nem sei explicar, foi um momento incrível, eu lembro que a cada música que a gente fazia, em algum momento eu me emocionava. Eu me emociono muito fácil mesmo. E a gente tinha que parar, e voltava a cena, sabe? Porque eu não conseguia cantar ou porque, enfim, não queria demonstrar aquilo naquele momento, nas gravações, eu digo. Então, eu sentia o que eu tinha que sentir, depois a gente refazia, tá tudo bem. Mas foi incrível, cara, foi de verdade. A dedicação da banda, como eu falei, o Marcelo Pisote, o Jonas Lemos, que foram os diretores musicais, eles que criaram os arranjos, me ajudaram em toda essa parte. São pessoas que me conhecem há muito tempo, já. E, mais de 10 anos, a gente já trabalha junto, trabalhou junto e tal. Além de amigos, e retrataram perfeito ali tudo que eu queria colocar naquele trabalho, somaram muito com as experiências que eles têm. Já tocaram com muita gente famosa, já tocaram pelo mundo inteiro trabalhando tanto em terra nos países, quanto trabalho de navio de cruzeiro. Então eles têm muita experiência musical de vários estilos. Foi muito legal e o Studio Session foi um passo que foi me dando certeza, sabe? Foi um passo que foi me dando certeza de que é isso que eu quero fazer pra mim, cada vez mais. Quando as coisas

acontecem, quando o próximo passo chega, eu tenho essa sensação de que, cara, é isso que eu quero, é aqui mesmo o meu lugar, é isso que eu quero, é isso que eu amo fazer, eu me emociono mesmo pra caramba. E, da mesma maneira que aconteceu isso lá no Studio Session, a gente teve um dia de ensaio com a banda e o outro dia a gente já foi gravar. E o dia inteiro ali vivendo aquilo foi incrível. E da mesma maneira que eu me emocionei ali, eu me emocionei muito no show de fevereiro desse ano, ali, gravando esse ao vivo de São Paulo. Eu me emocionei demais, e em vários momentos eu tinha essa certeza de que aquele é o meu lugar, é ali que eu quero estar, é ali que eu quero viver a minha vida, é disso que eu quero viver, sabe? São essas sensações que eu quero passar e receber, sabe? Ver as pessoas ali se emocionando na plateia com as músicas, putz, foi incrível, foi incrível.

Dissonância: A mídia já citou teu trabalho como estando no grupo de "vozes que o silêncio não cala". Como você recebe os relatos de fãs que encontram em suas letras um suporte emocional para momentos difíceis?

André Sansi: Ah, cara, essa é, talvez, a melhor parte do trabalho, saca? Talvez. Existe uma parte que é a que acontece dentro da gente, assim, com o que a gente faz o trampo. A música sai, ela passa por mim, a letra, a melodia, a música vem, ela passa por mim, se torna ouvida. Aí a gente passa pro processo de produzir a música de alguma forma – já passei por diferentes formas –, e aí, depois, a gente lança a música e ela chega nas pessoas. Eu acho que quando ela tá pronta, ou nas primeiras vezes que eu escuto a música, as versões dos produtores, é quando eu tenho a essa sensação de... cara, não sei explicar, mas é o tocar o céu, sabe? Assim, o bagulho de "que incrível", sabe? E eu me emociono mesmo. Em quase todas as músicas que eu já lancei, quando eu ouço pela primeira, ouvi pela primeira vez, eu me emocionei. Já pronta ali com a produção. E quando vem esse feedback do ouvinte, do quanto aquilo foi importante para ele, o quanto mudou para ele. Acho que é a segunda vez, sabe, que acontece esse "tocar o céu de novo", é uma parada que você entende propósitos, eu acho. Acho que aí fala de propósito. Acho que aí fala sobre você tá no lugar certo que tem que estar mesmo, na hora certa, sobre você estar ocupando um lugar e procurando um caminho que realmente é o seu. Eu me preocupo muito com isso. Eu e a Ju, a Ju, minha esposa, que também é cantora. A gente conversa muito sobre. Isso é uma preocupação, e quando vem o feedback, é a certeza. É a certeza de que a gente tá fazendo o caminho certo. O que eu falo é, assim, eu torço muito para eu não ser, não atrapalhar nada. Só penso nisso. Eu falo, "cara, não quero atrapalhar nada do que seja feito através de mim". Olhando pro

lado espiritual mesmo. Eu acredito que a gente venha com propósitos e eu só não quero atrapalhar, sabe? Quero ficar aqui realmente cada vez mais aberto pra que esse caminho que eu tenha que viver, ou que eu sirva para viver, eu faça com tudo o que eu que eu tiver, com toda a força que eu tiver, com todo o alcance que eu puder dar. Eu lembro de alguns relatos assim, principalmente na pandemia, quando eu lancei um single lá que era, "Não É À Toa", que era uma música mais divertida, num momento tava muito difícil, o mundo inteiro. E não sei por que, mas eu tive vontade de fazer aquela música, e quando lancei, tive vários relatos de que aquela música realmente ajudou naquele momento tão difícil para todo mundo. Estava todo mundo muito pesado, o momento era muito pesado. Estava todo mundo sentindo esse momento pesado, eu acho. Então a música, recebi relatos de alívio, de pessoas que estavam pensando em coisas piores e a música segurou a cabeça deles. Sentiu um pouco de vida através da música ali. Então foi muito legal. E, além disso, até hoje, relatos que eu tenho, que eu vejo, que dão muita força, porque nesse processo todo do independente, tem muitos altos e baixos. E quando tem esse processo de, nesse momento que a gente tá baixo astral assim, que tá pensativo, eu prefiro me recolher e tentar entender o que que tá acontecendo, e aí, é quase que uma lei assim da vida de que nesses momentos é quando eu mais recebo alguma mensagem de carinho com as minhas músicas, de atenção com as minhas músicas. E aí dá muita força. Dá muita força, dá mais vontade de falar assim: "tá vendo? É isso, cara, vai lá, volta, saca? Vai lá, que o seu caminho tá ali". É muito legal isso.

Dissonância: Nas redes sociais sua presença é reconhecida por uma voz suave e intimista. Para você, as plataformas digitais na constroem "conexões reais" ou podem escravizar o artista em busca de cada vez mais engajamento?

André Sansi: Ah, eu fico muito feliz com essa leitura das pessoas, da minha voz, do que eu passo para elas. Eu realmente gosto muito de falar sobre sentimentos, principalmente levando sempre as pessoas para esses sentimentos mais leves. Sempre foi um tema da minha vida, não é a questão da música, mas sim que é uma questão da minha vida mesmo, é a maneira com que eu gosto de direcionar a minha vida. Então acho que a música é só mais um, mais um lugar que isso acontece. É muito legal ter essa percepção das pessoas, saber dessa percepção das pessoas dessa forma, quando me escutam. As redes sociais, é muito complicado com essa questão de conexões reais. Acho que real é uma porcentagem muito pequena, se a gente for falar sobre proximidade real. Agora, tudo que passa por nós é real. Então a música que eu lanço, que as pessoas escutam, ela tá ali de maneira honesta e

real para aquelas pessoas. Então, depende de como a gente olha para isso, existe realidade na situação. Agora, essa procura por proximidade artista-público, eu acho que é sempre muito delicado, na verdade. Eu acho que é sempre muito, muito delicado, porque, principalmente no Brasil, a gente tem uma característica de idolatria muito forte. E não digo que é um problema pela parte em si, da idolatria, mas é um problema porque dá permissão para muitas coisas. Então, muitas vezes, o artista, ele pode tudo, e isso é muito complicado. Ao mesmo tempo que eu acho que os artistas também, os que são realmente, que dão validade para isso, tem que ser muito responsável com esses lugares onde eles são colocados. Isso é uma preocupação minha muito grande de estar sempre me responsabilizando pelo lugar que eu alcance. Esse lugar hoje que acontece, das pessoas me ouvirem, gostarem do que escutam e fazer bem a elas, pô, cara, isso é incrível. Tomara que isso aconteça e aconteça cada vez mais, tomara que isso se siga cada vez mais. Mas existe uma responsabilidade, dos assédios, existe uma responsabilidade sobre assuntos que podem vir a acontecer em alguma entrevista, por exemplo, e você saber se portar nesse mundo onde qualquer virgula mal colocada vira um desastre, um julgamento perverso, enfim, que é muito complicado isso. Então, as redes sociais, eu acho que existe um lado muito bom, que é você ter tudo ao seu alcance, você tem todos os assuntos ali para você, você tem conexões, aproximações com pessoas, proximidades com artistas, que você não teria em outros tempos, mas que as pessoas têm que entender que a vida ainda é fora do celular. Eu acho que a vida é fora dessas redes sociais, a vida, ela é muito, muito bonita, ela é muito grande para ser vivida só ali dentro, assim. Eu acho que você ter aquilo como portas, janelas do mundo, isso é incrível. Para ter contato com temas diferente, assuntos diferentes, o mundo vai ficando cada vez menor com isso, mas que a gente tem que só usar isso, acho que a nosso favor. Tem que aprender a usar isso a nosso favor, de saber quando isso não tá fazendo bem pra gente, por comparações, porque é muito fácil a gente se comparar às vidas perfeitas que a gente vê às vezes na internet, que nenhuma vida é perfeita, sabe? A gente entender que a vida que a gente tem aqui é o melhor que tá acontecendo, e se eu quero mais, eu vou lá e melhoro. Enfim, acho que é mais por aí.

Dissonância: Existe alguma coisa no mercado musical que te causa perturbações? O que você incentivaria os artistas a fazerem diferente?

André Sansi: Eu acho que o que me causa mais perturbação são os espaços mesmo, que nem eu falei em perguntas anteriores sobre as plataformas de streaming que, para esse setor do independente, acaba sendo o principal caminho pra gente chegar no ouvinte. Por exemplo, eu vou falar, o próprio Spotify, que é talvez o principal, ou um dos principais, mas o principal veículo de escuta, de streaming, se eu não me engano, é um dos que menos paga por streaming, e quando ele tem algumas vantagens, as vantagens dele, por exemplo, do counting para o lançamento sempre exige uma quantidade já grande de ouvinte ou de trabalho ou de lançamento. Ou seja, nunca é para quem tá realmente começando. Então, esse começo mesmo, ele é muito cansativo, porque parece que ninguém quer te ajudar a começar, e quando você já tiver no meio do caminho,

todo mundo vai estar ali para, entre aspas, "se aproveitar" de alguma maneira de você. Então, esse, eu acho, que é uma das partes mais difíceis, perturbadoras desse trabalho, esses espaços. Depois você vai para rádio, onde, também, as grandes rádios, como que eu chego numa grande rádio? Numa Nova Brasil? E tenho realmente um espaço que eu possa mostrar a minha música para alguém, para que esse alguém possa, no mínimo, me dar um espaço ali em algum programa? Se tiver de acordo nos padrões deles, né, claro. Então é complicado. Isso é muito complicado. A outra parte do trabalho não me perturba em nada, porque eu acho que a gente tem que trabalhar mesmo. Talvez canse, que é uma outra questão. Talvez sim. Eu quisesse menos do trabalho do escritório para eu poder ter mais do artista. Para eu liberar mais o artista. Muitas vezes eu fico muito preso no escritório e o artista vai sendo encarcerado. Ele vai ficando podado. E aí, eu pouco a pouco vou buscando e soltando, entendendo, aliviando a cabeça. Eu fico muito preso nessa questão do escritório. Então, acho que, não digo que é uma perturbação, mas existe um cansaço, existem momentos que realmente eu não queria cuidar disso, ter que cuidar disso e ter pessoas ao meu lado que simplesmente trouxessem caminhos e soluções e a gente sentasse e conversasse e saísse dali já com o caminho tomado e que essa pessoa cuide dessa parte para eu poder me dedicar à outra. Acho que seria mais legal. Uma perturbação também, que é basicamente o mesmo tema de espaços, é o "são os espaços mesmos que são para as pessoas independentes", para os artistas independentes. É muito complicado, tanto que eu tenho cada vez mais pensado em criar os meus próprios espaços. O que eu quero dizer com isso é que, por exemplo, nesse show de fevereiro, eu fiz um autopatrocinio mesmo. Juntei a grana em 2025, fui buscar um teatro em São Paulo, o qual pudesse pagar. Fizemos um acordo de porcentagem de bilheteria, banqueei cachê da banda, banqueei som e luz, a gravação do áudio, as câmeras para gravar o DVD. Então, da mesma forma que foi o Studio Session, também foi um autopatrocinio, e eu acho que a gente tem que cada vez mais criar isso. Entendo que é muito complicado, que você acaba falando de potência financeira e não é todo mundo que tem, conheço artistas que têm muito mais do que eu, mas eu acho que é sobre você fazer o que tá ao seu alcance e sempre, sempre há. Eu já fiz show em teatro quando eu não tinha nada, quando eu não tinha grana perto do que eu tenho hoje, com frutos do meu trabalho mesmo. E aí eu volto na parte do escritório, que isso é gestão financeira. É entender quanto eu ganho, quanto eu quero separar daquele salário por mês para eu juntar e, no fim do ano, eu ter essa grana para falar para um teatro: "Meu, quero esse espaço, vamos fazer um acordo aqui?". Então, acho que sempre dá. Eu não coloco isso como desculpa. Eu acho que não tem espaço mais pra gente, pra gente ter isso como desculpa. A arte no Brasil, ela é difícil. E se isso já não é uma escolha, porque a arte não é uma coisa que eu tô escolhendo, é uma coisa que eu sou. Então, eu não tenho tempo, não tenho espaço pra ficar me desculpando. Não tenho esse espaço, não tenho esse tempo. Então é entender que o jogo é difícil. Muitas vezes, quando bate, a gente tem que tem que sentar mesmo e dar um tempo, sentir. Não tem problema nenhum nisso, mas voltar, voltar entendendo como corrigir os percursos. E aonde eu posso ir agora? Acho que sempre dá para dar um passinho a mais, sempre

dá para dar meio passo a mais. Isso é sempre possível. E é só isso que eu vou fazer. Eu vou sempre estar buscando esse meio passo, esse um passo a mais em cada momento da carreira, por mim. Principalmente por mim. E aí acredito que com isso, eu posso levar a minha arte para mais pessoas, chegando a mais pessoas, cuidando, por assim dizer, de mais pessoas através da minha música.

Dissonância: Hora do spoiler. O que os fãs podem esperar para o futuro de André Sansi?

André Sansi: Ah, que demais essa pergunta, obrigado. Bom, ainda esse ano devo lançar o audiovisual do show ao vivo, esse de São Paulo, de fevereiro. Foi muito bom. O material tá lindo, já tenho recebido aqui todo o material, o áudio e o vídeo. E a gente tá fazendo as melhores escolhas e tal, tá editando, fazendo os detalhes. E tá muito bonito, de verdade, tá muito bonito, já estou bastante ansioso, na verdade. Pro ano que vem tem um EP, um pequeno EP de quatro faixas, inéditas também. E falando do começo do ano, que é o período que eu saio aqui da Espanha e vou para o Brasil. A ideia já é fazer uma, pelo menos uma mini tourzinha, uma mini tour, já com alguns shows. E eu estou já me movendo, nesse sentido, e tentando, principalmente Rio-São Paulo. Vamos ver as oportunidades que vão aparecer. Se Deus quiser, vai dar bastante certo e a gente vai poder se encontrar ao vivo aí.

Dissonância: Hoje você reside na Espanha. Qual a principal diferença para um artista independente entre o Brasil e a Europa? E quando teremos novos shows de André Sansi no Brasil?

André Sansi: Sim, eu moro na Espanha já 10 anos. Esse ano, inclusive, a gente completou 10 anos aqui. Aqui nós temos um grupo musical, um outro projeto, que sou eu, a Ju, minha esposa, que também é cantora, e o irmão dela que é baterista. A gente tem um trio, que a gente toca bastante em barzinhos, pubs por aqui e tal, casamentos, festas também. Mas o repertório é outro repertório, música internacional, música para dançar mesmo, como se fosse banda baile aí de São Paulo, do Rio, que tem muito. No Brasil tem muito. Então, o projeto, na verdade, tá nesse setor, o que viabiliza a parte financeira – voltando a toda a falar do escritório –, viabiliza a parte financeira para eu poder investir e fazer os meus planejamentos aí, mesmo que numa velocidade, não é a velocidade, que eu gostaria, dos investimentos e as conquistas do André Sansi, como artista. Ainda não acontece na velocidade, talvez que eu quisesse, mas já é possível, sabe? Então, eu sou muito agradecido a poder estar aqui, essa oportunidade de ter vindo para Espanha, morar aqui, ter uma vida bastante decente e, principalmente, poder viabilizar o sonho de verdade, viabilizar o sonho de ter minha carreira, de ter minhas músicas, de pouco a pouco, passo a passo e crescendo e encontrando o meu público. Então, é muito bom tá aqui. E, se Deus quiser, o planejamento, na verdade, é que a cada começo do ano, pelo menos, eu faça uma viagem, todo início de ano, eu vou pro Brasil e vou fazer shows. E, no decorrer do ano, aí já são outros projetos que eu tô tentando com Lei Rouanet, com leis de incentivo, e acontecendo, eu não tenho problema nenhum, eu vou amar sair daqui e também fazer um algumas viagens durante o ano para o Brasil para a gente se encontrar por aí.

CAMILA BALBUENO

CANTA AMOR E MATA A SAUDADE

Por Tião Folk

"Chamego" saiu em 12 de dezembro de 2025, três minutos e vinte e dois segundos, e não é o último lançamento da cantora. Mesmo assim escolhi falar dele, porque esse foi o primeiro lançamento de um álbum que está saindo do forno aos poucos, por isso tem uma relevância histórica para a Dissonância.

A partir daí virão músicas que falarão de saudade de um jeito muito particular da Camila, pois ela é uma cantora que afirma cantar "amor e mato a saudade". E parece que ela entende bem do assunto.

A faixa é um feat com o cantor e compositor Badu, produzido em Porto Alegre por Leonardo Cassiano, no Ala B Estúdio.

O que a canção faz, ela faz com calma. Descreve o afeto pelos pequenos gestos, o conforto e o cuidado de quem está por perto. A própria Camila resume o disco que vem por aí como "canções autorais que investigam diferentes formas de amar e existir", passando por afeto, memória, corpo, saudade e vulnerabilidade. E aqui vale um parêntese sobre a saudade (que é onde a gente vai chegar).

Camila é uma cantora que diz cantar amor e matar a saudade. Quem acompanha o trabalho dela sabe que ela realmente vive nesse território, do "Teu Nome É Saudade" ao "Acústico Pra Matar a Saudade". Por isso escolhi falar de "Chamego" mesmo não

sendo o lançamento mais recente dela. Essa faixa abriu o álbum, e é dela que vão nascer as músicas em que a Camila conta a saudade do jeito particular dela.

Não costumo fingir neutralidade quando gosto de um canção; e posso afirmar que a qualidade da faixa, para mim, é incontestável, e boa parte disso passa pela voz. A Camila entrega uma performance que nos dá paz ao ouvir e "Chamego" tem essa qualidade de sentar do teu lado e ficar, sem pressa e sem tentar te convencer de nada. Esse é um tipo de intimidade que a canção entrega ao ouvinte.

Fico de olho no que vem depois. Se "Chamego" é o começo, dá vontade de ouvir o disco inteiro.

VELHOS DEMAIS

E A TORMENTA QUE VIROU MÚSICA

Por Valter Dias

Meu Spotify parece um velório animado, cheio de acorde menor e gente sussurrando desgrça bonita. Então uma música que começa numa tormenta já me ganha antes do refrão. "Após a Tormenta", single que a Velhos Demais soltou em 17 de agosto, faz esse caminho na minha frente, sai do céu cinza e vai abrindo pro sol, e eu fui junto sem reclamar, de olho na tormenta.

Mas antes cabe um comentário sobre a história, porque ela é boa. Vini Cândido contou que a canção nasceu lá em 2011, em Londres, três meses depois de largar tudo no Brasil, no meio daquela dúvida pesada: será que eu fiz a escolha certa?

Um dia cinza qualquer, um almoço num shopping de teto panorâmico perto da London Eye, o céu abrindo depois de semanas fechado. Ele botou a angústia no papel e fez uma letra que refletia aquele momento de esperança e paz que ele sentia. A música ficou guardada na gaveta por quase quinze anos. Agora saiu pro mundo pela banda. Não sei vocês, mas esse tipo de linha do tempo me deixa feliz.

E o som da banda segue reconhecível. De velhos, eles não têm nada. A guitarra fica no tom médio puxando pro agudo, o solo bem marcado caminhando junto com o vocal, a bateria com espaço pra respirar. O baixo continua sendo o molho que dá a pegada de rock jovem. A diferença aqui é o clima. "Após a Tormenta" é a fase mais madura do grupo (*reparem que eu disse madura, não velha*), com aquela mensagem direta, focada. Há que se ter em mente que o grupo já passou por várias pancadas na vida, e conseguiu chegar aqui inteiro, como diz o refrão: *"após a tormenta é que vem a paz, depois de sofrer, tô feliz demais Se você souber esperar e acreditar..."*.

No mesmo dia a banda lançou, no Instagram, um clipe da música, pacote completo. Não é bem um clipe oficial, mas já traduz em imagem a proposta jovem da

banda. Vale a pena conferir no perfil oficial da trupe.

São exatos três minutos e vinte e sete segundos que entram na chuva e saem no sol. Aumenta o volume, espera a tormenta passar e me conta se o sol também apareceu aí do seu lado.



CHUENGUE

NEWTON CURTIU ESSE DISCO

Por Tião Folk

Chuengue soltou "Névoa-Nada" em 16 de agosto de 2024: cinco faixas, dezesseis minutos e dezesseis segundos (não inventei a simetria, ela tá lá) e o talento de fazer muito com pouco. A duração é de EP, a densidade é de tese de mestrado.

Pra quem chegou agora: Chuengue vem da cena carioca, passou uma década na edição audiovisual, tocou na Cafefrio e neste EP de estreia assina todas as composições, entra com voz e flauta transversa e se cerca de bons músicos, com produção de Hugo Noguchi. A raiz é MPB com uns tremores psicodélicos, o que já explica a mania saudável do disco de não parar no lugar esperado.

Sendo direto sobre a minha impressão: "Névoa-Nada" é denso, cheio de camadas. Não posso carimbá-lo como jazz (os puristas viriam me caçar de contrabaixo em punho e palavrões chiques), mas chega tão perto, mas tão perto, que a banda subiria num festival jazzístico tranquilamente, ninguém pediria o RG na porta. "O Nascimento do Universo" um tanto cósmico, "Frames" e "A Torre Mais Alta" dão uma textura empilhada, e "Eu Tenho Que Voar" fecha devagar e sem pressa.

O melhor exemplo é "Acerca da Maçã". Chuengue fala de amor usando gravidade, aceleração e Movimento Retilíneo Uniforme, como engenheiro de profissão, me senti representado. É paixão explicada por Newton, uma queda (dessas com física envolvida) sobre um violão que beira o samba, na levada que ele apelidou de "bossa que é quase um bolero". Se essa maçã cair na sua cabeça, o refrão vai ficar latejando igual um galo.



E é por isso que estou de olho no passo seguinte. A turma registrou uma Live Session que funciona como ponte: revisita três faixas do EP e ainda emenda uma inédita do próximo disco, "Carta Ambiente". Enquanto escrevo esse texto, os vídeos ainda não estão liberados ao público, mas garanto que são sensacionais (sim, eu já vi. Morram de inveja).

O que começou como projeto de estúdio com convidados ganhou formação fixa. Chuengue agora encara o palco de guitarra na mão, ao lado de Hugo Noguchi (que subiu de produtor a diretor musical), Robson Riva na bateria e Dony Von na guitarra, sob direção de imagem de Pedro Knoll e Lucas Rangel.

E dá pra ouvir o crescimento. As mesmas canções que no EP eram experiências delicadas de laboratório ganham músculo ao vivo, com aquela margem de risco que só um grupo confiante topa correr. Se no disco a maçã caía em câmera lenta, na Live Session ela já está no chão, madura, pronta pra virar outra coisa. E olha que nem cheguei em "Carta Ambiente", que fica pra próxima matéria (spoiler: vou querer escrever).

Já voltei umas quantas vezes a "Névoa-Nada", e ele segue me entregando detalhe novo a cada rodada. Vindo de alguém que passou dez anos editando imagem, faz sentido: o cara sabe o que cortar. Bota no fone, sobe o volume e deixa a maçã cair. A física do resto fica por conta dos seus ouvidos.



Fantasmas de Plutão - Mentiras Sinceras

Coloquei o fone e deixei The Secret of the Universe rodar do começo ao fim. O EP abre com um prólogo de piano e violinos que fecha numa frase que acho interessante mencionar: "do pó viemos, ao pó retornaremos". Aí entra "The Witness" e vira metal clássico daquele jeito que a gente tá acostumado, daquele de bater batendo cabeça e deixando os boletos pra próxima semana.

Adam Fauze montou um conceito ambicioso, um ser interdimensional narrando o surgimento do universo até o fim, com ciência e religião se cruzando.

"Transcendence" puxa pro hard rock e pergunta se surgimos ou fomos criados. "Echo of Creation" traz a ideia de existir outro você em outro mundo (quem nunca pensou nisso?). "Infinity Cycles" fecha melancólica e explosiva.

A voz do Adam é potente, de metal de raiz. Pra mim, um dos trabalhos de metal mais completos que ouvi em julho, e olha que ouço bastante. Vale ouvir os EPs anteriores também. O trabalho saiu pelo selo Bolacha Música, de São José dos Campos. Dá o play e me diz se bateu aquela saudade dos shows.



Claudiah - Revolt

Sempre me chama a atenção quando encontro artistas que sabem exatamente quem são. Isso fica perceptível na forma como seu timbre é único de diferentes formas, quando canta. Esse blues chegou cheio de autoridade na proposta "Revolt", novo single de Claudiah em parceria com Fernando Baeta. O refrão "Stand Up, Revolt", a gente pode tranquilamente taxar como grito de guerra, resumindo em um bordão toda a força que o conjunto da ópera trás.

Também gosto de perceber quando uma banda conquista uma sonoridade precisa. Cada instrumento ocupa seu espaço com naturalidade, é bom ver a criação de um groove charmoso. Nada parece exagerado, nem mesmo a super qualidade da gravação; tudo trabalha para fortalecer a força interpretativa da cantora.

Assisti a alguns vídeos da cantora e ficou evidente a firmeza diante do microfone, o ouvinte sente a segurança da performance. Também pudera, não estamos falando de uma iniciante nas artes musicais, estamos falando de uma artista multifacetada, que canta, toca, atua e está acompanhada de uma banda totalmente preparada para essa identidade em qualquer lugar do mundo.

No fim, "Revolt" mostra porque personalidade se constrói nos detalhes. Quando voz, banda e atitude caminham na mesma direção, o resultado ganha consistência e permanece evoluindo.



Matheus Lanes - Changes

O que me chama a atenção é uma textura sonora moderna, com aquele brilho dos anos 80 que revelou grandes artistas. Em "Changes", Matheus Lanes mostra potência vocal e domínio de técnicas pop que dão ao seu som um pacote completo. Gigante.

Mais do que seguir um padrão pop, gosto quando a música encontra espaço para avançar. Aqui, tudo é muito bem construído, mantendo o movimento enquanto a canção cria um ambiente para pensar e viver as mudanças que atravessamos constantemente.

A produção abre caminhos para a voz, para a melodia e para uma sonoridade que se movimenta com liberdade. Existe uma ousadia interessante nessa escolha, principalmente porque Matheus sustenta a força da música sem perder as raízes e ousa ir além do convencional.

"Changes" apresenta um artista que conhece os recursos do pop contemporâneo e sabe utilizá-los para construir uma experiência própria. É música para colocar o corpo em movimento enquanto a cabeça acompanha.



Meu Bruxo - Na Cia do Mal

O que me chama a atenção é quando, no primeiro segundo, o som já rompe sua própria estrutura com força. Meu Bruxo entrega "Na Cia do Mal" com voz presente, interpretação carregada e uma leitura da vida coletiva atravessada por emoções. A faixa começa com uma imagem sonora forte e mantém essa textura performática até o fim, com o som cru exatamente onde precisa estar.

O ritmo sustenta a ideia da música e evolui ao longo da narrativa. Eu gosto dessa sensação de saber o que está sendo entregue através do som. É uma execução pura, de verdade, principalmente quando guitarras, baixo e bateria parecem dispostos a interagir tanto com o artista, quanto com o público e o som no geral.

A textura remete ao rock pesado do fim dos anos 60, mesmo assim a produção encontra espaço para apresentar identidade própria. Meu Bruxo traz no repertório referências do rock clássico, efeitos analógicos, espiritualidade, ironia e histórias do cotidiano em seu projeto.

"Na Cia do Mal", certeza que você vai ficar com vontade de bater cabeça geral e deixar a melodia fazer o trabalho dela na sua mente. É rock feito com vontade, é som feito do jeito que deveria ser.



Por TheLira

o que me chamou a atenção



Kozmozaika - Muro

Sempre me chama a atenção quando uma banda consegue reunir tantas referências brasileiras sem perder a própria essência. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir "Muro", novo single da Kozmozaika. A faixa resgata aquela energia da reinvenção do samba, do rock e do rap que marcou os anos 1990, mas faz isso com personalidade e uma produção muito bem alinhada.

Em alguns momentos, percebo ecos de grupos que misturaram a força da música nordestina com a efervescência da cena paulistana, criando um groove envolvente que ganha ainda mais impacto com a presença da percussão. É um som que desperta lembranças da minha adolescência, quando atitude e liberdade caminhavam juntas.

Formada em São Paulo, a Kozmozaika construiu uma proposta consistente desde os tempos de power trio e hoje amplia ainda mais sua sonoridade. Mais do que falar sobre um muro, a letra convida a refletir sobre as barreiras que cada um ergue dentro do próprio coração. E, no fim das contas, talvez a maior liberdade seja justamente encontrar coragem para derrubá-las.



Por TheLira



BubbleGum - Você e Eu

Sempre me chama a atenção quando encontro artistas que conseguem traduzir as fases da vida em música. Foi essa a sensação que tive ao ouvir "Você e Eu", novo single da BubbleGum. São quatro jovens descobrindo os segredos da vida, romantizando aquilo que pode ser único e transformando essa confusão de sentimentos em uma sonoridade pop muito bem produzida.

Percebo um amadurecimento técnico e artístico evidente. A produção aproxima a faixa da atmosfera das séries voltadas ao universo pré-universitário, sem perder a naturalidade. Tudo soa leve, atual e conectado ao público que vive intensamente cada nova experiência.

Nascida no Rio de Janeiro, a BubbleGum aposta em harmonias vocais, boas performances e um pop que valoriza talento e sensibilidade. Gosto da maneira como o grupo transmite a ideia de que sentir faz parte do crescimento e que assumir os próprios sentimentos também é um gesto de coragem.

Vejo um quarteto com potencial para ampliar ainda mais seu espaço na música pop brasileira.



Mazuli & Daíra - Rastros

Sempre me chama a atenção quando encontro uma música capaz de dialogar com diferentes momentos da vida sem perder a leveza. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir "Rastros", novo single de Mazuli. A parceria com Daíra acontece de forma muito natural: sua interpretação delicada complementa o carisma de um artista que parece cantar espalhando alegria.

Percebo em Mazuli referências muito bem assimiladas da MPB dos anos 1970, especialmente daquela escola mineira que conquistou o Brasil e o mundo. Mas nada soa como nostalgia. Essas influências aparecem transformadas em uma sonoridade moderna, leve e cheia de balanço, preservando uma linguagem própria.

A canção propõe um olhar sensível sobre os encontros, desencontros e as marcas que escolhemos carregar pela vida. Gosto quando uma composição consegue transformar reflexões profundas em algo acessível e musicalmente envolvente. Para mim, "Rastros" confirma um artista que compreende suas referências e as conduz com delicadeza, poesia e frescor para os dias de hoje.



Lívio Zan - Refém

Sempre me chama a atenção quando um artista escolhe o requinte para traduzir seus sentimentos. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir "Refém", novo single de Lívio Zan. Aqui encontrei uma maestria que me lembrou aqueles grandes intérpretes da soul music brasileira, quando bastava abrir a voz para dizer que o coração estava em pedaços.

Você acha que na cena independente todo mundo está preso ao barulho? Pois aqui existe uma nova voz. Um passeio pelo jazz, blues, MPB e soul, conduzido por arranjos elegantes e por um saxofone que surge no momento certo para elevar ainda mais a emoção da canção. São coisas que nem a Dissonância consegue traduzir completamente, mas sabe muito bem identificar quando acontecem.

Fico contente de encontrar escolas da música caminhando na mesma direção. Por que não ousar? Gosto de ver atitude, por mais brega que ela possa parecer para alguns. Rock'n'roll também é ter coragem de admitir que somos vulneráveis e sentimos coisas reais. Saí com a impressão de que algumas músicas não pedem pressa; pedem silêncio, atenção e a disposição de simplesmente sentir.



o que me chama a atenção



Alma Livre: duas décadas fazendo a diferença na música brasileira

Por Tião Folk

Do circuito de cover da noite paulistana ao posto de banda de reggae que mais cresce no Brasil, o sexteto virou referência sem trocar de formação nem de propósito.

Vou começar por um número que costuma dar calafrio em quem já tentou tocar em grupo: seis músicos, sendo dois deles tecladistas, quase vinte anos juntos e uma única troca na formação central em todo esse tempo. Num cenário em que muita banda não sobrevive ao próprio primeiro verão, a Alma Livre trata a longevidade de forma diferente, quase um contrato pactual.



Alma Livre (registro de 2009)

Tudo começou em novembro de 2006, na zona norte de São Paulo. Antes disso, Alves (vocalista, guitarrista e compositor) e alguns companheiros ganhavam a vida na noite paulistana, tocando de apoio para quem aparecesse, do sertanejo ao brega, de trio elétrico baiano a cover de qualquer coisa que pagasse o cachê. Alves já tinha letras na gaveta e um plano pouco recomendável do ponto de vista financeiro: parar de tocar o repertório dos outros para bancar o próprio.

"Comecei tocando na noite, mas para poder encontrar, na verdade, meios de realizar esse outro projeto, que era o projeto da música própria, de trabalhar com a música autoral"

Não demorou muito e ele encontrou Chicão (tecladista e diretor musical), o percussionista Sabiá, o irmão Naldinho nos teclados, o baixista Gilvan Joaquim e o baterista Kleber. Cinco anos depois, Gilvan saiu, entrou Paulo Vigilante, e a formação parou de mexer.

Nos últimos anos chegaram metais e backing vocals, o que elevou o sexteto a algo perto de onze pessoas (*a matemática de banda também é livre*).



Alma Livre (2013)

A pergunta óbvia é o que segura tanta gente junta por tanto tempo. Alves credita ao respeito mútuo e à ausência do esporte favorito das bandas, a disputa por quem aparece mais. Ajuda que ele e Naldinho sejam irmãos de sangue, com direito a Alves ter participado do parto do caçula (*uma credencial que nenhum outro tecladista do país pode reivindicar sobre o próprio chefe*).

"Eu acho que a principal coisa é o respeito e admiração mútua. Eu acho que todos nós temos isso. Temos esse respeito um pelo outro. Temos uma admiração um pelo outro. E a gente criou uma unidade. A gente vive de verdade como uma família. Nós não temos aquelas rugas que

geralmente a gente vê nas bandas por aí ou em qualquer tipo de trabalho que utilize grupo de pessoas"

Sobre o rótulo de "nova cara do reggae brasileiro", que aparece em todo material de imprensa do grupo, Alves faz questão de devolver a autoria ao departamento de marketing.

"nós nunca tivemos a intenção de ser, principalmente de substituir algo. De ser uma cara nova para substituir algo. Nós, na verdade, a Alma Livre sempre teve a intenção de somar, de chegar para somar e não de substituir ou de diminuir ninguém. A gente sempre teve essa consciência"

A Alma Livre não chegou para substituir cara nenhuma. O reggae é a linha principal, mas a coisa se abre para MPB, música nordestina, jazz e soul, tudo cantado em português, inglês e espanhol. Daí o nome, que promete uma música sem rótulo e cumpre a promessa com uma teimosia simpática.





A parte que sustenta o título de referência não mora no discurso, mora no currículo. Em 2006 o primeiro demo rendeu o troféu "Os Melhores do Reggae". Em 2010, um segundo demo abriu as portas de uma produtora portuguesa. Em 2013 veio o álbum homônimo, com faixas em três idiomas. A partir de 2016, já pela gravadora Atração (que hoje funciona mais como distribuidora, enquanto a banda mantém a mão no leme), a Alma Livre passou a colecionar releituras autorizadas de um jeito que faria muita banda maior suar frio: "Paciência", do Lenine, "Tempos Modernos", do Lulu Santos, "Árvore", do Edson Gomes, e um clássico da família Marley. Até agora, segundo Alves, nenhum "não" sonoro. Eu diria que é sorte, mas provavelmente também é repertório escolhido com cuidado.

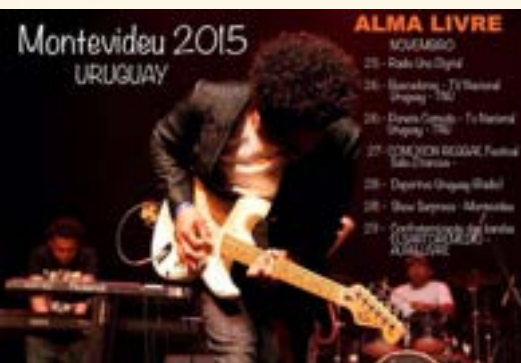
"Sobre as autorizações que a gente conseguiu para fazer as releituras, do Lenine, da família Marley, do Edson Gomes, do Lulu Santos, a gente teve muita sorte, eu acredito, porque até agora não recebemos ainda nenhum "Não" nesses pedidos"

Tem ainda o lado que eles levam mais a sério do que a própria discografia. Alves repete que, para a Alma Livre, a música é ferramenta e passa longe de ser um mero produto de prateleira, o que soa a utopia até você olhar o projeto **"Reggando Vidas"**, de 2018, com shows e oficina de percussão gratuitos pela periferia de São Paulo, ou o **"Festival Conexão Reggae"**, itinerante desde 2015. Este último nasceu de um desastre. A primeira turnê pelo Uruguai terminou com o produtor sumindo e a banda largada em Montevideu, sem dinheiro e sem os shows marcados na Argentina.

"Quando chegamos no Uruguai, o produtor que estava à frente dessa turnê simplesmente desapareceu, nos deixou à deriva no Uruguai. A gente sem dinheiro, sem saber o que exatamente fazer. A gente teve que cancelar os compromissos que tínhamos na Argentina porque não dava para ir até Argentina sem saber como que as coisas estavam por lá"



Na semana em que ficaram enalhados, fizeram programas de TV, mais apresentações do que o previsto e amizade com a banda Santo Remédio. Do prejuízo saiu um festival anual (recomendo o método a ninguém, mas o resultado é difícil de contestar).



"Foi aquela coisa dos males que vem para bem, né? Durante essa semana a gente conheceu muita gente. A gente fez programas de televisão, a gente fez mais shows no Uruguai do que estavam programados. Nós começamos com a ideia, nós, a Alma livre, e uma banda chamada de Santo Remédio que se tornaram grandes amigos da banda Alma Livre até hoje. E ali nasceu a ideia de criar um festival que é o Festival Conexão Reggae, que é um festival itinerante que a gente faz todo ano"

O anedotário de estrada é generoso. Tem o show em que o baterista chegou bêbado, a combi quebrou no caminho e, já perto do palco, o baixista recebeu a notícia de que o pai tinha entrado em coma, tudo na mesma noite, como se o universo estivesse testando cláusulas de rescisão. Tem a chegada ao Chile, em 2019, em plena convulsão política, com a banda barrada pela polícia até um dos policiais reconhecer o som.

E tem o festival de interior em que um produtor os vendeu como banda de forró, sem avisar ninguém, e eles subiram ao palco em pleno mês de junho para abrir com Bob Marley diante de uma plateia que esperava sanfona. Tocaram o próprio repertório assim mesmo. O prefeito subiu ao fim e prometeu que no dia seguinte teria "mais", desde que fosse outra banda.

O presente é o argumento mais seco a favor deles. O Spotify apontou a Alma Livre como a banda de reggae que mais cresce no Brasil, e desde 2025 o grupo adotou uma rotina de singles a cada dois meses. O mais recente, "Só Você e Eu", saiu em fevereiro de 2026. A ideia é seguir nesse ritmo até 2027, quando devem reunir tudo num álbum de estrada que já tem vinte anos de matéria-prima à espera.



Perguntei, daquele jeito enviesado mesmo, se havia arrependimentos, alguma decisão que apagariam. Alves não achou nenhuma, o que num artista mais vaidoso seria pose, mas nele soa coerente com quem transformou até um abandono no Uruguai em festival.

"Eu acho que todas as decisões que a gente tomou, não que tenham sido perfeitas, não que tudo tenha acontecido sem nenhum problema e tal, mas todas as decisões que nós tomamos nos levaram a algum lugar, a algum lugar necessário"

A Alma Livre entra nesta edição de aniversário da Dissonância pelo motivo mais chato de todos para quem gosta de ironia: porque fez por merecer, com paciência (a do Lenine, inclusive), e sem pedir muito em troca além de que você compre a música em vez de baixar de graça. Nesse ponto, Naldinho tem contas exatas: seis meses de streaming dão, com sorte, para uma pizza. Vão ali e paguem a pizza dos rapazes.



Alma Livre em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Tião Folk

A Alma Livre chega à nossa edição de aniversário com currículo que fala por si: quase vinte anos de estrada, a mesma espinha dorsal desde 2006 e o posto de banda de reggae que mais cresce no Brasil, segundo o Spotify. Para entender como se atravessa duas décadas sem trocar de formação nem de propósito, sentamos com Alves, vocalista e principal compositor do grupo. A conversa, exclusiva, vem a seguir.

Dissonância: A banda nasceu em novembro de 2006, com quatro de vocês vindos da noite paulistana tocando de apoio e freela para quem pagasse. O que fez vocês largarem o conforto do freela (aquele em que você toca o repertório dos outros e recebe no fim) para bancar música própria, que é justamente onde ninguém garante o "no fim"?

Alves: Eu sou Alves, vocalista e guitarrista e compositor da banda Alma Livre e falando para vocês aí em nome da Alma Livre. Bom, eu como o principal idealizador da banda Alma Livre, desde o início já tinha intenção de trabalhar, fazer música própria e correr atrás desse objetivo. Comecei tocando na noite, mas para poder encontrar, na verdade, meios de realizar esse outro projeto, que era o projeto da música própria, de trabalhar com a música autoral. Nesse período eu já tinha algumas coisas escritas, já pensava em buscar músicos que topassem essa ideia. Foi quando eu conheci o Chicão, que é nosso tecladista e diretor musical da Alma Livre. Quando eu conheci também o Sabiá, nosso percussionista e nosso primeiro baixista, que foi o Gilvan Joaquim, que ficou conosco ali nos primeiros cinco anos de formação da banda. Aliás, foi a única mudança que nós tivemos nesses vinte anos. Foi só ali, depois da entrada do Cleberson, que nós oficializamos a Formação da Alma Livre, em 2006. Em novembro de 2006, quando conheci o Cleberson Batera e aí nós começamos ali e cinco anos depois o Gilvan teve um outro projeto, começou buscar outros caminhos e acabou saindo da banda. E quando entrou o Paulo Vigilante, que está conosco até hoje. Então, nesses vinte anos, a única mudança que teve assim na espinha dorsal assim da banda foi isso, a saída do Gilvan e a entrada do Paulo, que está conosco até hoje. Mas voltando a falar da questão da música autoral. A nossa, a minha intenção, na verdade, desde o início, foi buscar sempre a possibilidade de fazer música autoral. Então, quando eu conheci esses caras, principalmente o Chico Sabiá, o Kléber, o meu irmão Naldinho também, que já estava começando a tocar. Aí a gente conseguiu fazer uma coisa que fosse mais idealizada dentro do projeto de fazer música própria; e eles toparam essa ideia. Também tinham o mesmo projeto, também tinham a mesma ideal. Eu acho que isso foi assim como quando nós decidimos realmente que era isso que a gente queria fazer. A gente passou ainda mais algum tempo fazendo, tocando na noite ainda, acompanhando alguns artistas, algumas bandas e como banda de apoio e tudo, mas sempre com a ideia de focar no trabalho próprio. E foi o que a gente conseguiu fazer. A partir dali.

Dissonância: Vocês são seis, com dois tecladistas, e atravessaram quase vinte anos com a mesma espinha dorsal. Numa cena em que banda costuma durar o tempo de um festival, o que segura seis pessoas juntas por tanto tempo?

Alves: Eu acho que a principal coisa é o respeito e admiração mútua. Eu acho que todos nós temos isso. Temos esse respeito um pelo outro. Temos uma admiração um pelo outro. E a gente criou uma unidade. A

gente vive de verdade como uma família. Nós não temos aquelas rugas que geralmente a gente vê nas bandas por aí ou em qualquer tipo de trabalho que utilize grupo de pessoas. A gente sempre vê aquelas disputas. É uma coisa que é bastante interessante. Assim, não há dentro da Alma Livre ninguém querendo aparecer mais do que o outro, ninguém querendo dar ordens, ninguém tentando ser mais. Então isso é algo que eu acho que nos manteve juntos até hoje e acredito que vai nos manter juntos por muito mais tempo, porque esse respeito e essa admiração ela só cresce entre nós. E não é uma coisa, não é nenhum tipo de demagogia ou falsidade. É algo real, é algo que realmente acontece. E acho que a prova disso é nós estarmos juntos esses vinte anos. E para mim é uma grande felicidade e uma grande alegria poder olhar para eles, para os meus companheiros de trabalho, de música e poder contar com eles a qualquer momento e saber que estão ali, dividindo comigo os nossos problemas, as nossas alegrias, as nossas tristezas, sem deixar que nada afete a nossa convivência. Isso é maravilhoso para mim.

Dissonância: O material de imprensa de vocês diz que o Alma Livre é "a nova cara do reggae brasileiro". Passados quase vinte anos, essa cara ainda é nova? E quem era a cara velha que ela veio substituir?

Alves: Essa afirmação de que a Alma Livre é a nova cara do reggae brasileiro acho que não é nenhuma afirmação nossa, né? Eu acho que isso surgiu em alguns trabalhos assim de marketing. Até que alguém resolveu usar isso como um certo slogan ali e tal e acabou isso ficando registrado em algum lugar. Mas nós nunca tivemos a intenção de ser, principalmente de substituir algo. De ser uma cara nova para substituir algo. Nós, na verdade, a Alma Livre sempre teve a intenção de somar, de chegar para somar e não de substituir ou de diminuir ninguém. A gente sempre teve essa consciência. Nós estamos aqui. A nossa música é realmente uma música bastante ampla, que bastante eclética. A Alma Livre é uma banda que, embora tenha a sua linha principal de trabalhos dentro do reggae, mas é um reggae que tem uma abertura muito ampla. É uma música que tem uma amplitude bastante grande e nós temos isso. Eu atribuo muito isso, principalmente a nossa bagagem musical que vem da noite e depois a questão da nossa fé, da influência das nossas raízes, da música nordestina, da MPB, da música estrangeira, que a gente também acaba colocando muita coisa disso dentro da nossa música. Então a gente tem uma diversidade rítmica, dentro do próprio reggae. Até mesmo extrapolando um pouco, saindo para outros estilos. Porque nós não temos também aquela coisa de manter um rótulo de "ah, se isso tem que ser reggae, tem que ser isso, tem que ser assim". A gente nunca teve muito isso assim. A gente sempre procurou fazer a música que nos agrada de uma forma que seja agradável a todos. Então, a intenção sempre foi buscar isso, fazer uma música livre. Daí também vem o nome da banda Alma Livre, porque era essa intenção de buscar algo sem amarras,

sem rótulos. Embora esteja como eu falei, tem o trabalho, a linha principal de trabalho em cima do reggae, mas a gente nunca quis ficar preso a um estilo único, a uma coisa assim e simplesmente fazer música, fazer uma música livre, uma música que pudesse alcançar, que tem um leque maior, que pudesse alcançar todas as pessoas de uma forma livre e leve; e essa é a intenção. Nunca foi intenção da gente tentar ser algo novo para substituir alguma coisa ou para ser melhor do que do que outros. Nunca foi essa intenção. Como eu disse, a Alma Livre sempre teve a intenção de somar, de poder agregar novas coisas, de trazer novas tendências e fazer com que isso seja apenas mais somar cada vez mais ao que já existe para poder a gente ter uma amplitude maior dentro dessa coisa da música e da música brasileira. E sempre, sempre somar, nunca diminuir.

Dissonância: Vocês repetem que o reggae "nasceu nos guetos" e carrega cultura de paz, igualdade e dignidade. No Brasil de 2026, essa mensagem funciona mais como diagnóstico do país ou como carta de intenções?

Alves: Eu acredito muito que essa responsabilidade que o reggae atraiu para si, que o reggae atrai para si desde o início, de falar de cultura, de paz e dignidade, de igualdade, eu acho que isso é mais dentro de uma intenção, dessa carta de intenções, do que um diagnóstico mesmo de um país de que seja Brasil ou qualquer outro país. Eu acho que o reggae traz isso desde o início. Reggae nos permite de uma forma muito natural, muito leve, falar desses temas. E é não apenas como um diagnóstico, não como apontando problemas ou isso ou aquilo, ou tentando mostrar soluções aqui e ali. Acredito que é mais uma necessidade mesmo de levar essa mensagem como uma forma de uma busca que deve ser cada vez mais encarada como algo coletivo, uma busca coletiva independente de qualquer região do planeta, em qualquer país que seja uma necessidade coletiva de nós, uma necessidade humana realmente, de nós buscarmos a cultura de paz e buscarmos dignidade para todos é buscarmos sempre a igualdade de estarmos preocupados com o outro, com o bem-estar do outro. Porque fazendo isso, estamos também nos preocupando com o bem coletivo. Eu acho que o reggae sempre trouxe essa, sempre levantou essa bandeira. E eu acho que fomos muito mais por aí do que nessa questão do diagnóstico de um país que está com problemas e tudo. E acho que é muito mais ampla essa mensagem. Acho que ela é muito mais espiritual, eu diria, do que uma coisa política ou dentro de qualquer linguagem nesse sentido.

Dissonância: A lista de vocês tem autorização de Lenine, da família de Bob Marley, de Edson Gomes e de Lulu Santos. Qual dessas foi a mais difícil de arrancar, e teve alguma conversa em que vocês já se prepararam para ouvir um "não" sonoro?

Alves: Sobre as autorizações que a gente conseguiu para fazer as releituras, do Lenine, da família Marley, do Edson Gomes, do Lulu Santos, a gente teve

muita sorte, eu acredito, porque até agora não recebemos ainda nenhum "Não" nesses pedidos que a gente tem feito para fazer essas releituras. E a gente sempre escolheu esses grandes clássicos que tem a ver com trabalho da Alma Livre, que tem uma mensagem compatível com o nosso trabalho autoral também. E até agora a gente não ouviu nenhum "não" sonoro, né? A gente conseguiu essas autorizações aí, o que nos deixou muito felizes, que nos deixa muito felizes. Tem alguns outros clássicos que a gente pretende também fazer releituras aí futuramente e espero não receber nenhum "não" também nos pedidos dessas autorizações.

Dissonância: Tem o show clássico do baterista que chegou bêbado, a combi que quebrou no caminho e a notícia do pai de um músico em coma bem na hora de subir no palco. Olhando de longe, aquilo virou lenda de banda ou virou cicatriz?

Alves: Bom, respondendo aí sobre aquele clássico show onde tudo parecia dar errado, eu acho que ficou como uma cicatriz mesmo. Fez uma cicatriz que nos ensinou muito. Cada vez que a gente passava por uma dificuldade, cada vez que a gente passa por uma dificuldade, a gente procura utilizar essa dificuldade como matéria para continuar caminhando, para poder continuar fazendo música, para poder continuar trabalhando. E esse show não foi o único onde tudo parecia dar errado, nós tivemos muitos outros. Mas a gente sempre teve a consciência de que era preciso utilizar todas essas dificuldades para poder continuar caminhando e utilizar isso como matéria mesmo de trabalho, como forma de compor novas músicas e utilizar essas histórias e essas coisas todas para fortalecer o trabalho. Eu acho que a união que a gente sempre teve, sempre também buscou olhar muito para isso, de viver as dificuldades juntos e não ficar culpando esse ou aquele por aquilo, por isso ou por aquilo, mas simplesmente viver as dificuldades juntos, buscar as soluções para as coisas ali juntos. E a gente tem conseguido fazer isso utilizando sempre as coisas que acontecem de uma forma, tentando transformar essas coisas negativas para algo positivo. Eu acho que esse, graças a Deus, acho que a gente tem conseguido fazer isso.

Dissonância: A Dissonância também trata independência como escolha editorial, não como sina. Do lado de vocês, o que conta mais, a liberdade de ser independente e fazer o que quer, ou uma gravadora custeando a estrutura e dando limites (financeiros e editoriais)?

Alves: Eu acho que hoje em dia isso não está mais tão delineado como era antigamente, porque hoje eu acho que as gravadoras, hoje elas estão funcionando mais como distribuidoras. Raramente a gente vê alguma gravadora que ainda faz uma gestão de carreira de um artista, que ainda pega um artista para poder trabalhar realmente a carreira do artista e tal. No nosso caso, por exemplo, desde 2016, a gente vem lançando nossos trabalhos pela gravadora Atração e numa

parceria com a gravadora Atração, porque eles bancam uma parte da gravação, a gente banca a outra, eles fazem algo, a gente ajuda em alguma parte, eles fazem outras. Então é mais uma parceria, na verdade. Gravadora funciona quase como uma distribuidora para gente, porque não tem um trabalho realmente de gestão de carreira e tudo isso. Então, de certa forma, a gente mantém a nossa liberdade de poder gravar aquilo que a gente quer gravar e fazer as coisas de acordo com o que a gente acha que é interessante. E ao mesmo tempo a gente tem um acompanhamento, digamos assim, da gravadora, do que a gente vai fazer. É como eu disse, a gente tem lançado desde 2016. Todos os nossos trabalhos têm sido lançados pela Atração a partir de 2016. E assim, eu acho que a liberdade de ser independente, ela é muito importante. Ela é muito importante porque dá para o artista a capacidade de gerir a sua própria carreira, de fazer aquilo que ele acha que o seu trabalho exige, que é melhor para o seu trabalho. E como as gravadoras hoje não estão fazendo essa gestão de carreira do artista, eu acho que cada vez menos a gente vai ter essa diferenciação de estar numa gravadora ou de ser independente. Acho que há vantagens nas duas, nas duas frentes. Existem vantagens e desvantagens, como nós sabemos bem.

Dissonância: "Só Você e Eu" saiu em fevereiro de 2026. Depois de quase vinte anos, três idiomas e um punhado de releituras autorizadas, o que o Alma Livre ainda tem para dizer que justifique um single novo em vez de mais uma coletânea de estrada?

Alves: A partir do início de 2025, nós começamos a fazer alguns lançamentos periódicos, lançamentos de singles e passamos todo o ano de 2025 fazendo esses lançamentos, a cada dois meses a gente lançava um single, e o último single que a gente lançou foi agora em fevereiro de 2026, a música "Só Você e Eu". Eu acho que foi uma estratégia que a gente adotou para poder manter um certo movimento nos lançamentos, no trabalho da banda, enquanto a gente se preocupava com outras coisas, questões de shows e tudo para ter sempre alguma coisa nova sendo lançada ali. E eu acho que foi uma estratégia que deu muito certo. A gente gostou muito do resultado disso. A gente pretende continuar agora fazendo alguns lançamentos de singles até 2027, para só daí então poder fazer um álbum de estrada e reunir algumas coisas que a gente tem feito até agora nesses vinte anos de estrada.

Dissonância: Se vocês pudessem apagar uma decisão da carreira (uma releitura, uma turnê, um "sim" que devia ter sido "não"), qual seria, e por quê?

Alves: Assim, eu sinceramente eu não consigo me lembrar de alguma decisão que a gente tenha tomado que nós hoje tomaremos diferente. Eu acho que todas as decisões que a gente tomou, não que tenham sido perfeitas, não que tudo tenha acontecido sem nenhum problema e tal, mas todas as decisões que nós tomamos nos levaram a algum lugar, a algum lugar necessário. Eu acho que eu sempre olhei muitas coisas por esse lado. Então eu não vejo assim hoje algo que a gente tenha feito que fariamos de forma diferente. Alguns "sim" que a gente tenha respondido, que a gente poderia hoje dizer "não" ou vice-versa. Eu não vejo nada nesse

sentido. Como eu disse, não que tudo tenha sido perfeito. Nós tivemos bastante complicações. Tivemos muitos problemas nesse nesses vinte anos, né? Por exemplo, a nossa primeira turnê por Uruguai, por exemplo, a gente ia passar pelo Uruguai e depois ia até a Argentina. Nós tínhamos algumas coisas já agendadas no Uruguai e Argentina, e quando chegamos no Uruguai, o produtor que estava à frente dessa turnê simplesmente desapareceu, nos deixou à deriva no Uruguai. A gente sem dinheiro, sem saber o que exatamente fazer. A gente teve que cancelar os compromissos que tínhamos na Argentina porque não dava para ir até Argentina sem saber como que as coisas estavam por lá, porque era ele que estava à frente de tudo. E a gente ficou no Uruguai. Ficamos uma semana no Uruguai e voltamos para casa. Mas essa semana que a gente ficou no Uruguai nos trouxe tanta coisa positiva, depois tantas coisas boas, que a gente nem olha para isso como algo ruim, negativo. Foi aquela coisa dos males que vem para bem, né? Durante essa semana a gente conheceu muita gente. A gente fez programas de televisão, a gente fez mais shows no Uruguai do que estavam programados. Nós começamos com a ideia, nós, a Alma livre, e uma banda chamada de Santo Remédio que se tornaram grandes amigos da banda Alma Livre até hoje. E ali nasceu a ideia de criar um festival que é o Festival Conexão Reggae, que é um festival itinerante que a gente faz todo ano. A edição em um país diferente, convidando bandas diferentes, e a gente, Alma Livre, e eles, Santo Remédio, estão a frente desse projeto. E surgiu daí, desse disco, que seria algo ruim, porque a gente, à primeira vista, poderia ser encarado dessa forma. Então, acho que muitas coisas sempre também tiveram esse sentido. Então, a gente, eu acho que eu não consigo me lembrar de nada assim, que eu gostaria de mudar nesse sentido. Então nós tivemos muitas coisas, fizemos muitas coisas e algumas deram certo, muito certo, outras nem tanto. Mas nada que eu gostaria de mudar nesse sentido da coisa, né? Mas é isso.

Dissonância: Hora do spoiler, o que os fãs podem esperar para o futuro da Alma Livre?

Alves: Bom, eu acho que os nossos amigos, fãs, seguidores, apoiadores, acho que podem esperar um futuro brilhante da Alma Livre, porque é para isso que nós estamos trabalhando. É com isso que nós estamos contando. E sempre agradecendo muito, muito o apoio de todos e todas as pessoas que nos apoiam de alguma forma. Todas as pessoas que vão aos nossos shows, todas as pessoas que ouvem as nossas músicas, que se identificam com aquilo que a gente faz, que se identificam com as nossas mensagens, é para essas pessoas que nós estamos trabalhando e para essas pessoas que nós estamos sempre dispostos a trabalhar cada vez mais, a nos esforçar, a utilizar do nosso talento, da nossa responsabilidade cada vez mais para alcançar um futuro onde a gente possa utilizar dessa arte. Utilizar a arte como ferramenta de transformação para melhorar cada vez mais o mundo em que vivemos. Então, eu acho que as pessoas podem esperar isso de nós. Muito trabalho, muita responsabilidade, muita esperança, muita mensagem de paz e de tranquilidade e de amor sempre. E agradecer a todos. Muito obrigado por acompanhar o nosso trabalho, por apoiar o nosso trabalho. Muito obrigado. Muita paz e luz.



**ESTÁ CHEGANDO A
PLATAFORMA QUE
VAI MUDAR O JEITO
COMO VOCÊ**

DIVULGA SUA MÚSICA



DIVULGUE

para curadores, rádios,
playlists e influenciadores.



ACOMPANHE

resultados e métricas
em tempo real.



CONSTRUA

sua rede e conecte-se
com oportunidades reais.



PROFISSIONALIZE

sua carreira com ferramentas
feitas para artistas.



**SUA MÚSICA MERECE SER OUVIDA.
A Dissona faz acontecer.**



TATIANA COBBETT

E O SAMBA: A CUÍCA MANDOU, O PANDEIRO RESPONDEU

Por Clara Mello

Hoje quero apresentar um mulher que virou expoente da sua própria arte. Ela canta, ela dança, ela interpreta e ela encanta. Falo de Tatiana Cobbett.

Mais especificamente do single que ela lançou em janeiro de 2025, "Samba Imaginado - Lá & Cá".

A faixa dura dois minutos e dez segundos, tempo de sobra para a cuíca começar a chorar e o pandeiro responder bailando. É samba no bom estilo clássico, melodia agradável, instrumental impecável, e no conjunto da obra dá aquela coceira no pé que não passa (e se você não sentiu nada, desconfie de si mesmo, ou é ruim da cabeça, ou é doença do pé).

Adoro falar sobre mulheres que se tornam expoentes na sua carreira; e a Tatiana já vem de longe. Bailarina, cantora, compositora, poeta e diretora artística, ela junta mais de vinte anos de estrada, cinco CDs e nove singles, e desde 2019 divide a vida entre Florianópolis e Lisboa na Residência Artística Lá e Cá.

Como bailarina, Tatiana tem muito chão, muita experiência e uma carreira invejável.

Das idas e vindas entre Brasil e Portugal, saiu seu trabalho musical: cada single do projeto vira uma parceria gravada dos dois lados do Atlântico, às vezes ao mesmo tempo. Ela batizou de "entre" o intervalo entre uma gravação e outra, e foi nesse oceano no meio do caminho que encontrou seu método.

Aqui, o método deságua numa coisa simples e gostosa: um samba que só quer que você levante da cadeira. A cuíca é convite irrecusável, o batuque é uma cadência perfeita que vai fazer você dançar até sem querer, e a Tatiana canta por cima leve, porque começou no balé e o pé dela sabe das coisas.

É o tipo de faixa que embala uma roda com palma e canção.



O que me agrada é a honestidade da proposta. Ninguém tentou modernizar o samba para parecer ousado, ninguém enfeitou nada. É samba porque é para ser samba, feito com capricho, por que samba precisa ser caprichado. No meio de um catálogo cheio de fados, milongas e travessias, ela respirou fundo e mandou nosso bom estilo rei, pelo puro prazer de mandar (adoro!!!).

Como a própria Tatiana resume o que costura toda a obra dela: "o fio que liga tudo, lá e cá, continua sendo o encontro." Pois esse single é o encontro entre a moça séria da pesquisa e a moça que só quer sambar. É claro que a segunda saiu vitoriosa, ainda tem dúvida?

Ouça abaixo, e depois me conta se o pé obedeceu.

Quando o Amanhã Raiar

Um Poema de Val Porto

No silêncio que mora em minha alma,
trago dúvidas e incertezas sobre o amanhã.
Meu coração inquieto, carregado de sonhos,
caminha entre sombras que se arrastam.

Com a mente impaciente, como terra fértil,
começam a brotar perguntas sem respostas.
Sinto um grande vazio a me abraçar,
sufocando uma angústia que dói.

Mais uma noite sem luar,
anunciando uma tempestade.
A memória vaga sem destino,
enquanto o silêncio atravessa a alma
como um lampejo perdido dentro de mim.

Pergunto às estrelas o que elas sabem,
mas o céu permanece calado.
Talvez o silêncio não seja ausência,
talvez seja apenas o mundo
me ensinando a escutar o que ainda não compreendo.

Talvez amanhã, ao raiar do sol,
eu encontre respostas para o que senti.
Ou talvez descubra que algumas perguntas
nasceram apenas para me acompanhar.

Guardarei no fundo da alma
a coragem que ainda não sei que tenho.
Porque, às vezes, é preciso caminhar no escuro
sem saber se existe estrada,
apenas confiando no próximo passo.

A caminhada é longa e incerta,
e há noites em que até meus sonhos se perdem.
Mas seguirei em frente.

Talvez o destino não esteja
no final da estrada.
Talvez esteja justamente
naquele instante em que, cansado de procurar,
eu perceba que a estrada
sempre esteve dentro de mim.

E quando finalmente o sol nascer,
não quero que ele apague minhas sombras.
Quero apenas que ilumine o suficiente
para que eu possa enxergar
o que elas tentavam me mostrar.

Então seguirei.

Sem certezas.
Sem promessas.
Mas com a coragem de quem aprendeu
que, às vezes,
o caminho para encontrar o amanhã
é simplesmente não desistir de atravessar a noite.





Vinicius Motta - Para Ti

A Dissonância está sempre em busca de talentos com trabalhos acima da média, trabalhos especiais que engrandecem a arte como um todo. As vezes, temos a sorte de nos depararmos com um álbum desse porte, é o caso do EP "Para Ti" do Vinicius Motta.

EP de Oito faixas, lançado em 29 de agosto de 2025. Uma música mais emotiva que a outra. Faço um destaque para a faixa "Duas Almas em que um dedilhado constante caminha ao lado de arpejos dando ao ouvinte a sensação de união entre almas distintas; O arranjo demonstra que em algum momento ocorre uma separação, mas as almas voltam a se unir ao longo da canção. Tudo isso sem precisar de palavras, só arpejos, dedilhados e emoção. Um disco para se ouvir e repetir.

Esse álbum, embora não seja o mais recente da carreira, encerra um ciclo longo (foram sete anos na Escola Municipal de Música de São Paulo, com Daniel Murray). O disco nasceu de dois empurrões que chegaram juntos, e o próprio Vinicius nos contou: "O álbum Para Ti surgiu desse encontro entre a provocação do meu professor Daniel Murray (...) e a inspiração profunda que o relacionamento com a Nathaly me trouxe."

Recomendo também o single mais recente, "Breves XXII", em parceria com Daniel Cardoso. Um disco para se ouvir e repetir. E repetir de novo.



Lenin Cotta - Fair Trick

"Fair Trick" chegou em 29 de agosto de 2025 pela Valetes Records, um single de pouco mais de três minutos. Trata-se de uma faixa totalmente retrô. Quando ouvi, parecia até que eu estava vendo a fita K7 girando no meu antigo radinho. Uma pegada totalmente anos 80. O vocal do Lenin Cotta é perfeito para o estilo a que ele se propõe.

O Lenin, que também assina como Vesalius, nos contou que passou por bandas como Nightwatch e Caramuru antes de seguir solo, e resume bem o que move o trabalho dele: "acredito que a arte é a forma máxima de expressão". Dá pra sentir isso aqui, no jeito como ele mistura acústico, eletrônico e grunge sem forçar a barra.

A faixa também possui, disponível no YouTube, um clipe bem interessante ([link na matéria no Portal Dissonância](#)), gravado num parque. Lenin é acompanhado pelo baterista Luis Sávio Saccomani, e só. Sem baixo, sem teclados, sem violão, só os caras mandando um som de boa ao ar livre.

Gostei, simples assim (aqui já é o fã falando). Fico curioso pra ver o que vem depois dessa fita rodar até o fim.



Olívia Doria - Espectrum

Olívia Doria toca teclado, atua e canta, e Espectrum é o primeiro disco autoral que ela assina sozinha, do arranjo à produção. São nove faixas, trinta e sete minutos que passeiam da MPB ao rock, encostam no jazz, no lo-fi e na pista. A voz dela é potente, e dá para senti-la regulando essa potência, medindo onde apertar e onde recuar, buscando o equilíbrio do conjunto, ou talvez não, afinal "**o bom é se despir da vaidade e de tudo que vem atrelado a ela**".

Eu diria que se trata de um disco psicodélico, com diversas cores dançando em conjunto e mantendo uma cadência interessante. Recomendando a faixa que dá nome ao disco, "Espectrum", que nos remete ao psicodelismo sensorial. E também "Narciso" em que ela põe em xeque a necessidade constante de perfeição como artista, e que o que importa é transmitir sua mensagem.

"**Espectrum nasceu da necessidade de transformar em arte tudo aquilo que, durante muitos anos, eu não conseguia explicar com palavras**", ela nos contou. Saiba que disco é um trabalho que camadas extras que cabem num simples texto de poucas linhas (e vocês vão perceber isso ouvindo). Por isso, só posso dizer com certeza: dá o play do começo ao fim e me conta depois.



Talis Lanes - Odisea

Talis Lanes fez uma aposta internacional ao cantar em castelhano. Ele lançou o single Odisea com uma pegada dançante ao estilo "despacito", uma música curtinha, feita nos moldes certos para viralizar. Mas o mais importante é o que vem a seguir, álbum "Manifesto".

Odisea foi a última música promo, e ele deixou os fãs ansiosos pelo que estava por vir. A mesma tensão já havia sido criada com o lançamento do EP anterior "Para Todos os Amores Eu Eu Matei" e a experiência de lançar faixas iniciais foi muito bem recebida, o público adorou.

Em termos técnicos, a faixa Odisea é excelente, em termo de atitude, a decisão internacional foi correta. O reggaeton serviu de porta de entrada e deixou todo mundo com o pé no acelerador.

O próprio Talis nos contou o motivo da rota traçada: "**Odisea é um single muito especial pra mim porque foge de tudo o que eu lancei até agora. Ele marca o meu primeiro reggaeton, um estilo que faz parte da minha essência artística e que foi muito influenciado pelas minhas maiores referências musicais.**" Faz sentido. Depois de tanta música intensa e emocional, ele resolveu soltar o corpo, e a aposta internacional me parece acertada (aqui falo como quem torce pelo cara).

Odisea foi só um aperitivo para o grande dia de lançamento do álbum "Manifesto", disco que chegou dia 14 e já está disponível para você curtir.



PorTião Folk

opinião



Santa Cora - Celestial

Santa Cora mira longe, lançou Celestial e já soa como banda de fora do Brasil.

Santa Cora lançou o single "Celestial" em 29 de maio de 2026. Comecei a conhecer a banda através dele e quando percebi já estava ouvindo a discografia inteira. Esse single é o quarto capítulo do segundo álbum da banda, um trabalho conceitual que segue a protagonista Cora música a música.

Celestial conta com a participação da guitarrista Helena Nagagata.

Não costumo esconder quando gosto de uma banda, e aqui gostei do começo ao fim. A Santa Cora me parece pronta pro mercado internacional: tem fluidez no palco, identidade nas letras e excelência nos arranjos. O metal sinfônico e o progressivo aparecem com naturalidade, e o padrão se mantém alto nas demais faixas da discografia.

Se você quiser ouvir a banda cantando em português, recomendo também o Tormenta, lançada em 27 de março de 2026, que carrega bem a pegada do grupo.

No fim, é aquele tipo de trabalho que a gente ouve e já fica esperando o próximo capítulo. Vale muito o seu play.



Athame - Athame

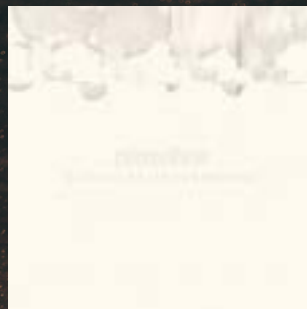
Três faixas, treze minutos. Do reggaeton ao pós-punk.

Athame chegou no fim de março com três faixas gravadas entre São Paulo e Los Angeles, e foi por elas que conheci o encontro da Tigresa com o EMP. Esse foi um trabalho que me deixou curioso, porque tem uma mescla de ritmos que me pareceu deveras interessante.

"Rainha da Floresta" abre instrumental, com reggaeton e dub costurados numa guitarra que fica flutuando por cima da batida. Em "Ouroboros", a percussão afro-brasileira entra no drum'n'bass, fazendo a cama sonora para que a melodia siga fluindo como um rio que começa e acaba no mesmo ponto. A faixa vai do começo ao fim, girando em torno de si mesma como o próprio símbolo. "No Lies" fecha no pós-punk, é a única com voz, e traz as guitarras com flanger e os synths oitentistas que a dupla parece carregar no DNA.

A faixa foi coproduzida, mixada e masterizada pela GreekWavs, do EMP com o KillaHrtz.

São treze minutos que passam rápido. Recomendo escutar do início ao fim, sem pular. Depois me conta o que achou.



Plazafire - Silêncios Incessantes

Eis aí uma banda interessante. Eles não fizeram muitos lançamentos ao longo do tempo, mas os que chegaram nas plataformas já foram suficientes para se ter certeza da qualidade musical do grupo.

As letras possuem enredo reflexivo e às vezes contestatório da própria condição emocional do eu lírico, isso fica bem evidente na música "Expectativas em Vão". A faixa "Manifesto de um ser desumanizado", com participação de Anderson Gomes, já apresenta uma contestação mais de cunho social, indicando que a banda consegue caminhar bem por diversos caminhos e contextos.

A banda nasceu em 2023 em Piracicaba - SP, e se propôs a mergulhar nas raízes do rock. É composta por Tha Fondello (vocal), Victor Ribeiro (bateria), Ly Fernando (baixo e vocal) e Michael Henriques (guitarra). Não nasceu uma banda pronta, polida como se fosse "fabricada" especialmente praquilo.

O grupo surgiu fragmentado, aos pedaços, já passou por formações distintas, mas ainda assim a essência underground e independente foi mantida. Que bom, porque é uma banda para se ligar e ficar de olho. Espero que eles não demorem muito para nos congratular com novos lançamentos.



Acaiá - A Moda Agora é Folk

Tudo que aparece a palavra "Folk" no meio eu ouço, e foi assim que cheguei ao single mais recente do Acaiá (ele jogou a isca e funcionou perfeitamente, e agora aqui estou eu falando como fã).

"A Moda Agora é Folk" é uma faixa muito interessante que dá aquela moral pro folk: "nona sinfonia do Beethoven, e a moda é folk", ou seja você poderia estar ouvindo algo melhor. O Acaiá pode falar isso porque ele é um artista representante do estilo; o cupido do violão cru e da narrativa solta acertou ele em cheio (e a outros milhões de pessoas, nas quais me incluo).

As letras de Acaiá são sempre carregadas de inovação, são difíceis de prever e embaladas por um instrumental que beira o cru, por isso que me encanta sempre. E o novo single teve tudo isso.

Quando trocamos ideia, ele nos contou sobre qual é o motor de tudo: "O sonho precisa ser construído independente das condições.". Levar um sonho adiante, isso é uma coisa que ele repete desde sempre, e dá pra ouvir isso na canção.

Aperta o play e me conta se o cupido do folk mirou em você também.



PorTião Folk

opinião

A portrait of a woman with short, curly, light-colored hair. She is looking upwards and to the right with a thoughtful expression. She is wearing a dark, sleeveless top. There are tattoos on both of her upper arms. The background is dark and out of focus.

Dez anos como
Cássia Eller nos
palcos, Tacy largou
o papel para ser
ouvida como autora

Por Max Clark



artístico, e a Tacy sabe manejá-la muito bem, ela já não era mais a Cássia Eller, agora ela tinha uma pele própria a exibir; a bem da verdade, era uma skin que sempre esteve lá e nossa cantora teve a sobriedade de exibi-la em todas as suas cores, tons e suor.



conheceu já comparando. O trabalho autoral vinha antes, só que ninguém tinha visto.



Tacy (2014)

Artistas entram para a história quando fazem algo que nunca foi feito antes, algo diferente, inédito, inusitado. Se você der uma fuçada na internet vai encontrar alguns. Mas de todos os que fizeram história, podemos dizer que a Tacy reservou um nível só para ela. Nunca um artista havia pedido demissão de si mesmo. Tacy fez exatamente isso, e por escrito, no começo de 2026. Depois de dez anos emprestando voz e corpo a Cássia Eller num musical que rodou as 27 capitais brasileiras e passou por mais de 150 mil espectadores, ela publicou o que chamou de carta de demissão do **"cargo vitalício de Cássia Eller oficial do imaginário popular"**.



No mesmo período correu o anúncio de que outra atriz interpretaria a cantora no cinema, seguido de uma enxurrada de mensagens dizendo "tinha que ser você". Eis aí a ironia do mundo

Que fique aqui claro que poucos teriam a sobriedade de largar um papel garantido para recomeçar do zero, e menos ainda transformariam isso num manifesto sobre impermanência.

Entretanto, cabe à Revista Dissonância, como um dos principais veículos de mídia independente do país, registrar que ela nunca esteve parada. Enquanto o público a conhecia pelo filtro de Cássia, Tacy produzia seu próprio universo, suas músicas, sua história e, podemos incluir nessa conta um álbum maravilhoso, "O Manifesto da Canção", lançado em 2017. Nessa época ela assinava como Tacy de Campos, somente em 2024 houve a mudança artística para Tacy.



A simbiose, como ela define, foi inevitável: chegou ao Rio em 2014, aos 23 anos, selecionada entre mais de mil candidatas para o musical, e a cidade maravilhosa a

"Em 2016 eu lancei o meu primeiro single e em 2017 eu lancei o meu primeiro álbum, O 'Manifesto da Canção'. Então eu nunca parei com a minha carreira. Mas quando você tá fazendo um trabalho com um nome como o da Cássia, que tem uma popularidade espontânea muito grande, é inevitável. Acaba que o holofote sobre esse trabalho, que é popular, é muito maior do que o trabalho que você nunca deixou de fazer, que é o que é o meu trabalho"



Antes do Rio, houve Curitiba. No friozinho curitibano, a Tacy integrou banda, se apresentou em casas de show clássicas da cidade, tocou na noite, passou pelo Bardo Tatára, reduto underground de Curitiba, e estudou numa lista respeitável de conservatórios (Curitiba, Villa-Lobos, Souza Lima, CIGAM) antes de a catapulta carioca pausar o que ela vinha construindo por lá.



Tacy conta que aos quatro anos fugiu de casa atrás de um caminhão de som, o que talvez explique muita coisa. Cresceu numa família de leitores, virou leitora ávida, formou-se em Letras e trata a palavra com cuidado, o mesmo zelo que reserva ao arranjo.

O que fez com esse espaço recém-aberto é o que interessa. Radicada em Niterói desde 2018, Tacy converteu a própria carreira num projeto de ocupação feminina. Começou em 2020, na pandemia, com o coletivo Mana na Música, onde encontrou a primeira leva de instrumentistas e técnicas de som mulheres, gente que depois virou rede.

"O Mana na Música, eu posso dizer seguramente, que foi a primeira semente de uma rede de mulheres que hoje eu tenho muito mais fortalecida, no campo da música, tanto de musicistas quanto da área técnica, que também tem mulheres"

Dessa rede saíram os dois trabalhos que hoje a definem melhor que qualquer personagem, um show e um livro. O primeiro é "Tacy canta Todas as Mulheres do Mundo", show que ela assina na direção musical e nos arranjos, executado por banda inteiramente feminina e repertório de autoria também feminina. A ideia é de 2017, mas só saiu do papel em 2022, via edital. Para montá-lo, Tacy fez pesquisa de garimpeiro: livros de cronologia musical,

documentários, horas de YouTube, listas e mais listas. Descobriu, no caminho, que a história da mulher no rock brasileiro não estava organizada em lugar nenhum (o que, dito por ela, soa menos como queixa e mais como serviço a executar).



"E nesse processo foi um desafio muito grande, porque foi quando eu me dei conta de que o meu trabalho artístico, e acho que de muitas mulheres como eu, acho que já passaram por isso, de você olhar ao redor e perceber que o seu meio de trabalho profissional é praticamente todo masculino. O meio profissional do business, a proporção ainda é muito desigual entre homens e mulheres. Você sacode uma árvore e caem 10 bateristas. Se sacudir muito de com força, cai talvez três bateristas mulheres"

O espetáculo parte dos anos 50, abre com uma versão de "Rock Around the Clock" gravada por Leninha Silveira, recupera Celly Campello e Nora Ney, passa por Elis, Rita Lee, Gal, Cássia, Pitty e chega a Liniker. No percurso, desmonta a lenda de que roqueira no Brasil se resume a três nomes.

O segundo é "Beatles Fora da Caixa", banda dissidente de um antigo projeto de covers que Tacy reformulou até torná-lo outra coisa. As canções dos Fab Four ganham salsa, samba, jazz e reggae, com "Help" virando salsa e "Taxman" começando em "Bat Macumba". A formação obviamente é feminina por convicção declarada. Tacy resume com clareza o argumento: homem cantando homem, ela diz, nunca constituiu novidade; o ousado é uma mulher cantar um homem à maneira dela, e não à dos homens.



"Eu sou mulher. Eu tenho que, eu vou, cantar uma outra mulher, e isso também vai ser maneiro. Tá aí o "Todas As Mulheres do Mundo", mas quão ousado é uma mulher ousar cantar um homem à sua maneira? Não à maneira dos homens. Esse é o meu propósito"



Há ainda o show "Encontros", 80% autoral, em que ela divide o palco com convidados e usa a apresentação como ponto de partida para parcerias. Foi o caso retratado na foto acima da parceria com a Luli Nepomuceno, vocalista da banda Flores de Plástico que regravou a música "Nosso Amor Vai Virar Árvore", um clássico da Tacy.



Não poderíamos deixar passar um dos momentos mais marcantes para a cantora, sua estreia como escritora: em 2026 Tacy lança "Híbrida", livro de poesia e crônica em formato ampulheta, com duas capas e sem fim definido, editado pela Vira-Tempo, uma casa niteroiense também tocada por mulher. A coerência, note-se, é quase irritante de tão consistente.



Em meio a tudo isso ainda sobre tempo para receber uma menção honrosa na Câmara de Vereadores de Niterói. Tacy recebeu o Diploma Nicette Bruno de Cultura pelo show "Encontros". O diploma é uma homenagem a artistas, coletivos, instituições e empresas que contribuem de forma significativa para a vida cultural da cidade.



Chamá-la de case de sucesso pede uma ressalva que ela própria faria. Os números de streaming são modestos, e Tacy não finge negar o contrário. O êxito, aqui, mora em outro lugar: na disciplina de encerrar um ciclo lucrativo por decisão estética, e na teimosia de reorganizar todo o próprio ambiente de trabalho em torno de uma causa concreta. Em dois anos, quase todos os seus projetos passaram a ser executados por mulheres. Isso se faz contratando, ensaiando, indicando nomes, criando agenda, muito mais do que com discurso de palco (embora ela também tenha o discurso, e afiado, sobre dar baquetas à filha em vez de bonecas).

"Vocês que são pais, vocês que são mães, em vez de vocês pegarem, virarem para o seu filho, darem uma guitarra para o seu filho e uma panela ou uma boneca para sua filha, ... experimenta fazer a

inversão, dá uma boneca para o seu filho, porque o seu filho brincar de boneca não vai abalar a sexualidade dele... E dá uma guitarra para sua filha, dá um par de baquetas para sua filha, dá um baixo elétrico de brinquedo para sua filha. Porque você pode mudar a vida dela"



Ela tampouco poupa a própria trincheira. Acha o termo "música independente" um eufemismo generoso para "cena dependente", capenga, sustentada por curadores que bancam o autoral com a bilheteria do entretenimento enquanto a indústria olha para o outro lado. É o tipo de opinião que fecharia portas para muitos artistas, mas estamos falando da Tacy, a opinião forte é seu maior patrimônio, nem que isso represente "afastar" pessoas.



"Você tem que encontrar uma verdade nem que seja dentro de você, dentro da criação da persona. E é isso, eu sempre opto pelas escolhas mais orgânicas e mais verdadeiras possíveis, mesmo que a verdade doa, e aí muitas das vezes afasta pessoas, mas eu sempre acho que dos pecados é o menos execrável"

A partir dessa leitura, você dificilmente vai voltar a tratá-la apenas como a intérprete que largou Cássia, e a Dissonância está aqui para garantir que você nunca mais cometa esse erro. Tacy é a artista que usou uma década de holofote alheio para financiar, no melhor sentido, a construção de algo próprio e de uso coletivo. O público que aplaudiu a personagem começou a ouvir a autora e encontrou uma compositora cuidadosa, uma pesquisadora obstinada e uma articuladora que entendeu, antes de muita gente, que ocupar espaço rende mais que pedir passagem. A carta de demissão, vista assim, era só o início do expediente. Seja bem-vinda Tacy!



Tacy em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Max Clark

Cantora, compositora, multi-instrumentista, atriz e, a partir de 2026, também escritora, Tacy nasceu em Curitiba, fez as primeiras armas na noite underground da cidade e chegou ao Rio em 2014 para viver Cássia Eller no musical que rodou as 27 capitais e a tornou conhecida pelo país. O que boa parte do público levou uma década para perceber é que, por trás da personagem, sempre houve obra própria: dois álbuns de estúdio, um punhado de projetos autorais e uma decisão, tomada nos últimos anos, de reorganizar a carreira inteira em torno das mulheres na música (dos palcos aos bastidores técnicos). Radicada em Niterói, ela hoje comanda bandas e espetáculos executados só por mulheres, garimpa a história esquecida do rock feminino brasileiro e não tem papas na língua quando o assunto é o mercado que insiste em chamar de "independente". Foi essa Tacy, a que pediu demissão do "cargo vitalício de Cássia Eller oficial do imaginário popular", que conversou com a Dissonância nesta entrevista exclusiva.

Dissonância: Você publicou recentemente uma "carta de demissão" do cargo de "Cássia Eller oficial do imaginário popular". Como tem sido o processo de desconstruir essa "simbiose" para que o público finalmente enxergue a Tacy de forma inteira e independente?

Tacy: Vamos lá, sobre esse processo de desconstrução dessa simbiose que o público acabou enxergando entre mim e Cássia. É um processo que foram 10 anos interpretando o Cássia no teatro. E há dois anos eu startei o processo de, digamos assim, separação dessas figuras. Então tem dois anos que eu parei com os shows, de Cássia, cumpri ainda um finalzinho de agenda no início de 2025, de coisas que estavam agendadas, mas foi um projeto que eu definitivamente encerrei. Então não faço mais shows cantando Cássia, já tem quase dois anos. E o espetáculo Cássia, o Musical também é encerrado. Depois de 10 anos, entre muitas temporadas e muitas turnês Rio-São Paulo, nós fizemos as 27 capitais brasileiras. Nos apresentamos com esse projeto em todas as capitais, em grandes teatros do norte, nordeste, centro-oeste, sul. Então, foi um projeto de muito sucesso, que se espalhou muito rapidamente. Popularizou muito rapidamente, porque o nome da Cássia é um nome muito popular. E acho que a simbiose, ela aconteceu pelo fato de que quando eu cheguei no Rio de Janeiro, as pessoas não conheciam a Tacy. Eu cheguei no Rio de Janeiro para fazer esse trabalho. Então, mesmo eu, nunca tendo parado a minha carreira. Eu comecei a fazer a produção do meu primeiro álbum já em 2015. Em 2016 eu lancei o meu primeiro single e em 2017 eu lancei o meu primeiro álbum, O "Manifesto da Canção". Então eu nunca parei com a minha carreira. Mas quando você tá fazendo um trabalho com um nome como o da Cássia, que tem uma popularidade espontânea muito grande, é inevitável. Acaba que o holofote sobre esse trabalho, que é popular, é muito maior do que o trabalho que você nunca deixou de fazer, que é o que é o meu trabalho. Então, como as pessoas não me conheceram antes, não foi uma coisa do tipo primeiro o meu trabalho, depois o espetáculo, foi uma coisa de chegar, me conhecer através do espetáculo, então as pessoas já me conheceram pelo filtro da Cássia, me comparando com ela, ou falando o quão ela era parecida. Aquela Tacy que chegou em 2014 no Rio de Janeiro, de fato era muito parecida com a Cássia, porque é isso, eu tinha 23 pra 24 anos. Eu já trabalhava com música lá em Curitiba, já tinha uma banda, já tocava minhas músicas, já atuava na cena independente de Curitiba, mas eu estava também conquistando lá a cena aos poucos, fazendo o meu networking, fazendo o meu corre. Não era já uma artista consagrada em Curitiba, eu estava nesse processo lá. E aí, essa catapulta para o Rio, meio que pausou o que eu estava construindo em Curitiba, aí eu transfiro ela para o Rio de Janeiro, mas com uma concorrência desleal, vamos dizer assim, né? Muito embora eu sempre tenha tentado roubar um pouquinho dessa luz do espetáculo e tentar jogar um pouco, porque sempre foi importante, para mim, deixar claro que eu nunca fui e nem tive a pretensão de me passar por Cássia para além dos palcos do teatro, isso sempre foi muito claro para mim, mas eu percebi o quanto não era claro para as pessoas. Então, eu tô explicando toda essa construção porque 10 anos, de você executando um trabalho como esse e mesmo com essa consciência, a simbiose tornou-se inevitável. Então, eu tive que, quando foi uma decisão muito natural, quando o musical anunciou a última turnê, a última temporada, eu em momento algum me coloquei indisposta em relação a isso. Eu acho que já tava no momento mesmo de encerrar. Os projetos, eles precisam ter começo, meio e fim. Eu sou avessa a essa coisa de coisas infinitas que duram para sempre. Eu acho isso é um pouco doente por parte da sociedade, sabe? Acho que as pessoas têm que aprender a lidar com os seus lutos e encarar as mortes das coisas. Pessoas morrem, trabalhos acabam, fases acabam e o a lei da vida é impermanência. O

ser humano é que é muito apegado e não sabe lidar com os fins. Então, para mim foi um fim muito natural que eu já queria concluir. Foi um trabalho que me trouxe muitas alegrias, muitas felicidades, muitas conquistas profissionais, mas estava no momento de eu, sabe, já tinha outros projetos aquecidos que estavam começando a sair do papel, então eu precisava desse espaço e dessa concentração. E mais do que tudo, da energia, porque quando você tá no teatro, fazendo um personagem biográfico, você precisa demandar energia. E em 10 anos eu mudei demais, e eu tava mais do que nunca com vontade de vivenciar a minha pele, a pele de Tacy. E é isso que eu venho tentando mostrar para as pessoas, desde que eu encerrei essa fase da minha vida, eu venho trabalhando com afinco, em novos projetos e entendendo que eu sou uma artista com posicionamento social, que faz questão de trazer o seu posicionamento social para a sua arte. Eu não sou uma artista de mero entretenimento, chegar lá e faz uma coisa para entreter e vai embora, sabe? Não. Eu tenho mais prazer se eu incomodo, entendeu? Eu vou botar o dedo na ferida mesmo, eu vou militar sim em prol das causas que eu acredito, das coisas que eu acredito. E eu sei das consequências disso. Existem os pró, existem os contras, mas eu tava muito insatisfeita em ser só um arroz de festa, eu estava bem incomodada com esse posicionamento, porque eu sentia que ele não era pleno. A Tássia de verdade não queria ser isso. A Tacy de verdade fala pra caramba, pensa a respeito. Eu tenho, porra, muitas ideias, não só criativas, mas sobre discussões, questões sociais, posicionamentos, e eu fiz questão de trazer isso à baila, e eu acho que nesse processo de desconstrução, eu venho tentando trazer esse olhar para o meu para o meu trabalho, para a minha obra e tentando fazer com que as pessoas, aos poucos, elas possam enxergar a Tacy. Eu aposto na diferença, eu aposto, claro que eu não pauto a minha carreira, assim, pelo tipo, 'ah, isso parece ou não com a Cássia', eu não posso fazer isso, porque isso seria uma sacanagem comigo mesma. E se as pessoas encontrarem pontos em comum e insistirem nessa simbiose, aí não cabe mais a mim. Cada um faz o que quiser com o seu olhar. Mas os rumos do meu trabalho hoje, tem como foco os rumos da Tacy, sobretudo, antes de qualquer coisa.

Dissonância: Você afirma que "criar também é partir". Como o seu "novo" nome artístico, agora apenas Tacy, reflete essa sua busca por simplicidade e verdade consigo mesma?

Tacy: Exatamente isso, acho que a simplicidade, verdade, acho que sempre houve, mas simplicidade, porque veja, não tenho nada contra meu nome, acho que eu já até falei isso em podcasts e isso já rodou no Instagram e tudo, imagina, não é uma questão de "ah, não gosto do meu nome". Não tem a ver com isso. Foi uma escolha, na realidade, pensando em simplificar mesmo, né? Porque não tem nem a ver com essa coisa da simbiose da Cássia, nada disso. Foi uma coisa que me recomendaram na época, a produção que eu tava trabalhando na época, falou assim, pô, quantas Tacs você conhece? Você tem a Tássia, você tem similares, Tatis, muitos nomes parecidos, mas Tacy, quantas Tacs você conhece, artisticamente falando? Nenhuma. E assim, se a Anita pode ser Anita, eu ousei resolver que eu queria ser quatro letras artisticamente, eu acho que resolve melhor. E comecei esse processo já tem um bom tempo. Eu fiz troca artística. As pessoas acham que é agora, mas eu fiz a minha troca artística em 2022. Então, já tem uns quatro anos que eu fiz essa troca do nome. E interessante como você precisa avisar as pessoas e avisar as pessoas e avisar as pessoas e como o nome é uma coisa que fixa, que pega. Colegas na hora de anunciar em participações no palco, às vezes mandavam, Tacy de Campos, aí eu, "pô, agora é só Tacy". E não mudou nada. Não não é uma mudança, ô meu Deus, mas a gente tá muito acostumado, a ter nome e sobrenome. São sempre dois nomes, né? Como se o nome, um único nome, soasse quase arrogante, quase

prepotente. "Como assim? Então você acha que só um nome te identifica melhor do que dois nomes?". Mas, como te falei, eu ousei arrasar, porque é isso, eu sou Tacy desde antes de eu nascer. A minha avó já me chamava assim, a minha mãe me chamava assim. Eu gosto de ser chamada assim, eu achava o "de Campos" às vezes um pouco pomposo demais. É uma pompa que não faz parte nem da minha personalidade e nem da natureza do meu trabalho, sabe? Então, acaba que esse nome de certa forma, com esse momento dos últimos dois anos, ele entrou em plena consonância, porque acho que ele reflete ainda mais esse viés orgânico. Eu sou uma pessoa, uma pessoa artística principalmente orgânica. Eu gosto daquilo que é verdadeiro, daquilo que é quase artesanal. Mas que é honesto. Eu não não curto muito respostas plastificadas, eu não curto muito propostas que têm que maquiar demais para convencer, já me dá preguiça. Eu falo, "porra, não vou conseguir comprar essa aposta porque se eu tiver que maquiar demais, eu não vou imprimir a verdade que aquela que aquilo ali precisa". E não se trata de atuação. Eu acho que até mesmo uma atuação bem-sucedida, ela precisa acontecer. Você precisa ter uma notas de verdade naquilo. Você tem que encontrar uma verdade nem que seja dentro de você, dentro da criação da persona. E é isso, eu sempre opto pelas escolhas mais orgânicas e mais verdadeiras possíveis, mesmo que a verdade doa, e aí muitas das vezes afasta pessoas, mas eu sempre acho que dos pecados é o menos execrável.

Dissonância: Você costuma dizer que o amor é como uma árvore, com raízes profundas e detalhes no dia a dia. Como essa metáfora se traduz na sua forma de compor e de se conectar com seus ouvintes?

Tacy: Pois é, a música "O Nosso Amor Vai Virar Uma Árvore", eu acho que foi uma, uma canção que quando eu fiz, eu não tinha dimensão do significado que ela alcançaria através do tempo. E não seria a primeira vez que eu me surpreendo com uma canção. Às vezes quando eu faço a música, ela tem um primeiro sentido, uma primeira camada, mas ela vai ganhando camadas ao longo do tempo. E essa foi uma feliz canção, porque quando eu fiz a música, ela tinha um sentido, ela tinha um objetivo. Depois, conforme eu fui tocando em vários shows, uma música que as pessoas gostam, né? Uma música, ela tem uma alegria, ela tem uma energia, muito embora ela não necessariamente seja um refrão chiclete, mas ela tem uma frase chiclete, que eu acho que é uma excelente tradução para as apostas, pra nossa fé na vida, pra nossa fé nas coisas que a gente acredita. O amor, ele é uma coisa que demanda dia a dia, que demanda cuidado, que demanda regar plantinha, revolver a terra. Tudo que aquilo que a gente quer fazer crescer, que a gente quer investir precisa de tempo e, para isso, você precisa dessa demanda diária, dessa demanda a quase artesanal. E eu acho que é uma metáfora, eu acho que essa metáfora fala exatamente sobre isso, sobre tudo aquilo que a gente acredita, que aquilo que a gente aposta, que a gente deposita fé. Fé muito antes de crença. Eu sou uma pessoa totalmente anticrença. Eu não tenho fé, aliás, não tenho crença, mas tenho muita fé. Eu tenho muita fé nas relações que eu procuro ter com as pessoas, eu não sou do tipo de pessoa oportunista ou que cria relações só pra, sei lá, alpinismo, sabe? Alpinismo social, alpinismo profissional. Eu não consigo acreditar nisso. Sabe? Eu não vou fazer amizade com uma pessoa famosa ou com mais nome, mais projeção que eu, porque eu quero pegar uma carona. E essa conexão ela só vai acontecer se ela for de fato real, se houver realmente uma conexão real entre eu e aquela pessoa, e se as coisas caminharem para isso. Então, eu não sei se existe, obviamente, a gente sabe que existem outros caminhos, e deve existir pessoas que têm um olhar mais estratégico em relação a isso, mas eu não. Eu não me pauto por esse crivo. A minha pauta é realmente a conexão

verdadeira, a conexão real. E o “Nosso Amor Vai Virar Uma Árvore” é uma canção que traduz exatamente esse lugar da conexão verdadeira. Eu acho que as pessoas que me ouvem, que ouvem as minhas músicas, que estão sempre dando feedback, “ô, pô, você tá na minha playlist”, pô, esse mês, feedback do mês do Spotify, sabe? Sempre tem uma galera que vai lá, posta, marca, e eu vejo que essa música, ela já foi muitas vezes postada, repostada, a galera gosta de ouvir. Já vi pessoas cantando no show, fico sempre radiante quando eu vejo a galera cantando junto. Para mim foi uma alegria muito grande ano passado, em 2025, quando a banda autoral, independente de indie rock, Flores de Plástico, gravou essa música, fez uma versão de “O Nosso Amor Vai Virar Uma Árvore”, e eu participei, ficou muito bacana e desde então, nós temos feito várias dobradinhas, participações. Dessa gravação renderam, assim, muitos encontros, inclusive o show “Encontros”, meu show autoral, atual, ele nasceu quase que ao mesmo tempo. Foi no mesmo ano, numa época muito próxima dessa de quando eles lançaram essa versão; e eu fiquei muito feliz, porque de alguma forma, eu penso assim, se a minha música alcançou o ouvido deles, eu já tô feliz. Mas se, mais que alcançar os ouvidos, bateu fundo, fez algum sentido, e justificou falar, cara, é mais do que ouvir, gostar, regrávar. Também eu quero cantar esses versos, também eles fazem sentido para mim. Então, eu alcancei os céus, porque é sobre isso. É sobre isso, sabe? Quando aquilo que você jogou no universo em termos de energia, de linguagem, de mensagem, se aquilo fez sentido para o outro e o outro também vai levar aquilo adiante, é como se a minha missão enquanto compositora tivesse sido cumprida nessa terra. O meu desejo maior é que as pessoas ouçam as minhas músicas e gravem as minhas músicas e façam versões novas e levem adiante. Eu não tenho esse preciosismo de arranjo. Eu sou arranjadora, adoro fazer arranjo, gasto um tempo fazendo isso, é um dos meus maiores deleites, meus maiores prazeres. Eu adoro tempo de estúdio criando arranjo, gravando, eu gosto muito, tanto quanto a experiência ao vivo. Acho que são duas experiências totalmente diferentes, mas existe um prazer no estúdio de criação que é muito prazeroso para mim. Então, exatamente por eu valorizar isso, quando eu vejo alguém regravando uma música minha e essa pessoa também traz uma proposta, eu vejo, pô, essa pessoa se debruçou, pensou em algo, sabe? Teve o afinco, teve um trabalho ali, sabe? De decodificar aquela mensagem e trazer ela para uma nova linguagem musical, respeitando, as bases, as estruturas que a música tem, mas, sabe, com a identidade daquele que agora vai ser um novo porta-voz. Mais uma pessoa cantando por aí que o nosso amor vai virar uma árvore. Para mim foi, para mim é, essa é a função de um compositor. É assim que a gente fica eterno, quando a nossa palavra ganha vários ouvidos, ganha várias bocas e passa a ser passada adiante por outros sons, por outras pessoas. Acho que isso é a verdadeira eternidade.

Dissonância: No show "Tacy canta Todas as Mulheres do Mundo", você assina a direção musical e os arranjos para homenagear ícones do rock feminino. Como foi o desafio de traçar essa linha cronológica dos anos 50 até hoje sob um olhar puramente feminino?

Tacy: Caramba! Criar o show Todas as Mulheres do Mundo foi um baita de um desafio. Era um desejo meu antigo. Posso dizer que a primeira vez que eu falei, “cara, eu quero montar um show 100% executado por mulheres e com repertório 100% originário feminino”, lá por 2017. Já tem uns 10 anos, mas na época eu não tinha expertise, eu não tinha as pessoas que eu precisava pra poder elaborar isso. Só tinha a vontade. E aí ficava fazendo uns rascunhos, pensava, “ah, uma hora eu vou conseguir executar essa ideia”. Corta. Estamos em 2022 e aí eu tava já com parceiro de inscrição de edital e tal, surgiu alguns formatos de edital e aí veio a ideia, eu

falei, “cara, aquela ideia”. Me falaram assim, “você não tem nenhum projeto novo, mais ousado?”. Aí, pá, veio a ideia de fazer o projeto “Todas as Mulheres do Mundo”. E aí a gente vai burilando. A gente vai rascunhando, criando as primeiras bases. E aí quando, de fato, você tem o projeto aprovado, que você fala, pô, agora vai, né? Agora vai rolar, tem a verba, tem o dinheiro. Aí você tem que correr atrás de fazer a coisa acontecer, porque ela definitivamente vai ter que sair da ideia e se materializar. E nesse processo foi um desafio muito grande, porque foi quando eu me dei conta de que o meu trabalho artístico, e acho que de muitas mulheres como eu, acho que já passaram por isso, de você olhar ao redor e perceber que o seu meio de trabalho profissional é praticamente todo masculino. O meio profissional do business, a proporção ainda é muito desigual entre homens e mulheres. Você sacode uma árvore e caem 10 bateristas. Se sacudir muito de com força, cai talvez três bateristas mulheres. E sem contar que existem lacunas dentro dessas camadas profissionais. Você tem musicistas que agora estão com nome, que estão no business tocando e acompanhando grandes artistas, fazendo suas carreiras solo, fazendo turnê internacional, mas, veja, elas não vão ter agenda para um projeto que tá saindo do papel agora. Elas não vão ter essa disponibilidade. Então, você precisa de musicistas mais imediatas, com mais disponibilidade, mais tangíveis. E aí onde é que você encontra? E aí eu comecei a ir atrás, isso me forçou a ter que ir além dos meus horizontes, sabe? Buscar novos nichos, novas pessoas, novas conexões. E eu tive a felicidade de encontrar meninas maravilhosas, que hoje são uma rede que deu muito certo, elas em si formaram uma rede também. E esse foi um dos desafios. O outro foi, pô, tenho um projeto, quero contar a história das mulheres no rock, porque o rock é um gênero extremamente machista, sempre vindo e perpetuado pela ótica masculina, tem um qualquer coisa de virilidade ali, né? O rock, ele carrega consigo essa energia extremamente masculina, como se a energia masculina não pudesse ser apropriada pela mulher, como se a mulher fosse sempre 100% energia feminina. Como se o rock não pudesse também ser permeado por uma energia feminina, como se ele tivesse sempre que ser rude e muito animalesco. Sendo que o rock, ele tem a sua trajetória através das décadas e passou por inúmeras transformações. Quando eu comecei a fazer essa pesquisa, eu li vários livros, de cronológicos. Então eu tive assim que ir atrás de livros que faziam cronologias da história da música e aí eu você ir pinçar, “ah, o que é que aconteceu aqui na década de 60? Quem fez o quê? E dentro de quem fez o quê”, você ir pesquisando, é pesquisa artesanal mesmo, não é dar um Google rápido, não é ir no GPT e pedir para ele fazer pesquisa por mim. É aquela pesquisa mesmo que você tem que ir atrás das fontes e ir pinçando mesmo, sabe? O que é que faz sentido? Você tem um norte na sua pesquisa e você vai pinçando o que faz sentido. E foram muitas leituras assim, foram documentários, foram horas de YouTube, caçando uma sorte de músicas e de álbuns e fazendo listas e mais listas e mais listas de artistas. Eu poderia ter feito um baile de “Todas as Mulheres do Mundo”, mas eu sempre tive em mente que eu queria, sobretudo, um show palatável, popular. Então, eu tinha que focar nas músicas mais conhecidas, porque era um projeto que eu queria que desse muito certo, tanto quanto o projeto que eu estava me desligando, que era o show de homenagem à Cássia. E eu queria também desmistificar essa ideia de que o rock and roll no Brasil nas mulheres aconteceu e se resumiu apenas a Rita Lee, Cássia Eller e Pitty, como se só elas fossem roqueiras. Talvez elas tenham sido as únicas que tenham colado nos peitos o adesivo, sou roqueira mesmo, é isso aí. Mas Gal Costa cantou rock and roll por anos. Elis Regina cantou rock and roll por anos. Você tem a mãe do ieieie, que é a Celly Campelo, sacou? Aí eu voltei lá na década de 60 e aí você tem Nora Ney, por exemplo, que é reconhecida como uma cantora de samba,

mas que começou cantando roquinhos, começou cantando “Rock Around the Clock”. Aí você tem a Leninha Silveira, contemporânea dela, que gravou uma versão em português de “Rock Around the Clock”. E eu abro o show “Todas as Mulheres do Mundo” com essa música. Eu tento criar o show, eu tento construir a narrativa do show partindo sempre de uma premissa cronológica, porque eu acho que esse show ele é para contar a história da mulher dentro do recorte do rock nacional. Então eu faço um recorte nacional e da perspectiva feminina. E eu descobri que essa pesquisa ela não estava pronta, saca? Por isso que eu tive que ir catar na mão. E isso foi uma coisa que me surpreendeu, porque a gente acha que alguém já pensou pela gente nisso, mas cara, não. E aí eu me dei conta de que não tem ninguém olhando para isso. Não tem ninguém. E aí se você não tem ninguém olhando para isso, é como se isso não existisse, mas existe. Existe. Aí você pensa, ah, então cantoras como Ana Carolina, Zélia Duncan são do rock? Não. Isso também é outro mito. Elas no máximo têm uma música mais pop aqui, outra mais pop ali, mas elas não fizeram rock and roll. O rock and roll, ele foi muito auge na década de 70, depois ele vai adquirindo contornos mais pop, mais synth, nos anos 80, nos anos 90, parte dele vai para o grunge, outra parte vai para o punk, e nos anos 2000 mesmo, é que eu tenho uma dificuldade um pouco maior, porque até então as pesquisas, elas levavam para nomes certos. Dos anos 2000 em diante, você tem o reflexo da internet, né? E é inevitável. Que pulveriza. E aí você tem muitos nichos com recortes de mulheres em nichos, mas você não tem mais um recorte de massa, você não tem mais popularidade. Então, o show, ele vai contando cronologicamente essas histórias, mas quando ele chega nessa fase, eu observo, e aí a observação de já ter feito alguns desses shows em diferentes locais, com diferentes públicos, eu percebo que há uma certa desconexão do público da década de 70 quando chega na fase dos anos 2000. E eu também fico ali numa de fazer vários testes, sabe? Curadora, assim, tipo, “hum, aqui vai caber botar uma música da banda Luxúria”, que bombou muito no período da MTV, que não era uma banda 100% feminina, mas é uma cantora que compunha, que é a Megh Stock. E foi aquela fase da banda Luxúria. Depois ela saiu, a banda continuou, hoje em dia, já tem muitos anos, segue com o vocalista masculino, mas é um recorte que eu fiz da época. E, pô, e aí você pensa que é um trabalho simples, que é um trabalho fácil, ou que é um trabalho que alguém já fez mas não fez, e é sobretudo um trabalho contínuo, porque é uma pesquisa, de um olhar muito particular, do que que a gente consegue encaixar dentro da narrativa do rock e expandindo também o rock para além do que de propriamente você pode entender como um gênero musical. O rock, ele também é uma atitude. Quando eu expandi esse conceito, eu facilitei também o meu trabalho, porque por exemplo, eu pude contemplar no repertório do meu show uma artista como a Liniker, que fez um feat com o Johnny Hooker e cantou Flutua, que é uma música, que é um blues lindo, saca, com uma pegada de rock and roll, com uma atitude de rock and roll, com artistas que têm esse olhar transgressor, esse olhar contracultura, esse olhar progressista. E eu queria trazer esse olhar, porque ele não só dialoga com a proposta do projeto, mas dialoga com a minha. E eu queria trazer isso porque eu sei o quanto essa música, além de ser uma delícia, o quanto as pessoas amam, né? As pessoas amam quando eu faço essa música no show, e aí você vai tendo recortes do quanto esses artistas também são amados pelo público, e você vai tendo outros tipos de termômetro e tendo ainda outros feedbacks. Eu sou muito feliz com esse projeto, eu quero que ele não pare tão cedo. Eu quero muito rodar com esse projeto. Uma banda grande e sempre tem convidados especiais. Eu procuro sempre chamar mulheres, convidados especiais. Sempre conto com a artista Miriam Ruperte, que é uma cantora e compositora que eu conheço de muitos anos, e que tem uma

energia incrível no palco, temos canções juntas. E é uma parceira, uma amiga, muito generosa no palco. Já chamei a Sonja, maravilhosa, que é um vozeirão. E ela não só veio cantar uma das mulheres homenageadas, como cantou sua própria música. Eu sempre tento fazer essa conexão e trazer a música autoral, porque é isso, a gente não sabe, o autoral, tudo é autoral, tudo tem autoria. E o que difere é a popularidade. Um dia a música dela vai ser popular, um dia a minha música vai ser popular. Quando que a gente vai descobrir isso? Quando a gente cansar o ouvido das pessoas de tanto elas ouvirem. Então a gente não pode nunca se escusar de botar uma música nova no show, porque você não sabe o que é que vai pegar o ouvido da pessoa e você tem que continuar, sem pedir licença. Então eu acredito nisso. E aí é esse casamento de mulheres da nova geração, de outras gerações, juntas em prol de contar a história das mulheres, desse recorte tão particular das mulheres no rock produzido no Brasil.

O projeto "Beatles Fora da Caixa" traz versões exclusivas que misturam latinidades, jazz e reggae. Por que era importante para você que essa banda fosse formada exclusivamente por mulheres?

Tacy: Beatles Fora da Caixa é um projeto dissidente do projeto Mulheres Cantam Beatles, que é um projeto que passou mais de uma década fazendo sucesso, porque nasceu entre Rio e Niterói. E inicialmente, eu não fazia parte dessa época, nem morava aqui no Rio, mas é um projeto que era encabeçado por outras pessoas, por outras mulheres, só que era num formato diferente. Não era versão, era cover, era uma banda masculina e sete cantoras, fazendo arranjos vocais muito elaborados. Aí você teve muitas fases. Então teve da Ira, a cantora da Ira, teve uma época que, quem cantava no Mulheres Cantam Beatles era Samantha Schimidt. Uma época, o projeto foi áureo, tava rodando o Brasil, fez muita turnê, fez turnê na Inglaterra. Tanto é que tem até vídeo desse pessoal lá Jô. O projeto Mulheres Cantam Beatles foi parar no Jô. Então, foi um projeto de muito sucesso, que rodou muito o Brasil, deu o que falar, teve personalidades da música. E só que depois, ele meio que deu uma parada. Então, quando eu cheguei em Niterói e conheci a Mari Dantas, que era uma remanescente desse projeto, e eu fiquei sabendo, eu fiquei doída, eu falei, "caraca, como é que pode? Esse projeto tem que voltar pra gente poder movimentar". E aí, só que já era um outro momento, já tinha saído muita gente, o projeto realmente tinha parado e ela se separou dos integrantes. E aí, pra poder seguir com esse projeto, ela tava bastante reticente, aí eu botei uma pilha, falei, "vamos tentar então montar uma coisa 100% feminina, uma banda de mulheres?". Falei, aí ela cedeu, a gente montou, e aí foi quando eu chamei a Helena, que hoje faz parte da Beatles Fora da Caixa. Na época a gente estava com a irmã da Daira, a Dacha, e aí, e chamei a Alcione pra tocar na bateria, Alcione Zakowski, que hoje também tá na Beatles Fora da Caixa. E com essa primeira formação, nós montamos a volta do Mulheres cantam Beatles, só que fizemos um ou dois shows apenas e aí, enfim, a Mari realmente tava com outros planos. E aí nesse ponto, eu entendi assim que, o que é que aconteceu? Eu já trazia ideias novas, né? Essa coisa de fazer arranjos diferentes veio de mim, porque eu tenho essa inquietude criativa. Eu gosto de criar, eu sou uma artesã da palavra e da canção, eu me considero. Então, eu não tenho muita paciência pra cover, pra ficar reproduzindo o que os outros já fizeram. Eu acho, na verdade, uma enorme perda de tempo. Assim, a não ser que você vá promover uma homenagem aqui ou ali, mas gratuitamente, uma banda como Beales, por exemplo, quantos e quantos e quantas pessoas já reproduziram o que eles fizeram e vão fazer muito melhor que eu. Eu sei que eu vou fazer melhor se eu puder criar em cima. E aí foi um ponto, foi o ponto onde a gente fez a dissidência, porque com a saída da Mari,

que era remanescente direta do Mulheres cantam Beatles, a gente entendeu que para seguir com aquela proposta de Beatles e dentro dessa proposta de fazer diferente, a gente teria que assumir um novo nome e assumir essa identidade nova mesmo. E foi o que nós fizemos. E aí, de 2025 em diante, nós fizemos, tivemos várias formações, entraram meninas, saíram meninas. E por que mulheres? Porque é parte da minha verdade. Eu me coloquei e me coloco hoje no meu trabalho artístico, com para além da missão de compor e de levar as mensagens, as coisas que eu canto para as pessoas, eu encontrei em mim uma missão, e a minha missão é lutar pelo lugar da mulher, o espaço da mulher na música, e sobretudo o espaço que ela quiser, não esses espaços pré-prontos, sabe? Ah, claro, vamos botar o lugar da mulher na música. Lógico, pega lá, cinco cantoras, como se a mulher só cantasse. Pra quê? Pra ter uma banda 100% masculina, que detém os arranjos, os conhecimentos, e ela fica refém e não consegue negociar, porque a gente sabe como é que funciona. Não vou dizer que são todas, mas várias vezes, as mulheres, por não possuírem o conhecimento harmônico, por não conhecerem o conhecimento de arranjo, elas ficam rendidas, ficam na mão de caras que, por vezes, olham para as mulheres e falam, ela não tem capacidade de opinar no arranjo ou dizer o que deve ser feito. E eu encontrei uma missão aí, eu falei, eu vou, se eu puder, eu vou só botar só mulher. E assim, foi um tempo muito curto, desde que eu encerrei as atividades de caçadora musical, de que encerrei os shows de caça, em 2 anos, todos os meus projetos praticamente se tornaram 100% femininos. Então, eu fiz uma revolução na minha vida, e tentando fazer pequenas revoluções onde eu consigo tocar a minha mão, e eu acho que isso é o que vai fazer a grande revolução. Se eu puder tocar outra pessoa que vai, que também vai entender isso como uma missão e levar isso adiante, se eu puder tocar você com essa ideia, pronto, a gente fez uma corrente do bem. E eu vejo que não tem muita gente fazendo isso e que os grupos em que você tem mulheres fazendo isso, são pequenos grupos e eles estão sempre muito espalhados, né? E é um plano do patriarcado, na realidade. O plano do patriarcado é manter as mulheres incomunicáveis, as mulheres têm que ser rivais umas pelas outras, porque o foco delas sempre tem que ser um macho. Só que isso não faz o menor sentido para mim. O meu foco nunca foi e jamais será um macho, sabe? Tipo, e eu não tô falando a nível pessoal, eu tô falando a nível profissional também, sabe? os meus ideais, os minhas referências são mulheres, eu não fico batendo palma para homem, alguns, os que realmente considero muito bons. Mas mesmo assim, sabe? Então, assim, minhas referências, meu foco, minhas refs são todas mulheres. Então, eu quero cada vez mais mulheres no palco tocando muito, estudando muito e ganhando palco, em vez de, e falo isso nos shows, inclusive. Vocês que são pais, vocês que são mães, em vez de vocês pegarem, virarem para o seu filho, darem uma guitarra para o seu filho e uma panela ou uma boneca para sua filha, não há nada, nenhum problema com a boneca, mas experimenta fazer a inversão, dá uma boneca para o seu filho, porque o seu filho brincar de boneca não vai abalar a sexualidade dele, você não tem nada a ver com isso também, né? Isso é uma escolha dele, não passa por pai e mãe. E dá uma guitarra para sua filha, dá um par de baquetas para sua filha, dá um baixo elétrico de brinquedo para sua filha, sabe? Porque você pode mudar a vida dela, você pode dar uma perspectiva totalmente nova para ela, você pode salvar ela de uma depressão. A conexão com a música, a conexão com a arte, ela salva pessoas. E por que que na hora de você escolher quem você salva, você salva mais homens que mulheres? Então, isso é parte do processo do machismo, do patriarcado social. E quando eu entendi isso na raiz, eu falei, cara, eu quero ser um agente de mudança aqui. Então, como é que eu posso fazer isso? Vou mudar o meu círculo de trabalho, o que eu faço com as relações que eu tenho com as pessoas. Então é por isso

que a Beatles Fora da Caixa, ela é feminina, por essência, e eu acho que esse é o grande barato, porque, homens cantando homens, isso aí não constitui novidade nunca. Desculpa, eu sou mulher. Eu tenho, eu vou cantar uma outra mulher, e isso também vai ser maneiro. Tá aí o Todas As Mulheres do Mundo, mas quanto ousado é uma mulher ousar cantar um homem à sua maneira? Não à maneira dos homens. Então, esse é o meu propósito. Então, sou eu quem trago os arranjos, as ideias de fazer, o show da Beatles Fora da Caixa hoje, é um show onde a gente faz um apanhado de músicas dos Beatles, não necessariamente só as mais famosas, também tem, mas existem outras mais intermediárias. E a gente arroja mesmo. Então, a gente se inspira em versões de Sarah Vaughan, Steve Wonder, e faz versões originais também, em jazz, em samba, em blues, em salsa. Nós temos a versão de Help em salsa. E aí, faz, e a gente faz umas interseções com músicas da música popular brasileira. Por exemplo, "We Can Work It Out" no meio dela, faz uma incidental em palco do Gilberto Gil. Taxman, começa com Batmacumba. Você tem The Fool on the Hill, inspirado na versão da Sarah Vaughan e que no final faz uma interseção com Tim Maia. E a ideia é essa, essa brincadeira, é abraçar os Beatles, contemporaneizar os Beatles e, sobretudo, dá perspectiva de mulheres, né? Eu trago as ideias, eu jogo as propostas, fazemos os arranjos de uma forma coletiva e vamos adaptando, vamos construindo a música, tal qual o teatro, ela não é engessada. Então, e a gente agora vai começar a gravar algumas coisas também, para ter isso registrado. Mas é isso. Acho que eu respondi a pergunta.

Dissonância: Na sua visão, qual a importância de coletivos como o "Mana na Música" para fortalecer a cena de mulheres artistas, especialmente em polos fora da capital, como Niterói?

Tacy: O Mana na Música foi um projeto precioso. Eu fiquei muito feliz de fazer parte. Eu tinha chegado há pouquíssimo tempo em Niterói e tava procurando, foi em 2020, foi bem no início da pandemia, eu lembro que eu tava em casa pensando, "gente, cadê as outras mulheres", né? E isso ainda não tinha rolado a possibilidade de fazer o Todas as Mulheres do Mundo, mas já tinha essa inquietude. E aí, quando eu vi o anúncio desse projeto, me inscrevi, enfim, rolou. Fiquei muito feliz de fazer parte, foi para mim uma experiência de networking fantástica, porque eu conheci várias mulheres e depois pude indicar essas mulheres para vários projetos que eu conhecia. E foi ali que eu comecei a semente. O Mana na Música, eu posso dizer seguramente, que foi a primeira semente de uma rede de mulheres que hoje eu tenho muito mais fortalecida, no campo da música, tanto de musicistas quanto da área técnica, que também tem mulheres. Eu conheci, pô, Danela Pastori, através do Mana na Música, que é foda, uma referência aí na parte de áudio; e que vem fazendo a diferença no mercado profissional do business, e a gente sabe que o mercado do áudio, da engenharia, dos técnicos de som, que trabalham em operações também é majoritariamente masculino. Então, eu tive contato com esse primeiro universo que me atentou também para esse olhar, pensar, caramba, de fato, o lugar da mulher é onde ela quiser, né? Eu lembro que a gente, eu até respondi uma pergunta dessa numa gravação lá do processo do Mana na Música, mas enfim, eu acho que é um projeto necessário, um projeto que fortalece muito a cena, que tem uma proposta de rede de mulheres. Eu até hoje, sabe, quando encontro as meninas que gravaram, que fizeram parte do projeto, é sempre uma alegria se reencontrar, sabe? Você tem interesse em saber o que que a outra tá fazendo, né? Quer fazer outras coisas, quer compor junto, quer chamar para gravar, para tocar, e isso é maravilhoso. Eu acho um projeto muito potente, acho que é um projeto que tem que ter muitas edições, não só de gravações, de novos trabalhos, como tem que ter esse projeto atuante fazendo shows.

Sempre que eu encontro a Flavinha Sales, falo: "E aí, quando é que tem show? Porque eu fiz parte da primeira edição desse projeto, e como era pandemia, virou tipo uma espécie de sound camping. E nós gravamos, tínhamos um dia no estúdio para gravar tudo o que a gente falou online, e nunca tínhamos a oportunidade de subir no palco juntas para executar ao vivo aquilo que a gente passou meses planejando e que se concretizou em um único encontro, todo mundo mascarado, né? Mas depois houve outras edições e aí eu também conheci as outras manas das outras edições. Como foi precioso esse projeto. Então, assim, acho um projeto fantástico.

Dissonância: Sua história com a música começou aos quatro anos, quando você fugiu de casa atrás de um caminhão de música. Olhando para os seus mais de 15 anos de estrada, você sente que ainda mantém aquele mesmo instinto de "mergulho" profundo na arte?

Tacy: Com certeza, com certeza ainda tem esse desejo de mergulhar e de aprofundar. Se eu pudesse escolher a rotina da minha vida, seria passar o dia inteiro tocando, criando, compondo. Assim, se fosse possível, né, se a vida prática não exigisse tanto que a gente se desdobrasse em tantas funções, e eu jogo, não jogo nem nas 11, eu jogo nas 13. Mas, se eu pudesse escolher, eu viveria para música, 100% o dia todo, da hora que eu acordo a hora que eu vou dormir, porque eu tô sempre pensando em ideias, criações. A música sempre foi uma coisa muito pulsante para mim, muito. Minha cabeça é uma vitrola quebrada, tá sempre tocando alguma música. E eu tenho já, ao longo da vida, sempre tive essa conexão muito forte com a palavra, um som e com a palavra. Então, eu tô sempre anotando alguma ideia, às vezes vem uma poesia, num momento assim, bem pitoresco. E fez muito sentido para mim quando eu entendi essa conexão simbiótica que acontece no meu trabalho entre a palavra e o som. E eu acho que uma das coisas que me ajudou a compreensão disso foi a própria literatura, que eu tenho uma conexão, que vem da infância. Eu comecei leitora ávida desde muito pequena, já tinha esse hábito em casa. Eu via a minha mãe ler, minha tia ler, meu avô ler, vem de uma família de uma galera assim muito, que dava muito valor ao estudo, à leitura, à erudição. E eu levei isso comigo. Então, minha mãe acordava, me botava no berço, eu tenho essa memória, me botava no berço. E eu ouvia uma sombra vindo da sala, ela me botava para dormir e ia ler com a minha tia. E aí, depois no dia seguinte, elas ficavam falando das histórias do livro, e eu ficava assim: "do que que vocês estão falando? Eu não vivi isso". Aí aos pouquinhos eu fui entendendo que eram as histórias que elas viviam dentro dos livros, elas liam o mesmo livro para depois comentar. Então, essa vivência foi despertando em mim esse amor pela literatura, esse amor pela palavra, e foi lendo uma vez Bukowski, não, não me lembro exatamente o o título, não me lembro se foi Factotum, não me lembro exatamente qual foi a obra, mas o personagem do Bukowski, dizem que é um personagem autobiográfico, né? Na realidade, ele é, poderia ser chamado como uma espécie de autoficção, que é aquele personagem que, digamos que fala muito do autor, mas não leva o nome dele. Então, é uma, tanto quanto livre essa interpretação. Embora exista, eu tenho até uma pesquisa, minha monografia da faculdade foi sobre isso, inclusive. Mas, o Bukowski, o personagem dele, o Chinaski, é um escritor, que trabalha nos correios; e que trabalhou muitos anos nos correios, a vida toda como funcionário público e no final da vida, ele fez muito sucesso e viajava, recitando os poemas, ele tinha uma forma muito particular de recitar esses poemas. E ele fazia sucesso com isso e a editora pagava ele para ele viajar. Só que o cara era um fanfarrão, um cara que hoje em dia estaria completamente cancelado, machista, escroto, babaca, tóxico, péssimo, péssimo. Mas teve uma coisa que foi dita nesse livro, que eu achei muito interessante na fala do personagem que a mulher vira para

o Chinaski e fala assim: "Você é escritor? Mas eu nunca te vejo sentado na frente dessa máquina de escrever, escrevendo". E aí ele vira para ela e fala: "Eu escrevo. Mas para ter o que escrever, eu preciso viver". E aí é sobre isso, sabe? Eh, um escritor tem que, sobretudo, estar vivendo para se ter o que escrever. E até mesmo quem compõe, quem toca, quem produz música, quem cria, precisa vivenciar as experiências para ter da onde tirar combustível para criação. A gente não consegue criar trancada em 24 paredes. Até dá, você pode criar um conceito a partir disso, mas é bem mais fácil quando você vive num mundo que tem estímulos, a gente vai respondendo e vai, enfim, vai vivenciando as coisas. Por isso que eu acho tão difícil de você dissociar a obra do artista. Não tem como na minha visão. Posso tá errada, podem existir outras visões e não acredito que exista uma visão unificada sobre isso. Mas eu acho que uma coisa tá intrinsecamente conectada à outra. Então, eu acho que o o o desejo de mergulhar, de estar junto, da música e e escrever e compor, ele se mantém, ele é perene e vai continuar sendo.

Dissonância: Além de musicista, você é formada em Letras e em 2026 lançará seu primeiro livro, "Híbrida". De que maneira a sua faceta de escritora de poesias e crônicas se entrelaça com o seu processo de composição musical?

Tacy: Então, são muitos processos para criação, para composição. Como eu expliquei no áudio da pergunta anterior, eu tenho essa conexão muito forte com a leitura, com a literatura e inevitavelmente com a palavra. Então, o caminho para criação foi natural. Eu comecei lendo muito, depois veio uma vontade de também escrever. Então, com 12, 13 anos, eu estava tentando escrever um livro. Aí, fui me dando conta de que os escritores que eu admirava faziam suas primeiras publicações adultos, muito adultos, sabe? Com mais, às vezes, de 60 anos, mais de 50 anos. E eu fiquei pensando, "pô, então talvez eu não esteja apta ainda a realizar essa função. Então preciso viver, né? Não vou conseguir escrever um livro agora". E aí, resolvi ir pelo caminho das paródias. Uma época que eu ainda não dominava o violão, eu fazia muita paródia. Quando eu ganhei meu primeiro violão, aí que eu fiz a liga, digamos assim que o violão foi a conexão entre o desejo de escrever e o desejo de criar, porque aí eu cheguei na composição, eu tinha autonomia para criar o que eu quisesse. E a minha mente já era musical, eu já pensava em métricas, em ritmos e respirações dentro da palavra; e a música é completamente isso, né? Eh, você tá ali o tempo inteiro, eh, fazendo entremeio de frases. Um cara que eu acho genial fazendo isso, por exemplo, é o Gilberto Gil. Existem canções que o Gilberto Gil compôs, que eu queria ter com feito, que eu admiro muito, o processo criativo da escolha assertiva das palavras. Ele faz escolhas muito felizes na hora de fazer essa conexão entre o texto e um texto coeso com uma mensagem foda. E ao mesmo tempo, a conexão com a melodia, com a rítmica. Eu acho muito feliz boa parte da obra do Gilberto Gil, é inspirador. E eu acho que eu, inevitavelmente, em algum momento, eu ia querer retomar esse desejo de escrever. Mesmo eu compondo e fazendo canções. Eu gosto muito da escrita, do processo de escrever. São processos diferentes, mas igualmente prazerosos. E agora eu vou lançar, vou fazer o lançamento do meu primeiro livro, "Híbrida". Inclusive, o pré-lançamento vai ser agora na Flynn, que é o festival literário que tem aqui em Niterói todo ano. E tô bem feliz, porque primeira publicação, né? A gente fica toda boba e, ao mesmo tempo, muito insegura, porque marinha de primeira viagem, total, nesse processo. É engraçado como a gente lê, lê, lê, lê, lê, mas na hora de publicar, caramba, e aí? Quando é comigo? Como é que funciona? Mas eu tô adorando. Foi um convite da Vira-Tempo, que é uma editora aqui de Niterói, também liderada por uma mulher, a Amanda Almeida. Eu já tinha feito publicações em coletâneas de mulheres,

coletâneas de escritoras, e já tinha umas cinco ou seis coletâneas que eu tinha publicado alguns poemas meus ou algumas crônicas. Eu já escrevia para o jornal também, jornal "A Cena", tenho uma coluna de opinião no jornal A Cena, uma coluna de opiniões acerca, geralmente de teatro, na parte de cultura. Então, eu assisto os espetáculos e faço sínteses do espetáculo, sempre fazendo alguma conexão com algum tema correlato ao espetáculo. E a ideia de lançar o livro, surge muito porque eu tinha muito material e queria muito publicar esse material, reunir isso. Mas ao mesmo tempo, eu tenho calhamações e calhamações de poesia. Então, foi uma triagem que eu fiz dos últimos 10 anos. Eu escrevo poesia há muito antes disso, mas eu quis fazer uma triagem um pouco mais dos últimos 10 anos, que eu acho que já é um material mais maduro, um material com um pouco mais de embasamento, de argumento, de lastro. E aí, a Vira-Tempo caiu como uma luva, porque eu já tinha um desejo de publicar o meu primeiro livro e eu tava pensando como é que eu ia realizar isso e aí veio a Vira-Tempo com um convite. Fiquei mega feliz e aí agora a gente vai fazer o pré-lançamento na Flynn na quinta-feira, dia 13 de agosto. E não vai dar tempo para a publicação da revista, dessa entrevista, mas em breve, eu vou poder divulgar a data de lançamento mesmo. Quero fazer um lançamento, naturalmente não vai ter só um lançamento em Niterói, embora a editora seja daqui, mas o plano é fazer um lançamento com pocket show em Niterói, Rio e São Paulo, e a ideia é estender isso para o ano que vem também. Então, eu tô muito feliz, muito feliz com essa perspectiva de ter um livro em mãos e poder, sobretudo, compartilhar, assim, coisas ainda mais íntimas, que eu acho que, quando a gente compõe, a gente tá dividindo o que vai no nosso coração, mas você tá fazendo uma música, então você sabe que o que você tá escrevendo ali, você vai ter que dividir com as pessoas mesmo, então você filtra, lapida, coloca, escolhe uma palavra melhor aqui, outra ali. O objetivo é comunicar, que chegue no ouvido do outro de uma forma que ele também se identifique. Mas tem tanto trabalho nesse processo, pelo menos no meu, atualmente, nem sempre foi assim, mas hoje eu tenho esse cuidado, que você vai deixando mais, tem vários processos na composição da canção, para mim, hoje. Ela é menos naquele processo de pega, senta, escreve e vai do jeito que que vai. Mas no livro, mesmo eu fazendo as revisões, escolhendo a dedo cada poesia, eu me sinto, assim, cara, é isso mesmo, eu vou dividir esse poema que eu escrevi quando eu tava, sei lá, sentada num meio-fio, depois de perder um ônibus de viagem, depois de uma briga, depois de ouvir um, sei lá, uma coisa absurda. Se você lembra da situação que você escreveu aquilo, é como se você tivesse dividindo a intimidade máxima com as pessoas. Então, para mim tem um esse lugar um pouco de insegura, é uma insegurança, acho que é natural, mas também uma felicidade, porque é isso. É sobre um pouco também, a felicidade da coragem. Que bom que eu tive coragem suficiente de mostrar, porque se a pessoa não gostar, tá tudo bem, eu sei lidar com críticas, ainda mais se elas são construtivas. É, as destrutivas eu tento fazer o ouvido de mercador, e se não tiver jeito, eu retruco. Mas eu aprecio críticas, não sou aquela pessoa que não sabe receber crítica, mas, sobretudo, a liberdade do outro poder tirar a conclusão que ele quiser a partir do meu verso, que eu já vi isso acontecer na canção, só que a canção tem sempre o som como um ponto conector, que às vezes aliviava o verso. O verso não. A música do verso tá na minha mente. A música do verso que vai tá na cabeça da pessoa que abriu o livro pela primeira vez e olhar o texto, vai ser outra, e eu tô assim muito ansiosa para saber como é que vai ser isso, como é que vai ser esse processo. Eu quero muito ter essa troca pós, acho que vai ser muito legal. Eu tô muito feliz, muito animada com esse lançamento desse livro. Se chama Híbrida, porque não teria como ter outro nome, é como eu me sinto, é como eu sou, é a natureza do livro. É um livro híbrido. Ele, ele é parte poesia, parte

crônica e ele é ousado, ele tem um formato ampulheta, ou seja, ele é infinito, ele não tem fim, eles são duas capas. E você começa a leitura, no meio tem uma instrução para você virar ele de ponta-cabeça e recomeçar a leitura e aí você recomeça, vira 180° o livro, recomeça e aí você tá lendo outro gênero, você sai da poesia e vai pra crônica, ou sai da crônica e vai pra poesia, você escolhe. Então, eu acho muito democrático. E ainda tive a felicidade de duas pessoas que fizeram parte desse processo do livro, que foi um amigo, um dos meus amigos mais antigos, mais uma amizade de um, sei lá, mais de 20 anos de amizade, que é o Gil Cordeiro, que é um artista de mão cheia, a gente é quase irmão, nós conhecemos na escola com 17 anos e eu sabia que quando eu tivesse meu primeiro livro, eu queria muito que ele fosse o ilustrador e ele topou fazer as capas. Foi um trabalho cuidadoso, amoroso, de quem é praticamente família, sabe? Um cara que eu posso confiar de olhos fechados, um irmão mesmo. Então, eu também tô mostrando a arte dele. E eu queria muito que fosse esse casamento democrático, de um fortalecer o outro. E fora esse presente, ainda tive um outro presente, que é o prefácio da Mariana Filgueiras, que é uma super jornalista, escritora, biógrafa. Eu toquei e toco ainda há muitos anos com o irmão dela, Daniel Filgueiras, foi através dele que eu a conheci e comecei a ficar fã do trabalho dela, porque ela é uma mulher superconsciente, escreve muito bem, tem excelentes insights, uma escrita espirituosa, foi roteirista do Greg News. Trabalha com uma galera de peso. E, cara, e além de ser uma pessoa muito maneira. Eu convivi muito com a família deles, convivo até hoje, é uma galera muito legal e por essa admiração por ganhar esse prefácio, fiquei honradíssima com as coisas que ela falou sobre o livro, sobre sabe, ter esse feedback, foi muito legal. Então, eu tô muito feliz. Vou ficar aqui mais 10 minutos só falando que eu tô muito feliz. Desculpa o áudio longo, mas eu me excedi.

Dissonância: Hora do spoiler. Você tem projeto em andamento e planos em fase de concretização. Mas o que os fãs podem aguardar para o futuro da Tacy?

Tacy: Sim, muitos, muitos planos. Eu tô sempre querendo criar uma coisa nova, eu tento até que me policiar, porque se deixar, vira, Tacy dos meus projetos, e quem tem 1.000 projetos, não tem nenhum, né? Mas, sim, a ideia era lançar um single, ainda esse ano. Eu ando mais econômica, desde o ano passado, porque eu tô focada em realizar os projetos de show. Isso tem demandado muita energia. E eu dei uma afastada um pouquinho do estúdio, mas a ideia era tentar lançar, pelo menos, um singlezinho já para dar um spoiler do próximo trabalho, que esse show "Encontros" que eu venho fazendo desde o ano passado. Fiz uma edição em Niterói e já tô indo para o terceiro ou quarta edição desse show, no Rio. Dessa vez eu vou estar dia 14 de agosto, semana que vem, no Gamboa in Blues, apresentando o show Encontros, que é uma proposta arrojada. Eu levo um show 80% autoral, eu trago cinco ou seis convidados no show, porque a proposta do show é encontro, né? Então, não é um show da Tacy, exclusivamente. O show começa com uma abertura de três músicas, é um formato bem enxuto. Eu tô cantando e tô no contrabaixo elétrico, sempre acompanhada de um guitarrista ou uma guitarrista, ou um baterista ou uma baterista, e eu faço essa conexão no palco com os artistas, então, o artista que eu convido, geralmente é alguém com quem eu tenho alguma conexão, e aí eu convido ele para fazer uma música dele, onde a gente possa cantar juntos a música dele, e ele cante uma música minha, juntas também. E aí, é bom que a gente conhece as músicas do outro, a gente estuda a música do outro, a gente conhece a música do outro, e aí, o outro artista vem, traz o público dele, e aí você tem um networking fantástico, por isso que o nome do show Encontros, ele é um encontro no palco, mas é um encontro potencial para além do palco, né? Já surgiram composições depois do show de Encontros, onde

originalmente o artista foi para cantar a música dele, eu cantei, cantei com ele a música dele, ele cantou comigo a minha música, ou seja, nós nos conhecemos, vivenciamos aquela canção, aquele momento, aquele dueto, aquela experiência única, e percebemos assim, caramba, tem potencial aqui pra gente fazer mais música, pra gente compor. E eu acho fantástico essa natureza desse encontro, porque é o encontro não premeditado no estúdio, é o encontro ali, no show. E depois do encontro no show, que acontece de uma forma, acho que bastante orgânica, é que a gente vai começar a trabalhar um encontro mais planejado. Mas aí a gente já teve aquele primeiro, aquela primeira experiência de palco, aquela vivência de como é que funcionamos ao vivo, um dividindo o outro, e você descobre tanta generosidade, você descobre tantos artistas fantásticos. É um cenário que acaba que é chamado de independente, porque faz muito corre por conta própria, mas eu acho, eu tenho uma séria crítica a esse termo independente, porque eu acho que o artista independente mesmo, é o artista que tem uma gravadora, porque ele já tá independente em muitas camadas de vários partes do processo de quem tá nessa camada mais emergente, sabe? Quando você não é um artista muito conhecido, você acaba ficando muito refém de bilheteria, de espaços que aceitem que você leve um trabalho autoral, são poucos as casas, os espaços. Aí você tem que encontrar esse nicho dos espaços alternativos, encontrar vaga na agenda, as agendas desses espaços não são 100% autorais, então você tem que dividir, com outros artistas e outras atrações que não fazem autoral, que fazem tributos e, enfim, covers e aí acaba que a disputa é um pouco desleal, porque você tem, às vezes, um curador que vai ganhar dinheiro com o show que faz entretenimento, para poder fazer manutenção daquilo que ele considera resistência, por uma consciência dele, de manter o autoral vivo. E isso fica parecendo quase que é uma migalha, sabe? Mas existe uma cena muito forte, existem potências nesse setor, e eu acho uma gafe terrível, que você não tenha hoje, uma indústria olhando para isso e realmente apostando dinheiro nisso, porque não adianta chegar lá e fazer mais do mesmo, em termos de "ah, vamos lá, vamos dar uma ajuda, vamos ceder um espaço", e o cara continua se fodendo, tendo que locar todo o equipamento de som que a empresa que vai locar, vai cobrar preço de mercado, ninguém vai fazer preço camarada pela causa, entendeu? É muito difícil você, numa escala tão grande, todo mundo sendo camarada, sabe? O negócio é, tem que ter quem invista, tem que ter investimento, tem que ter dinheiro sendo injetado para a gente começar a ver resultado, porque pode existir um cenário de música independente forte, e a gente realmente criar esse cenário independente. Hoje, eu acho que ele é um cenário dependente, porque ele é capenga, é mentiroso esse discurso. Eu acho que é uma forma bonita de fazer a manutenção de uma galera que vai ficar a vida inteira presa num determinado nicho e não vai conseguir nunca transpor, porque só transpõe os escolhidos. No final das contas, é o que dizem, o setor artístico continua sendo sempre pequeno, do mainstream, pelo menos. Mas enfim, falei pra caramba, caí em digressões aqui, apenas queria trazer que as novidades são, um Encontros será gravado. A ideia é pro ano que vem, pro ano de 2027, lançar um álbum, não sei ainda se totalmente de estúdio, ou se totalmente ao vivo, ou se híbrido, mas a ideia é pro ano que vem lançar o álbum. E provavelmente ainda esse ano, lançar algum single, até para acompanhar o lançamento também, e trazer essas parcerias maravilhosas, de músicas inéditas com artistas, que fazem parte da cena carioca, da cena fluminense. E eu tenho o desejo de expandir isso, levar isso adiante, levar para São Paulo, levar para Belo Horizonte, levar para Curitiba. Existem muitas cenas, existem muitos artistas, e essa também é uma, sinto, assim, que isso é uma verve que faz meu sangue pulsar, sabe? Que é a vontade de ocupar o espaço com a cena independente também. Então, as pessoas podem esperar muita militância por parte da Tacy e muitas novidades nessa área. É isso. Muito obrigada.





Os Hermetistas - Coruja Estúdio (demo tracks)

O trabalho da Dissonância é amplificar a voz do artista. No meu caso, eu ouço e digo se gosto ou não, e por quê. Fui conferir Os Hermetistas e logo tropecei num detalhe: o tal "Demo Tracks". Confesso que torci o nariz (será que eu ia perder meu tempo com uma demo?). Pois é, mordi a língua, lasquei-me (como dizem no Norte). É demo, sim, mas das boas.

As duas faixas, "Colar Como Se Envolver" e "Veritas", chegam com masterização, mixagem, arranjo, melodia e letra no lugar, tudo bem encaixado e executado.

Dá pra sentir uma banda ainda se procurando, e isso não me incomoda. O pé atrás fica só no calendário deles: um lançamento em 2020 e só agora, em 2025, coisa nova. É muito tempo de silêncio. Torço pra que a gente não precise esperar de novo tudo isso, porque gabarito eles têm de sobra.

A banda existe desde 2014. Eles cresceram, evoluíram e estão fazendo um som excelente. Agora doze anos após, talvez eles estejam realmente prontos para tirar esse carimbo de "demo tracks" e tasca-lhe um "álbum conceitual", eu adoraria ver.



Pirredy - Anomia

Ouvi "Anomia", single que a Pirredy soltou em 10 de julho, e a primeira coisa que me chamou a atenção foi o ritmo. Tem uma cadência quase de lo-fi ali, arrastada, que deixa a faixa num lugar meio suspenso (não é bem o que eu imaginava de uma banda que hoje se define como rock emocional, mas casa bem com o assunto).

E o assunto é pesado. A letra fala de estagnação, de memória, de alguém tentando se localizar no próprio tempo. "Corro na estrada, mas não saio do lugar", canta o Brutos, e essa imagem volta na minha cabeça toda vez que a música termina. Gosto também de "me tornei um eco, tentando me encontrar", que pra mim é o centro da faixa.

"Anomia" é uma espécie de estado de espírito, e a Pirredy assume isso. Fico curioso pra ouvir o EP que eles vêm prometendo, porque essa faixa abre uma porta interessante.



Bruma - House of the Rising Sun

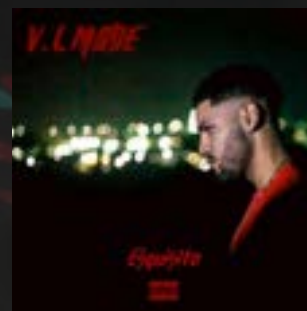
Uma banda de Salvador que ainda vai dar assunto.

A Bahia tem o costume de mandar gente boa pro resto do Brasil, em todo estilo que você imaginar. Pode ser que a Bruma seja mais um desses achados.

Em outubro de 2025, o quarteto soltou um single de duas faixas: o cover clássico "House of the Rising Sun" e a autoral "Eu Não Te Convidei". Confesso que fico mais ligado na autoral, é ali que a gente enxerga o tamanho real do grupo.

O vocal do Kiko canta com vigor. Guitarra e bateria conversam bem, cada um no seu lugar. E o baixo (minha especialidade, então reparo mesmo) ficou do jeito que tem que ficar: não cobre ninguém, mas experimenta tirar ele da mistura e a faixa fica xoxa na hora.

Meu veredito: Espero voltar aqui pra comentar mais coisa boa dessa banda, porque promessa ela tem de sobra.



Lucas Blackout - Esquisito

"Esquisito" saiu em 5 de agosto de 2025, produzido pelo próprio Lucas Blackout ao lado do DJ JF. Os dois montaram a batida por uma call no Discord, em cima de um sample que o Lucas garimpou numa pesquisa. É trap bem produzido, e o som anda naquela zona onde rap e trap se encostam. A pegada segura o ouvinte do começo ao fim.

A fluência me chama atenção. Lucas rima fácil, solta as palavras de um jeito natural, sem apelar pra rima previsível só pra fechar o verso. Dá pra sentir que ele tá confortável no próprio flow.

No fundo, "Esquisito" funciona como um conselho. Lucas escreve sobre insatisfação, sobre vir de um lugar onde seguir um caminho alternativo custa caro (ele fala da cena, da falta de estrutura, do forró que domina tudo por ali) e sobre insistir mesmo assim. A gente escuta alguém dizendo, com todas as letras, que sonho não tem limite e que dificuldade vira combustível.

Fica a faixa, e fica a vontade de ver o Lucas seguir.



Por Valter Dias

ensaio

FIVE DOGS

ROCK SEM COLEIRA: A BANDA ASSUME O PRÓPRIO LEMA EM VENTOS FAVORÁVEIS

Por Paulo Ronaldo



Coloquei Ventos Favoráveis pra tocar e confesse que estava sem grandes expectativas, e quando percebi já tinha curtido as cinco faixas de uma taca só, sem pausa. Isso já diz alguma coisa: Five Dogs é bom demais. Os caras lançaram esse EP em 5 de setembro de 2025 e me pergunto por que só agora chegou até mim, como esse mundo é injusto!

O álbum tem fôlego pra segurar a gente do começo ao fim.

A primeira coisa que chama atenção é o baixo. É ele quem manda. Em vários trechos é o grave que puxa a música pra frente, e em "Alegria" isso fica escancarado: a linha de baixo carrega a faixa no peito. Rodrigo Ribeiro, que fundou a banda e toca baixo, sabe o espaço que precisa ocupar. E ocupa muito bem.

A faixa-título é a mais intrigante do álbum, apesar de todas serem boas. A voz vai dançando por cima do instrumental enquanto o baixo monta o caminho embaixo, como se guiasse o vocal pela mão (ou seria pela coleira?). Claro que não! Eles são "rock sem coleira". Ali o vocal está sendo guiado, mas no melhor sentido possível. A letra responde por conta própria: "Não existem ventos favoráveis sem ter onde ir / Vontade sem foco pode ser que não alcance o fim". Fica na cabeça

Gosto quando uma banda independente tem ideia clara do que é. A Five Dogs tem isso bem claro. Vem de uma sequência recente bem produtiva, com "Mundo Cão" e "Falsos Profetas" antes deste, e dá pra sentir que os três (Rodrigo no baixo e voz, Jhonatas Monge na guitarra e voz, Norberto Nordi na bateria) já se entendem no detalhe. Toca tudo junto, encaixado.

Se eu fosse apontar uma coisa, e é só impressão minha, o EP entrega tanto no grave que em alguns momentos deu vontade de ouvir a guitarra respirar mais solta. Mas é gosto, e a escolha é deles. O trabalho ficou do jeito que quiseram fazer, e funciona muito bem.

No fim, Ventos Favoráveis me deixou com vontade de dar play de novo, que pra mim é o melhor termômetro. Vinte e poucos minutos que valem o tempo.

MARIPOZA

UM NOVO PESO NO ROCK NACIONAL

Por Tião Folk

Acho que estamos diante de um novo nome de peso no rock nacional. E quando falo disso, não me refiro à quantidade de seguidores no Instagram ou ao número de plays no Spotify, me refiro à qualidade musical, potência vocal, arranjos instrumentais e tudo aquilo que faz um cantor ser chamado de foda. E a Maripoza é tudo isso.

A cantora, cujo nome é Dayanne Menezes, é natural de Petrolina-PE, descendente do povo indígena Truká (Orocó-PE). Uma artista com bandeira muito clara: o saber ancestral feminino, a liberdade feminina, o SAGRADO FEMININO, que não vem da ancestralidade do colonizador, mas da MINHA, da NOSSA. do NOSSO SAGRADO indígena, negro, encantado.

Ela lançou o álbum Besta Fera em 30 de janeiro deste ano, são sete faixas em pouco menos de meia hora. O que a gente ouve é rock e metal conversando com espiritualidade de matriz afro-indígena.

Os riffs são pesados (dá pra sentir a escola de Megadeth e Angra ali no meio), e por cima deles vem uma voz rouca, às vezes delicada, às vezes chorosa, às vezes segura de si. Faixas como "Gargalhada de Exu", "Atotô" e "Conversa com Zé Pelintra" já dizem de onde ela fala, e "Jogue Maculelê" põe a corporeidade, o gingado, no meio da parada toda. O EP mistura o sagrado e o barulho no mesmo gesto, e o melhor, não tá interessado em escolher o lado.

Eu não venho aqui dizer o que a Maripoza deveria fazer, as escolhas são dela e ela sabe muito bem o que quer. Só registro a impressão de quem ouviu com atenção: tem artista que faz metal técnico e some, e tem artista que faz metal e ainda planta uma raiz. A Maripoza plantou. A guitarra dela ocupa o palco e a voz dela preenche os vazios; é mulher negra e indígena no comando, é dona do riff.

Se eu tivesse ouvido uma cantora assim quando comecei a curtir rock, acho que teria entendido mais cedo que essa música cabe muito mais gente do que me ensinaram. Besta Fera chega com essa ideia, e ainda por cima chega pesado. Vamos continuar de olho na Maripoza. Ela vai voar alto.





LAMARQUEZ

A CASA CAIU, O SOM FICOU DE PÉ:
"RUÍNAS", O NOVO SINGLE DA LAMARQUEZ

Por Valter Dias

A Lamarquez soltou "Ruínas" no dia 4 de junho, e já adianto: é metal feito sob medida pra quem curte metal. A produção ficou com Renato Osório (guitarrista da Atomic Elephant e ex-Hibria), com gravação nos estúdios Dry House e Black Stork, e dá pra sentir a mão pesada já nos primeiros segundos de riff.

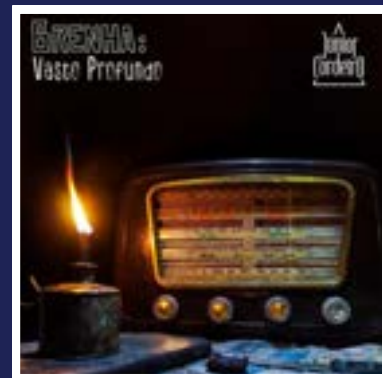
A guitarra dessa faixa arrepia até a espinhela. O vocal do Douglas tem aquela pegada dos grandes clássicos dos anos 80 e ao mesmo tempo soa moderno, atual. E os backing vocals estão muito bem encaixados, ora respondendo à primeira voz, ora fazendo uma cama quentinha pra ela relaxar. Como ouvinte, gosto quando uma banda pensa nesse tipo de detalhe (nem todo mundo pensa).

Isso é só a parte musical. Quando a gente entra no universo da letra, a coisa fica mais interessante. "Ruínas" parte da imagem de uma casa destruída, cheia de escombros e cicatrizes, e a leitura mais óbvia é a da reconstrução, de se reerguer depois da queda. Mas o que essa letra traz pra mim é um pouco diferente: ela me lembra que algumas lutas já não fazem mais sentido

que às vezes é preciso reconsiderar e, por que não, pedir perdão. Pode ser que a banda tenha pensado outra coisa, mas é o que fica comigo, e acho que uma boa canção é bem isso, cada um leva o que precisa.

A Lamarquez se apresentou ao mundo numa postagem no Facebook, lá em janeiro de 2014. De lá pra cá muita coisa mudou. Eles ficaram mais velhos, ensaiaram mais, ficaram melhores. "Ruínas" é o retrato desse tempo todo de estrada, uma banda que sabe onde quer chegar e continua cavando o próprio caminho no rock autoral em português.

Se você curte sentir a música no volume máximo, coloca "Ruínas" pra tocar e me conta depois o que ela te lembra. A gente vai continuar de olho no que essa turma de Porto Alegre vai aprontar.



JÚNIOR CORDEIRO

A BRENHA VASTA QUE HABITA A GENTE: JÚNIOR CORDEIRO CAVA A MEMÓRIA COLETIVA DO NORDESTE.

Por Tião Folk

Forró é um patrimônio nacional e se ele estiver dançando agarradinho com rock é melhor ainda. Foi assim que entrei em "Brenha: Vasto Profundo", o décimo primeiro álbum de Júnior Cordeiro, lançado em 24 de setembro de 2025.

O paraibano, vindo direto de São João do Cariri, conhecido como Bruxo Paraibano volta aqui aos assuntos que abriram sua estrada. Ele mesmo explica que o disco "remete aos primórdios de minha carreira, onde os temas principais remetiam sempre à tradição popular, à memória coletiva do Nordeste brasileiro". É o sertão mítico e místico que, nas palavras dele, "pulsava intensamente, como se estivesse a desafiar a coisificação do homem na pós-modernidade líquida e globalizante".

São onze faixas, quase 49 minutos de viagem por crendices, catolicismo rústico, lendas e aquilo que Júnior chama de "restos ibéricos que ainda sentimos na cultura nordestina".

O próprio artista batiza a sonoridade de "psicodelia sertânica, nordestina", com influência dos mestres dos anos 70. Dá pra ouvir o baião e a toada conversando com a psicodelia e o rock progressivo sem que um atropela o outro.

O instrumental do álbum como um todo é executado com muita competência e a voz traz aquele gostinho do rock nordestino que tende a ser mais falado e mais narrativo, o cantor consegue fazer isso muito bem.

Coisa boa é quando um artista independente insiste nas próprias obsessões em vez de correr atrás do que parecer estar funcionando lá fora. Júnior está há duas décadas nessa cava, e "Brenha" mostra alguém que ainda sente prazer em cavar. Se você nunca ouviu esse encontro do sertão com o rock, comece por aqui. Deixa o disco rodar inteiro, de "Centauros do Sol" até "Lamparinas", e me conta se essas brenhas culturais não mereciam mesmo ser mais visitadas na nossa música.



SIANINHAS

TALENTO NÃO É PARA POUCAS

Por Natália Benevides



"Marear" é o segundo álbum das Sianinhas, sete mulheres de São Luiz do Paraitinga que compõem, tocam e cantam o próprio repertório desde 2014. São dez faixas, quase trinta e nove minutos, com produção de André Magalhães e distribuição da Tratore. O disco começa pela faixa-título, que abre a travessia entre o litoral e a serra costurada ao longo de todo o álbum.

O que me interessa dizer aqui vai além da qualidade das canções (que é altíssima). Esse é um trabalho feito inteiramente por mulheres que dominam o que fazem. Esther Fietz veio da música de concerto e assina arranjos e direção. Joana Coelho estudou flauta popular e passou por orquestra. Mara Rúbia e Adriana pesquisam

cultura popular há mais de duas décadas. Patrícia, Ana Teresa e Rafaela completam um time onde ninguém é figurante. Cada uma daria conta de uma carreira sozinha, e foi a soma delas que produziu algo maior.

Escrevo pensando nas mulheres que leem a Dissonância e deixam o próprio talento na gaveta. Vocês olham para as Sianinhas e talvez achem que aquilo é para poucas. Eu discordo. Dá para chegar lá com decisão e com as pessoas certas ao lado.

No som, "Marear" liga mar e serra sem soar didático. "Sobe Essa Serra" faz o caminho de volta a São Luiz e desemboca na Festa do Divino. "Voz do Mangue" recebe Renata Rosa, e "A Mulher do Canoeiro" traz

Heloísa Fernandes ao piano. As vozes se dividem e se reencontram com naturalidade, e a percussão sustenta tudo sem pesar. É um disco de gente que ouviu muita coisa antes de gravar.

Acho que "Marear" tem tamanho para virar patrimônio da nossa música popular. Digo isso porque ele reúne repertório autoral bem escrito, ligado a uma tradição viva, tocado por quem entende do assunto. Álbuns assim envelhecem bem e viram referência.

Tem ainda o lado visual. As Sianinhas montaram um espetáculo cênico do disco, com figurino e cenário próprios, disponível no YouTube. Se você só ouviu, falta metade. Vá ver ao vivo quando puder.



**ESTÁ CHEGANDO A
PLATAFORMA QUE
VAI MUDAR O JEITO
COMO VOCÊ**

DIVULGA SUA MÚSICA



DIVULGUE

para curadores, rádios,
playlists e influenciadores.



ACOMPANHE

resultados e métricas
em tempo real.



CONSTRUA

sua rede e conecte-se
com oportunidades reais.



PROFISSIONALIZE

sua carreira com ferramentas
feitas para artistas.



**SUA MÚSICA MERECE SER OUVIDA.
A Dissona faz acontecer.**



Malu Maria - Angela Ro Ro

Quando ouvi “Angela Ro Ro”, me chamou atenção saber que a música nasceu primeiro como um poema de Malu Maria para uma coletânea em homenagem à cantora. O poema transforma em palavras a admiração que acompanha Malu desde menina.

Sinto que essa origem permanece na canção. A letra é lírica e íntima, cheia de imagens de amor e encantamento. O piano clássico de Dustan Gallas também me parece essencial. Ao captar a essência do poema, as notas dialogam com a intimidade que o instrumento sempre teve na obra de Angela, evocando a intensidade e as utopias apaixonadas.

Para mim, ouvir “Angela Ro Ro” é testemunhar uma homenagem que se transforma em encontro entre Malu e a artista que a inspira e entre tudo aquilo que Angela deixou ressoando na compositora.



Paulo Leonel Franco - Eu Disse Adeus

Ao ouvir “Eu Disse Adeus”, de Paulo Leonel Franco, sinto que estou diante de uma música sobre a finitude dos relacionamentos e sobre aquilo que os faz terminar. O eu lírico olha para o fim e, com mágoa, responsabiliza o antigo parceiro pela repetição dos comportamentos que levaram a relação até aquele ponto.

A canção brinca com imagens do cinema e do teatro para falar de uma história que chegou ao último ato. As falas ganham um tom teatral, a figura do diretor diz “corta” e marca o instante em que a cena dos dois acaba. O curioso é que, nos filmes que o eu lírico viu, as histórias nunca terminavam com uma porta batida. Por isso, é tão difícil aceitar que, na vida real, não existe outro roteiro para aquele casal. Com voz e violão, a música ganha uma intimidade que aproxima essa despedida.



Cinthia Jardim - História Alguma

Ao ouvir “História Alguma”, de Cinthia Jardim, o que primeiro me chama atenção é a delicadeza da voz de Cinthia, doce e íntima, acompanhada por um violão marcante, que costura a canção e marca o tempo da narrativa. Há ali referências ao samba, especialmente na construção melódica e no jeito de contar uma história, que se encontram com a sofisticação da canção brasileira de Marisa Monte.

O título já anuncia a brincadeira que atravessa toda a música: “História Alguma” pode ser alguma história ou história nenhuma. E logo no início essa contradição se revela. O que restou entre os personagens parece pouco demais para constituir uma história. Apenas vestígios e lembranças de algo que quase existiu. Mesmo assim, dessa ausência nasceu a música.

Composta em 2009, “História Alguma” chegou às plataformas em 19 de junho de 2026, depois de anos atravessando os palcos e diferentes momentos da trajetória de Cinthia.



Nicole - Lady Boy

Ao ouvir “Lady Boy”, de Nicole, tenho a sensação de acompanhar uma personagem que encontra sua liberdade. A música começa mais calma, com o eu lírico ainda imaginando as possibilidades daquele relacionamento, mas essa expectativa logo se desfaz quando ela percebe a passividade do parceiro perante a vida. Nosso Lady Boy já não encanta e, além disso, insiste em reclamar de uma vida que não busca mudar.

A construção e a progressão dos instrumentos aumentam gradualmente a tensão, até explodir no refrão, o verdadeiro momento de libertação. Os backvocals são marcantes e reforçam que ninguém quer saber de mimimi. Com traços do disco music, dos anos 70 e do soul, “Lady Boy” traz uma sonoridade que combina guitarras, grooves dançantes e uma atitude pop rock irreverente.

É uma música que combina com festas, encontros com os amigos ou até aquele momento sozinha, se arrumando e percebendo que, às vezes, a melhor parte de terminar é descobrir o quanto a própria liberdade pode ser divertida.



Por Anita Meraki

mnemozine

MASTER DY

O MONSTRO FAVORITO VEIO DE PORTUGAL

Por Tião Folk



A Master Dy nos conta que veio de um futuro distante, onde 95% da humanidade sumiu, e voltou no tempo para recrutar aliados. Não sei se compro a mitologia inteira, mas entrei no clã só pra ouvir "Your Favorite Monster" (entrei e já fiquei).

O single saiu em 17 de julho de 2026, e leva a assinatura de uma banda que nasceu no Porto em 2019 já pronta. Pronta no sentido literal: o vocal da Dy Moob entrega tudo, com aquela personalidade musical que atrai o ouvinte logo na primeira audição.

É modern metal de atmosfera gótica, e a letra mexe com uma pergunta velha e ainda eficiente: por que a gente deseja justamente aquilo que sabe ser perigoso? A personagem não

quer salvação, quer o controle ("***I just wanna take control***").

O refrão gruda, e o tal "favorite monster" fica dançando na sua cabeça (também pudera, quando eu gosto de uma música ouço várias vezes).

Nos créditos: Dy Moob na voz, composição e direção criativa, Draco (co-fundador desde 2019) na guitarra, Hydra na bateria e Perseus no baixo. Selo KEBRAS.

Gostei, e o motivo é o acabamento (*aqui já falo como fã*). A mitologia é bonita, mas quem segura o single é o trabalho de estúdio: afinação impecável, arranjos que evitam o caminho do óbvio e uma letra empolgante que a gente repete batendo cabeça. Quando a banda entra junto, o conjunto

da obra fica muito bom de ouvir, sem exagero e sem sobras. (E olha que metal com storytelling cinematográfico costuma virar mais conceito do que canção, não é caso dessa faixa).

A capa vem provocativa de propósito, com a censura entrando no jogo (*aquilo que você tapa é o que todo mundo quer ver*). Combina com a proposta da banda, que não pergunta se você gosta de monstros, e sim qual seria o seu.

Fica o convite. Aperta o play e me conta se o monstro favorito também mirou em você.



Me pediram para escrever sobre o porquê de eu ter me tornado um crítico musical. E eu estou aqui, parado diante da tela em branco. É difícil dizer ao certo o que me levou a esse caminho. Uma série de fatores, eu acho. Deixe-me ver...

Música, para mim, não era algo de grande importância, nada além de um fundo agradável para os ouvidos. As coisas mudaram bem tarde comigo, já na época da faculdade. Justo dessa época, um fato se destaca – talvez isso ajude a explicar alguma coisa.

Faz muito tempo, agora que olho para trás. A primeira vez que eu pesquisei na internet por uma banda que eu não conhecia ainda – lembro da sensação como se fosse hoje. E o que exatamente me levou a isso? Bem, eu poderia citar as músicas presentes na minha casa, a influência de alguns amigos, ou o desgosto de certos casos amorosos, mas eu não estaria fazendo jus aos fatos. Não foi isso o que me fez sentar na cadeira naquela noite e varar a madrugada como se eu não fosse humano, como se eu não precisasse dormir.

Foi algo estranho. Realmente estranho.

Quer dizer... Não é todo mundo que se depara com a Perfeição, na vida. Sim, numa esquina, a Perfeição mesmo.

Ah! Você não acredita, não é? Você deve ser daqueles que pensa que nada pode ser perfeito, não neste mundo. Pois é. Ha, ha, ha! Você é exatamente como eu fui. Não renegue as belezas deste mundo. Um dia você vai estar andando à noite e vai virar uma esquina. Espero que dê sorte de ver o que eu vi. Ou melhor, perceber o que eu percebi, porque, bem dizer, "ver" é simplificar as coisas.

O que se apossou de mim foi algo muito maior que apenas minha visão poderia processar.

Eu tinha acabado de sair da faculdade, o professor da última turma tinha faltado. Já era noite, mas ainda estava cedo. Segui em caminhada até a casinha onde estava morando na época, não muito longe. Apenas uma caminhada normal em mais um dia cansativo sob as fortes luzes brancas nos postes da rua. Até que, ao passar por um cruzamento, virei à direita e de imediato me chamou a atenção um poste de luz amarela na calçada. Aquilo era realmente atípico, para um caminho bem conhecido por mim.

Me aproximei, a passos desconfiados. Debaixo do poste, ali estava um radinho de pilha, todo quebrado. Quem teria deixado ele ali no chão, perto da calçada, não faço a menor ideia. Só lembro de ficar parado com curiosidade. Observei-o por alguns segundos, fascinado com seu formato arredondado, sua antena torta e seus circuitos se exibindo por entre rachaduras no acabamento. Eu sorri de

mim mesmo, um bobo parado no meio da rua, quando ele resolveu emitir seu último sinal, como uma última mensagem antes de perder a energia.

E isto saiu de seus alto-falantes: Três acordes. Apenas três acordes de piano e o começo de uma voz... Depois, chiado. Nada além de chiado.

Peguei o radinho do chão, para tentar mexer no dial. Assim que

meus dedos encostaram nele, acabou-se o som. Virei-o à procura da pilha, mas encontrei apenas os encaixes vazios. Olhei em volta – eu juro que olhei – e não vi nada. Levei o radinho para casa, uma quitinete pela qual eu pagava um aluguel razoável na época. Deixei ele sobre a mesa e, quando vi a hora, já era meia-noite... Na hora, eu duvidei de minha sanidade. Podia jurar que tinha saído da faculdade às sete da noite. Mas o relógio não mentia, nem os acordes...

Aqueles acordes não saíram da minha cabeça. Na verdade, era mais que isso: eles estavam começando a se alojar, como eu fizera ao trazer minhas coisas para aquela casinha. Eram poucas coisas, assim como aqueles eram poucos acordes. Mas em casas vazias, até passos de formiga fazem ecos. Agora, imagine o que aquele piano não fazia nas paredes da minha cabeça!

E a voz, só o comecinho, como um sussurro de uma promessa. Eu não podia esquecer aquilo, nem podia lembrar de mais nada. As matérias que eu tinha estudado, as pessoas com quem eu tinha falado naquele dia, tudo chegava para os cantos a fim de dar espaço àqueles fragmentos musicais.

Após o banho, eu me sentei em frente ao computador com o peso de uma orquestra sobre meus ombros. E, sem nem dar por mim, acatei a missão: eu tinha que encontrar a tal música. As aulas que aguardassem.

E assim eu fiz. Mergulhei na minha busca, passei a madrugada, vi o sol nascer e entrar pela minha janela. Mas não ouvi o canto dos pássaros, nem o ronco dos primeiros motores, nem os primeiros bocejos dos vizinhos. Meus fones baratos foram meus novos pés nas veredas da música... E como eu queria encontrar aquela voz.

Era uma voz feminina? Sim. Qual o gênero da música? Talvez rock, talvez pop. E o que, exatamente, é o pop? A cada pergunta, milhares de novas dúvidas e novos caminhos. Resultado? Meu próprio corpo deu um jeito de me levar para a cama. E eu não lembro de ter sonhado com imagens. Apenas cochilei na acústica, percebendo os mesmos acordes crescendo, distorcidos em minha mente. Mas, agora, eles estavam misturados a outras harmonias, estranhas guitarras e vocais, uma grande sopa de gêneros e ondas sonoras que dançavam em volta do meu Graal sonoro.

Só que... Você deve estar irritado comigo, não é? A esta altura, eu não respondi nada do que me pediram. Como eu me tornei crítico musical. Escreva, homem! Bem...

Acontece que eu não achei aquela faixa preciosa naquele dia. Nem no dia seguinte, nem nas semanas ou nos meses subsequentes. Na verdade, eu achei a tal música semana passada. Uma joia que surgiu de uma gravação caseira em um

quarto nos subúrbios do Brasil: uma jovem compositora, um teclado, um microfone e um celular. Uma nova vida criada de poucos elementos, num espaço pouco provável. Ao que parece, anos atrás, rádios independentes ajudaram a impulsionar artistas como ela. Então, existe uma ligeira chance de eu não estar louco.

Mal posso esperar para trazer essa história nas próximas páginas da revista. Então, melhor não dar spoiler. Mas é curioso, não é? Ha, ha, ha! Levei esse tempo todo para achar a música que ajudou a começar tudo – e eu trabalho no ramo há mais de dez anos! Dá pra acreditar? Tem coisas que, se a gente contar, ninguém acredita.

Porém, se demorei para achar a música, ao menos a encontrei. Já não posso dizer o mesmo do rádio. Quando despertei, na tarde daquele mesmo dia, não havia nada ali sobre a mesa. Meu estômago roncava de fome, era hora do almoço, mas eu insistia na busca. Revirava meu pequeno quarto do avesso, pensava se alguém não teria invadido minha casa, cogitava até se eu mesmo não teria sumido com o rádio à noite – afinal, nem todo sonâmbulo sabe que é sonâmbulo.

Mas, não. Nada. Absolutamente nada. Você também é daqueles que acha que o nada não pode existir, não é? "Sempre tem que haver alguma coisa". Não seja tão cético. Um dia, você vai acordar e vai tentar buscar seus sonhos – aqueles sonhos que você lembra com toda força – e eles não vão estar lá. Então, relaxe. Essas coisas acontecem.

E eu estou aqui para provar isso. Nunca mais vi o tal radinho. Quer dizer, hoje temos a internet aí para pesquisar nossas músicas e nossos gostos, mas... aquele radinho. Eu me formei, namorei, casei, separei, casei de novo, morei em outras casas e nunca mais. Nunca mais ele apareceu.

"Legal", você diz. Aí você me pergunta: "E cadê a Perfeição? Era o rádio, era a música, era a luz amarela do poste?".

Não, nada disso, meu caro. A Perfeição é saber que existe alguém, neste momento, dando vida a uma ideia que só existe na sua cabeça. Uma ideia que te preenche, que dança sobre o piso de sua mente, aproveitando todos os espaços, sem sobrar nem faltar.

Tem alguém dando vida a isso neste exato momento! E agora acho que consigo responder. Foi por conta de um poste que eu decidi começar a buscar artistas e falar sobre suas obras.

Não é apenas porque eu gosto de música, mas porque eu quero responder àquelas mil dúvidas que se abriam diante de mim, naquela distante madrugada. E eu quero, também, iluminar um pouco o caminho de outras pessoas. Gente que, como eu, se deparou com acordes morando na mente e precisa, urgentemente, ir lá e oferecer um cafezinho, botar o papo em dia, saber como estão, de onde vieram.

E é por isso que escrevemos aqui – eu e outros colegas. Para dar espaço a essas visitas que pairam pelos céus na busca de um lugar onde repousar. Aqui, cada edição é uma luz amarela, acesa para quem ainda não sabe que vai virar a esquina e mudar a vida de ponta-cabeça.

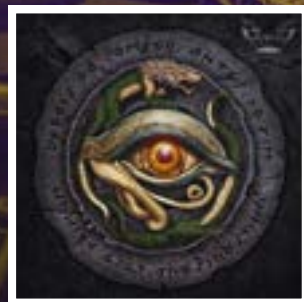
Afinal, a Perfeição não costuma avisar quando vai bater. Ela simplesmente entra e, quando você chega na sala, ela já está lá, acomodada no sofá. Nós é que precisamos ser receptivos. Mesmo quando nos trazem estranhos presentes.

Resta aceitar e dizer: parabéns a nós!

RAIVOSOS

UM DUO QUE SOA EM QUARTETO

Por Valter Dias



Sou músico, então geralmente saio contando os instrumentos quando escuto um disco. No álbum "Depois do Começo, Antes do Fim" da banda Raivosos, contei dois de carne e osso: Rafa Sombra na bateria e Guilherme Castro na guitarra e no vocal. O resto vem de emulação e dobradinhas dos músicos tocando outros instrumentos, uma dupla que se produz como quarteto.

O EP foi lançado em 15 de novembro de 2024 e traz sete faixas autorais, no geral, bem construídas. Vamos por partes:

"Olho de Hórus" abre com uma temática mística de guerra da Antiguidade e apresenta o "o olho que tudo vê" como metáfora para uma esperança de justiça; "Fim de Jogo" vem com uma letra que expõe um eu-lírico arrependido por todo o tempo e comprometimento dedicado à uma relação; "Atlantis" desacelera um pouco e tem como temática "A história que se perdeu pelo tempo", abordando o luto como ponto central; a faixa-título, instrumental, resume tudo que veio antes e, para mim, é a melhor do disco.

A banda surgiu no fim de 2018, na zona sudoeste do Rio, e estreou ao vivo em dezembro de 2019. Nos palcos, chamam algum reforço, no último show, por exemplo, contaram com o Bernardo Veloso segurando a onda no baixo. No disco, os dois dão conta.

É uma banda com talentos musicais em processo de consolidação, mas o fato que mais nos interessa é que eles mantém acesa a força do rock raiz, a nova geração está indo muito e promete fazer bonito nos palcos.

QUATROESFERA

ESCOLHAS EM QUATRO FAIXAS

Por Tião Folk



Aqui estava eu zapeado pelo Spotify, procurando alguma coisa pra ouvir e eis que me aparece uma banda chamada Quatroesfera, de cara me lembrei do Dragon Ball Z (apesar de lá serem 7 esferas). Fui ouvir na curiosidade e

descobri que eu gostava de uma banda que nunca tinha ouvido antes. Estou falando do EP Escolhas. São quatro faixas, quase treze minutos no total, depois descobri que a banda de pop rock é do Vale do Ribeira (SP). Eles lançaram esse EP em 8 de maio de 2026, então ainda tá fresquinho.

Ivan Bueno, tecladista do grupo, resume bem a intenção do disco: a ideia nasceu da vontade de "transformar sentimentos e experiências em algo com que outras pessoas também possam se identificar". E olha, acho que tá dando certo.

As faixas "Dias Díficeis" e "Essa Noite Não" abrem o trabalho já mostrando a cara da banda, aquele pop rock com melodia forte e letra bem diretas. Aí chega "Labirinto" e a coisa muda. Começa com um jeitão de roquinho jovial dos anos 2000, gostoso de ouvir, e quando eu já estava confortável (porque sou velho e não gosto muito músicas alegriinhas) a guitarra entra dando uma cassetada e anunciando: calma que aqui tem peso. Foi o trecho que mais me fez levantar da cadeira.

O EP fecha com "O Amanhã", que puxa pro outro lado. Um violão calmo, bom de acompanhar, sustentando uma letra inspiradora. Ela chega bem depois da pancada de "Labirinto", e conversa direto com o que o Ivan diz sobre o disco: "por mais difíceis que sejam os caminhos, nossas escolhas moldam quem somos e sempre existe a possibilidade de recomeçar".

É isso que segura o "Escolhas" de pé pra mim. A banda evita entregar resposta pronta (o próprio Ivan faz questão de dizer que a intenção é "abrir espaço para diferentes interpretações"), e mesmo assim deixa um fio condutor que a gente sente de uma faixa pra outra. Entra pela dúvida, passa pelo peso, sai com algo que lembra esperança.

Tecnicamente, tem cuidado em cada segundo. A produção não deixa nenhuma ponta solta, cada instrumento no lugar, cada transição pensada. Pra um trabalho independente, é o tipo de acabamento que faz diferença na hora de segurar quem escuta.

Recomendo, e recomendo com convicção. "Escolhas" é curto, mas dá pra voltar nele várias vezes e ainda achar coisa nova. Vou continuar de olho no que a Quatroesfera vem depois disso.

Ki'MBANDA

UM QUILOMBO MUSICAL NO PALCO: A FORÇA DO COLETIVO

Por Clara Mello



Ki'Mbanda chegou no Showlivre com o pé na porta, com muito rock, batuque e contestação. O disco chegou em 13 de março de 2026, gravado ao vivo nos estúdios do Showlivre, e marca os cinco anos de estrada que a banda paulistana celebra. A Ki'Mbanda existe desde 2019 e faz um rock onde o tambor de terreiro divide o mesmo compasso com as guitarras distorcidas.

Fico animada quando vejo um grupo inteiro sustentando o mesmo som. Aqui são muitas mãos: Krisx no vocal e na direção, Yves Remont na guitarra, Rogério Luís no baixo, Igor Mamuth na bateria, Marcos Guarujá e Andersen Kafé na percussão, Nissa e Mayra Costa nos backing vocais. O formato ao vivo não esconde ninguém, e cada camada ocupa seu lugar.

Na formação atual do grupo temos: Yves Remond (guitarra)

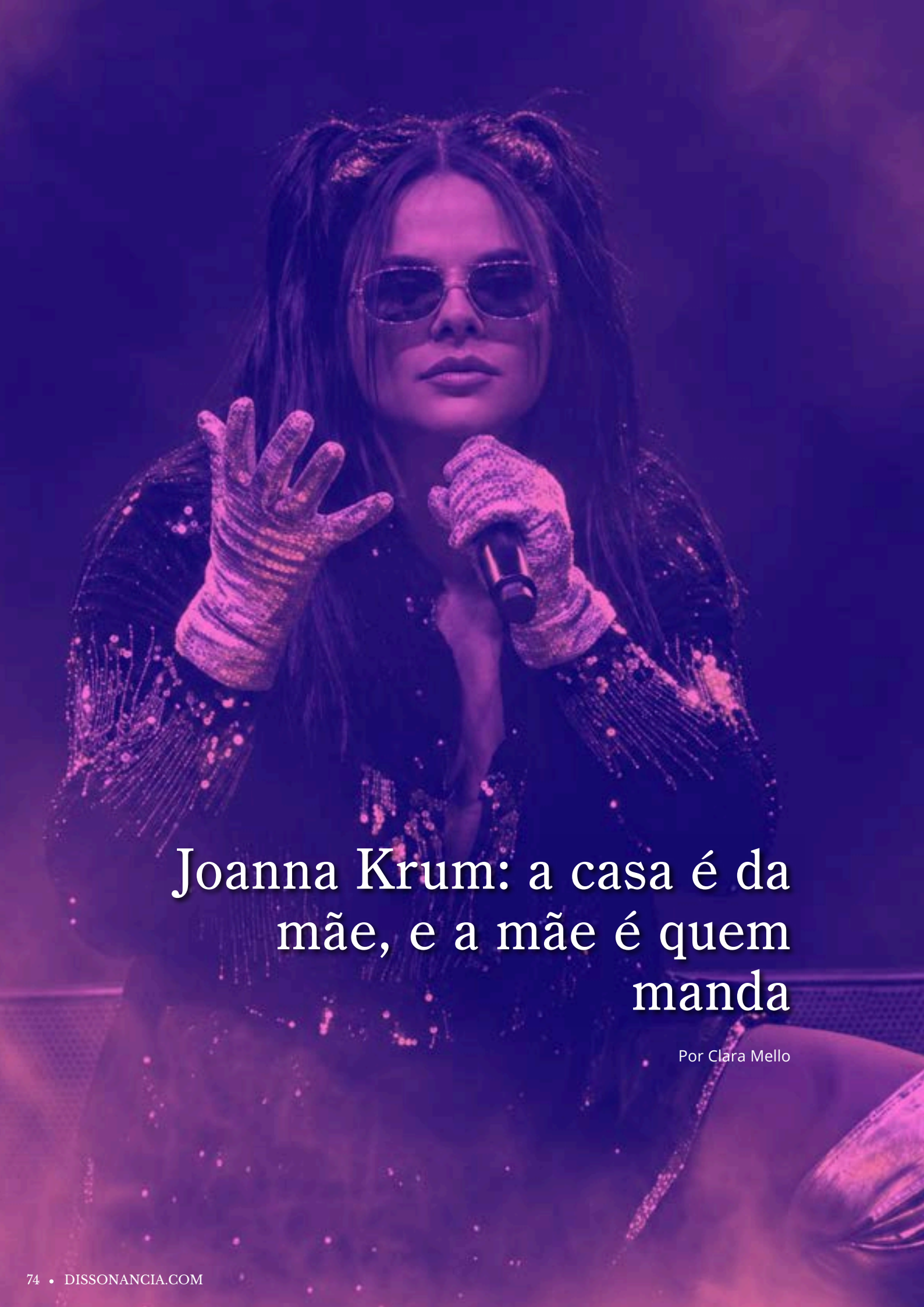
Nissa (backing vocal), Anderson Kafe (percussão), Igor Mamuth (bateria), Rogério Menudo (baixo), Henrique Krispim (voz), Marcos Guaruja (percussão) e Mayara Costa (voz).

O repertório é montado como um xirê. Começa na abertura, com o sino da igrejinha, e caminha até "Walwera", passando por "Como Vovó Já Me Dizia", "Preto Véio", "Afronte" e "Ferro e Fogo". As letras tratam de racismo, ancestralidade e memória preta trata como patrimônio real da sociedade. Gosto de como "Como Vovó Já Me Dizia" recupera a tradição oral, os ensinamentos que passam de geração em geração, e devolve isso em canção. Além do quê é muito bom ouvir as vozes de Nissa e Mayra reforçando esse recado, a gente sabe que as mulheres seguram essa bandeira com orgulho e força.

Projeto REFESTANÇA no Tonton Music Bar

No aspecto técnico, a guitarra de Yves tem pegada rítmica, quase percussiva, e casa bem com a base de tambores. A voz de Krisx baila pelo repertório, dando a firmeza que o tema precisa, sem necessitar se impor no meio do peso instrumental. A captação preserva o suor da apresentação e a presença do público, o que dá ao registro um clima de celebração coletiva difícil de repetir em estúdio.

Tenho simpatia por bandas que trabalham assim, juntas, se apoiando como um quilombo musical. A Ki'Mbanda entrega um disco com muitas camadas, é até muita pretensão da minha parte tentar desvendar tudo num único texto. Mas o importante é que o álbum soa conforme a bandeira defendida pela banda, forte. Vale sentar e ouvir do começo ao fim.

A full-page photograph of Joanna Krum performing on stage. She is wearing a dark, sequined jacket, white gloves, and sunglasses. She is holding a microphone in her left hand and gesturing with her right hand. The background is dark with stage lights.

Joanna Krum: a casa é da mãe, e a mãe é quem manda

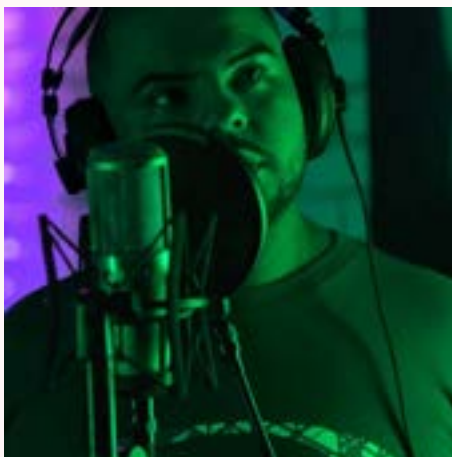
Por Clara Mello

Antes de falar da Joanna Krum, uma confissão: passei a vida usando a expressão "Casa da Mãe Joana" sem saber quem era a tal Joana. (*Fui descobrir agora que a lenda aponta para uma rainha de Nápoles do século XIV, dona de uma biografia conturbada que o imaginário popular transformou em sinônimo de bagunça. A pobre virou meme séculos antes de existir meme.*) Pois a drag de Limeira pegou essa expressão e decidiu levá-la a sério, nos dois sentidos ao mesmo tempo.

A Joanna me explicou, em entrevista exclusiva para a Dissonância, que o nome do álbum carrega uma trapaça semântica bem-vinda. De um lado, a casa que acolhe:

"Eu sou uma mãe para os meus amigos, para as pessoas que trabalham comigo"

De outro, a bagunça do dito popular. **"Ao mesmo tempo que é uma casa que acolhe, ela acolhe tudo, inclusive a música"**, diz. E a música entra sem passar pela portaria: **"Ali você vai encontrar hip-hop, você vai encontrar pop, você vai encontrar rock, você vai encontrar pop rock."**



Por trás da diva existe o Jonathan Guilherme dos Santos, 34 anos, administrador, contador e psicólogo (sim, os três), com uma pilha de pós que dá inveja a qualquer mural de RH. **"Por trás da Joanna Krum tem o Jonathan"**, ele

resume. O talento não vem de hoje, na entrevista ele relata com orgulho que chegou a tirar nota mil na redação do Enem (*eu fiquei com 800 e feliz da vida, imagina se eu tivesse tirado mil*), um currículo que costuma terminar em sala de reunião discutindo meta trimestral, e não de peruca soltando reggaeton. A boa notícia é que ele escolheu o microfone.



A Joanna (*a personagem*) nasceu em 2017, num evento nos Estados Unidos, quando uma amiga a maquiou e o público reagiu bem demais. O primeiro show veio em 2022, na parada de Limeira, ainda no território dos covers (*Katy Perry, Gaga, Glória Groove*). De lá para cá, foi trocando o repertório emprestado pelo próprio, até chegar em "A Casa da Mãe Joanna", seu primeiro trabalho autoral.



E o disco tem roteiro de verdade. A abertura, **"Mostra seu Talento"**, apresenta a personagem sem cerimônia: **"essa Drag Queen iniciante vai roubar a cena com paixão."** Meu momento favorito é quando os diplomas invadem a pista. Em **"Ela é Braba"**, toda a formação vira deboche: **"com três diplomas e mil certificados,**

quando eu passo, rimo deixo os boys obcecados." Poucas rappers transformam Lattes em arma de sedução, e fiquei com uma pontinha de inveja profissional.

Nem tudo é festa, e é aí que ela acerta a mão. **"Meu Lugar"** encara o mundo corporativo que a Joanna conhece por dentro, aquele que enche a parede de cartaz sobre diversidade e esquece de promover quem não é hétero. Sem anestesia: **"existe diversidade, mas não existe inclusão."** Doeu porque é verdade.



Ah, e o sobrenome. Krum saiu de uma fanfic mística (*o bruxo Viktor Krum que me perdoe*), com o detalhe de existir de verdade: **"as pessoas da família Krum vieram me procurar"** no LinkedIn, ela conta. Imagino o susto do clã ao encontrar uma diva pop reivindicando o brasão.



Teve deluxe em inglês, teve **"Demons"** sobre insônia e os leões que ela diz **"matar"** todo dia (*diva também tem olheira*), e já veio **"Bellaka"** em 2026. Fica a impressão de que a Joanna sacou algo simples: dá para acolher a cidade inteira e continuar não aceitando qualquer coisa. A casa é da mãe, e a mãe é quem manda. Eu já pedi para morar de aluguel.



BlüdRaven - ICKY

Sempre me chama a atenção quando encontro uma banda boa com cara de grande. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir "ICKY", novo single da BlüdRaven. Gosto de perceber quando uma banda evolui sem perder a própria essência. Isso transmite confiança. Dá a sensação de que eles podem experimentar novos caminhos, explorar diferentes ideias e continuar entregando um trabalho sólido.

O peso aqui ganha uma dimensão quase épica. As guitarras são precisas, a interpretação mantém firmeza e tudo soa muito bem definido, sem excessos ou confusão. Existe clareza na construção da música, algo que fortalece ainda mais a mensagem.

A letra fala sobre o desgosto que nasce quando percebemos que não fizemos tudo o que podíamos por alguém. Depois da perda, resta a companhia da culpa e o peso das próprias escolhas. É um sentimento duro, mas profundamente humano. Gosto quando uma banda entende que a força do metal também está na capacidade de revelar nossas fragilidades. No fim, "ICKY" mostra que o peso não precisa existir apenas para impressionar; ele também pode servir para sustentar emoções que todos nós, em algum momento, já carregamos.



Elpidio Bastos - Guerra e Paz

Sempre me chama a atenção quando um artista escolhe falar de paz sem perder a força da própria música. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir "Guerra e Paz", de Elpidio Bastos. A canção carrega uma ginga contagiante, enquanto os vocais, que incluem a participação do Mestre Marçal, conduzem a mensagem com clareza e naturalidade.

O que mais me chamou a atenção foi a presença da batucada que remete às raízes do Olodum. Tudo soa muito bem mixado, equilibrando elementos populares com uma produção moderna, sem deixar que um apague o outro. É uma música que convida o corpo a acompanhar o ritmo enquanto a mente acompanha a reflexão.

Gosto de encontrar artistas que entendem que a guerra faz barulho, mas raramente resolve alguma coisa. Elpidio Bastos demonstra maturidade ao seguir um caminho claro, respeitando a paz como escolha e não como fraqueza. No fim, "Guerra e Paz" deixa a impressão de que a verdadeira força talvez esteja justamente em saber qual direção vale a pena seguir.



Zazou Wave - Le Temps

Sempre me chama a atenção quando um artista consegue transformar influências diferentes em uma identidade própria. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir o novo EP de Zazou Wave. Para mim, é uma brasilidade conquistada, construída com respeito, qualidade e um feeling magnético que aproxima o ouvinte logo nos primeiros acordes.

Francês radicado no Brasil há mais de duas décadas, Zazou mantém a proposta de provocar reflexões sem abrir mão da musicalidade. O destaque fica para "Le temps", uma canção que discute nossa relação com o tempo de forma sensível e atual. Em seguida, "Danse ta vie" convida a celebrar a vida apesar das dificuldades, enquanto "On est dev'nus tout l'monde" reforça a ideia de que, no fim, somos todos iguais. A rock-balada "L'Amérique Sang d'or - s'endort" fecha o trabalho com uma visão crítica e poética sobre o sonho americano.

Ao lado de Leopoldo Nantes, Marcos Vinícius Aguiar e outros parceiros, Zazou Wave entrega um EP maduro, elegante e autêntico, confirmando que a música não conhece fronteiras quando há verdade naquilo que se canta.



Tonni Moraes - Máquina do Tempo

Sempre me chama a atenção quando um artista escolhe construir uma linguagem própria em vez de seguir caminhos previsíveis. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir "Máquina do Tempo", novo single de Tonni Moraes. Percebo uma aposta ousada em criar texturas sonoras que dialogam com diferentes referências do rock das décadas de 1980 e 1990, transformando essas influências em uma atmosfera contemporânea.

Há momentos que remetem ao pop-rock que marcou uma geração, mas reinterpretados sob uma perspectiva mais introspectiva e emocional. O resultado flutua entre o rock alternativo e uma estética quase onírica, criando uma experiência que desperta mais sentimentos do que respostas. Natural de Tatuí (SP) e radicado em Balneário Camboriú (SC), Tonni Moraes parece interessado em traduzir emoções antes de buscar fórmulas.

A letra revela alguém que reconhece os próprios sentimentos e o desejo de caminhar ao lado de outra pessoa, resgatando aquela velha emoção que o rock sempre soube expressar. Saí com a impressão de que esta é uma daquelas músicas que merecem voltar. Às vezes, é justamente no segundo encontro que uma canção revela sua melhor versão.



Por TheLira

o que me chama a atenção



Maré Morta - Chronus

Sempre me chama a atenção quando uma banda consegue transformar peso em reflexão. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir Chronus, novo álbum da Maré Morta. As guitarras muito bem gravadas ocupam o primeiro plano da experiência, enquanto a voz conduz uma atmosfera que transita entre o stoner rock e uma atitude psicodélica, criando um trabalho envolvente do início ao fim.

As letras vão além da inquietação. Elas afirmam a responsabilidade de cada um por ocupar o próprio espaço e construir o próprio caminho. Entre todas as faixas, "Espelhos" me chamou especialmente a atenção por sintetizar essa proposta de olhar para dentro e compreender o tempo como parte do amadurecimento.

Gosto quando uma banda entende que evoluir não significa abandonar suas raízes, mas aprofundá-las. A Maré Morta entrega um trabalho sólido, com produção consistente e uma direção artística bem definida. Se existe um próximo passo, talvez seja apenas aquele que todo grande grupo enfrenta: cada integrante continuar aprimorando a si mesmo para que a banda siga crescendo sem perder a leveza necessária para manter a própria sanidade. Acho que é justamente esse equilíbrio que faz Chronus permanecer na memória depois que o disco termina.



Du Rompa Hammond Trio - O Beijo da Serpente

Sempre me chama a atenção quando uma banda instrumental consegue me fazer esquecer que não existe uma voz conduzindo a história. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir O Beijo da Serpente, novo álbum do Du Rompa Hammond Trio, de Piracicaba (SP). São sete faixas, com títulos tão curiosos quanto inspiradores — "Sumiço das Vacas" e "Lua de Naiá" já despertam a imaginação antes mesmo da primeira nota.

Dizem que é jazz. Para mim, há muito do espírito do rock progressivo dos anos 1970. A guitarra conversa com o órgão Hammond com uma doçura impressionante, enquanto a bateria não deixa a peteca cair em nenhum momento. É uma banda redonda, daquelas que fizeram a lição de casa e sabem exatamente onde querem chegar. Se isso é jazz, então ele combina perfeitamente com a minha visão de rock'n'roll. Fechei os olhos e me vi passeando pelo velho oeste, atravessando festivais de rock progressivo e mergulhando em uma viagem sonora tão profunda quanto o veneno mais entorpecente de uma serpente. Há discos que não precisam de palavras para contar uma história. O Beijo da Serpente é um deles.



Bad Monkey - Chemical Balance

Sempre me chama atenção a quando um artista consegue transformar a pista de dança em uma experiência de imersão. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir "Chemical Balance", novo single do DJ e produtor uruguaio Bad Monkey. A batida conduz naturalmente o ouvinte, enquanto os sintetizadores criam uma atmosfera intensa que parece nos convidar a simplesmente seguir o fluxo da música.

Não precisei entender cada palavra da letra para perceber uma sensação de entrega. Existe algo ali que nos coloca em movimento, como quem se rende ao próprio balanço da canção. Gosto quando a música eletrônica consegue provocar essa viagem sem depender apenas do impacto da batida.

Filho de um DJ e de uma pianista clássica, Bad Monkey demonstra equilíbrio entre técnica e emoção. Sua produção une referências do organic house, melodic techno e outras vertentes eletrônicas com naturalidade, construindo uma identidade consistente. No fim, "Chemical Balance" deixa claro que, quando atmosfera e ritmo caminham juntos, a música encontra um jeito próprio de permanecer na memória.



Deni Miller - Flores de Outono

Sempre me chama a atenção quando um artista consegue transformar maturidade em música. Foi exatamente essa impressão que tive ao ouvir "Flores de Outono", faixa que dá nome ao novo EP de Deni Miller. Sua voz aveludada encontra no violão um diálogo delicado sobre o amor, enquanto piano, bateria e cordas ampliam essa atmosfera com elegância.

Percebo uma MPB que bebe na fonte do jazz sem perder a identidade brasileira. Os arranjos são sofisticados, mas nunca excessivos. Tudo parece ocupar o lugar certo, sustentando a harmonia mesmo quando as emoções parecem cambalear. É justamente esse equilíbrio que torna o trabalho tão envolvente.

Natural de Minas Gerais e formado em uma família de músicos, Deni Miller demonstra uma bagagem que aparece com naturalidade em cada detalhe da produção. Mais do que falar sobre o amor, "Flores de Outono" parece aceitar o curso da vida com serenidade. Saí com a impressão de ouvir um artista disposto a saborear o presente, reconhecendo que também existe esperança nas mudanças de estação.



Por TheLira

o que me chama a atenção

RAIO-X DO ÁLBUM



Paromundo Studio Session

Por Fábio Drummond

A Paromundo lançou em 3 de abril de 2026 a Paromundo Studio Session, um EP de cinco faixas gravado ao vivo em estúdio numa parceria com o JamSpot e distribuído pela Tratore. São canções que a banda já havia soltado antes, agora regravadas na forma que eles entregam no palco. O próprio grupo resume a intenção: **"registrar quem é a Paromundo no seu eu mais íntimo, no palco"**. Ouço o disco como um cartão de visitas de uma banda que queria mostrar os dois lados, o que sai do estúdio e o que acontece no show.



Poti (Lucas Sena)

Como já característico dessa coluna, vamos pegar nosso aparelho de Raio-X musical e ver como são formadas as entranhas do álbum. Prepare-se, essa banda vai te surpreender.

O disco abre com a faixa "Caiçara" e eles escolheram logo de cara tratar de um tema pesado: **"Talvez seja a nossa música com o tema mais delicado: suicídio"**, diz o grupo, que puxa a Ophelia de Hamlet para o litoral brasileiro. O verso **"E assim como Ophelia se joga no rio / Eu me deixo levar pelas ondas do mar"** costura a referência literária. Ao ouvir a faixa, é possível abstrair que eles tratam do tema de frente, é como se eles olhassem o grito de socorro e reconhecessem nele uma espécie de beleza estranha, coisa que eles mesmos admitem (*começar por aqui foi corajoso, ponto pros meninos*).

A segunda faixa é "Sangue Meu" e já parte para a identidade indígena e para a vivência num **"não-lugar"**, palavra que a banda usa para a desconexão de quem cresce longe



Vinicius Marcondes

da própria aldeia. **"Sangue Meu é uma esperança por um futuro melhor, o desejo por esta reconexão"**, explicam. A letra sustenta isso com poucas palavras; **"Sei o que fui e o que me tornei"**. É uma canção de reconstrução, e o arranjo ao vivo deu a ela um peso que a versão anterior não carregava (*mas recomendo a versão anterior também, não se façam de regrados, vão lá conferir*).



Johnny Cavalcanti

A terceira fica com "Pretty Lies" é a única faixa em inglês e a mais pessoal na origem. A banda a define como **"uma autocrítica ao como já lidei com relações"**, sobre a dificuldade de dizer não e o estrago que a covardia gentil faz em quem a gente menos quer ferir. Acho que é um dos temas mais atuais, a gentileza forçada para não causar "desconfortos", isso tá impregnado nas nossas relações pessoais e não tô falando de ser polido, tô falando de segurar o grito, acumular internamente e implodir sua sanidade. O refrão **"I want your heart, I don't want pity / I don't want pretty lies"** já joga isso na cara. Uma coisa interessante é ouvir um grupo brasileiro cantando em inglês com naturalidade, se é pra fazer bora fazer bem feito.

A quarta faixa ficou com a "Moça" e trata do chão que some depois de um término. A banda nos conta com mais detalhes: **"Uma relação**



Juan Mitsuo

tóxica, que refletindo nós percebemos que já não existia futuro ou nem mesmo presente". A letra traduz isso na imagem **"E não há chão abaixo dos pés"**. É a faixa mais convencional do EP. O tema também não é muita novidade, já ouvimos essa temática do coração partido sob muitos aspectos ao longo da história da música. Mesmo assim, a performance ao vivo livra de soar como só mais uma canção sofrida. Embora tenha ficado excelente, não posso deixar de observar que essa é aquela faixa que o artista joga só pra não dizer que não falou de flores.



Felipe Pestana

A quinta já chega mais pé na porta, "Anauê" fecha de forma mais política: **"falamos de um caso particular de apropriação cultural e quem está por trás disto"**. O grupo levanta a seguinte questão: "qual foi o espaço que foi deixado para a população indígena nesta sociedade?". Essa retórica atravessa a letra inteira. O verso **"Distorcida por patriotas / Que destroem cultura e casa"** já chega mais afiado. O disco abriu na dor de Caiçara, deu voltas em busca do "não-lugar", disse o que queria sobre a "gentileza", deu aquela passeada na sofrência e encerrou em grande estilo, na revolta. Um disco completão pra se ouvir e deixar o botão de repeat acionado.



No conjunto da obra, nossos meninos da Paromundo entregaram um disco bem variado e não tentaram esconder as arestas. Cinco faixas, cinco temas distintos, gravadas ao vivo com performance de alto nível. É trabalho de banda independente que sabe o que quer mostrar, e mostra sem firula.

EDU INCLUS

ANJO ATRAPALHADO, IMPERFEITO E AINDA ASSIM MENSAGEIRO

Por Fábio Drummond



Edu Inclus é uma das bandas mais amáveis que tive a oportunidade de conhecer. É um projeto incrível em muitos aspectos. Entretanto, quero destacar o último lançamento da trupe, "Anjo Atrapalhado" e começo pelo nome. Ele carrega uma pequena filosofia embutida, a ideia de que o mensageiro não precisa ser perfeito para entregar o recado. Há uma velha intuição, que vai de Espinosa a certa tradição mística, de que a força de alguém se mede menos pela ausência de falhas e mais pela potência com que insiste em existir. Ouço este single de Edu Inclus e é dessa insistência que ele me fala.

Eduardo Nogueira, o Edu, é músico, compositor, assistente social de formação e pessoa com deficiência física. Há mais de quinze anos milita pela causa da pessoa com deficiência, e hoje integra o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Minas Gerais.

De Santa Rita do Sapucaí, no Sul de Minas, construiu um projeto onde arte e ativismo dividem o mesmo palco. A música, para ele, nunca foi só música. "A música se tornou meu instrumento de expressão, conscientização e transformação", diz o artista, e leio a faixa a partir dessa chave.

O que me chega em "Anjo Atrapalhado" é uma calma peculiar. Os arranjos são doces, quase cuidadosos, e se acomodam no vocal do Eduardo sem disputar espaço com ele. Curioso, vindo de uma banda nascida em 2017 sob a influência do rock nacional oitentista. Aqui a Inclus escolheu o registro do afeto e da paz, um espírito cooperativo que soa como convite.

Penso que é justamente aí o âmago do trabalho. O anjo é atrapalhado porque é humano, e é humano porque tropeça. Por trás existe um projeto maior, feito de cirurgias, superação e a decisão de tornar a própria história um propósito, que hoje se estende a iniciativas como o Festival de Arte Inclusiva + Diversidade (FAI+D), que abriga vozes historicamente deixadas de fora.

A proposta de Eduardo Nogueira ultrapassa os limites do palco. Nas apresentações da banda, comungam música, emoção, reflexão e inclusão, promovendo experiências mais acessíveis e acolhedoras. Entre os recursos de acessibilidade estão intérprete de Libras, fones abafadores para pessoas com hipersensibilidade sonora, guia, audiodescrição, banheiros adaptados e espaços com rampas de acessibilidade.

Gosto da faixa. Gosto mais ainda de saber que ela não termina em si mesma. Fico com a imagem do anjo que erra o passo e ainda assim entrega a mensagem, que talvez seja tudo o que qualquer um de nós consiga fazer, basta querer.



Elemento Zero EZ Band - Deserto

Rockão anos 80, começando pela bateria e o riff de guitarra da introdução. Inclusive a introdução é coisa que não se vê mais hoje em dia, são 1 minuto e 19 segundos de introdução. Bem fora dos padrões atuais de música. Os "especialistas" (*bem entre aspas mesmo*), rezam a ladainha que uma música "deve" ter no máximo 9 segundos de introdução, depois um versinho crescente e já cair no refrão. É uma baboseira que a banda Elemento Zero, faz questão de ignorar. A música segue por 5 minutos e 20 segundos, parece que tempo não é uma métrica que a banda tá ligando muito.

O instrumental é enxuto, de base post-punk, com clímax e silêncios convivendo na mesma faixa. A letra fica aberta: em alguns trechos dá pra ouvir um amor mal resolvido, em outros a banda escancara a dor do indivíduo e a dor coletiva, a violência doméstica, a das estruturas, a das guerras. Fica ecoando uma pergunta dirigida a quem violenta, sobre de onde vem tanta apatia diante da própria dor que se causa.

Eu gostei do desconforto. É faixa que a gente não escuta de passagem.



Apolo e MC Hisoka - Telepatia

Cheguei no "Telepatia" meio de pé atrás com trap romântico, porque geralmente esse tipo de faixa costuma escorregar pro açúcar, mas vou confessar que saí surpreso. O MC Hisoka é gente nova na cena, mas o single mostra que ele entende o terreno onde tá pisando: a batida, os graves e a cadência estão no lugar que o nicho pede. A parceria com Apolo rendeu bons frutos, as duas vozes se completam sem que uma engula a outra.

O que me chamou atenção foi o fundo da faixa. O Hisoka diz que se inspirou num filme de 1999 sobre uma carta de amor achada por acaso, e a Apolo conta que morava longe da noiva quando compôs. Esse amor à distância dá à música um peso diferente pro trap, não é comum, e acho que é aí que os dois acertaram em cheio.

Sigo curioso pra ver o Hisoka daqui pra frente. Tem chão pela frente, mas o começo é dos bons. Vamos continuar de olho.



Tubawinners - Fish King

Segundo single da Tubawinners, "Fish King" chegou no dia 10 de julho, com três minutos e vinte. O trio paulistano (Nei Tavares na guitarra e voz, Ricardo Martucci no baixo e voz, Lúcio Carvalho na bateria e voz) existe desde setembro de 2024, então é uma banda ainda em construção. E acompanhar uma banda nesse estágio tem a sua graça, porque é aqui que o som vai amadurecendo escuta a escuta.

No instrumental, a banda me pareceu bem resolvida. O riff é bem construído e gruda fácil na cabeça (fiquei cantarolando depois de uma escuta só). Tenho a impressão de que essa memorabilidade, essa facilidade de fixar, pode virar a marca da Tubawinners mais pra frente. A letra segue um caminho direto e minimalista, mexendo com a ideia de agir em vez de ficar esperando.

É o segundo passo de um trio que ainda tem bastante chão pela frente, e eu, particularmente, quero ver onde essa estrada vai dar. A gente continua de olho.



Gugu de Souza - Breu

O EP Breu é de 2022, e o cantor lançou alguns singles após esse. Mas optei por falar desse disco porque me deparei com uma obra de MPB de altíssima qualidade. O Gugu de Souza, cujo nome é Alexandre Silva de Souza, é um sambista inveterado e isso fica evidente em outros discos lançados, mas no Breu ele se desafiou a enfrentar a MPB de frente e quem saiu ganhando foi o ouvinte.

Na faixa-título ele canta "isso aqui nunca foi um conto de fadas" e emenda "500 anos de prisão, eu preciso respirar". É uma letra que fala de cor, de classe, de gente que some na madrugada. Pesada, direta. Já em "Mar de Tristeza" o clima muda, ele abre com "sou peixe fora d'água sem você" e vai por um caminho mais confortável pra quem compõe samba a vida toda. A música é um reflexo de um compositor trilhando um caminho confortável para si.

Não sei não, hein. Fico com a impressão de que o samba tá perdendo um talento e a MPB tá ganhando um nome de peso. A gente fica de olho no que vem depois.



Por Jorge Murilo

releases & análises



Allan Piter - Signo Solar Ao Vivo

Afeto do começo ao fim. Sete faixas ligadas por um só tema: o amor.

Confesso que cheguei no novo trabalho do Allan Piter meio de surpresa, porque as faixas já rolavam no YouTube antes (siga o canal, ative o sininho, vale a pena). O que segura o disco inteiro é o afeto, esse fio que costura a relação entre o eu lírico e a pessoa amada de uma faixa pra outra.

Se você tá esperando sofrência, vai se surpreender. As letras têm poesia de verdade. Em "02:45am" a gente sente a madrugada fria e a cama vazia ("eu só queria você"), e em "A Gata e o Vira-Lata" ele brinca com os opostos que se completam ("tipo feijão com arroz, tipo café com leite"). "Fogo e Gasolina" e "Você Me Faz Tão Bem" seguem na mesma pegada, o cara pedindo uma chance sem rodeio.

Allan é romântico de carteirinha, e faz tempo que a gente não vê alguém assumir isso com tanta clareza. Quem sabe estamos diante do novo Don Juan brasileiro. Aguardemos.



Fabiana Bittencourt - Bela Arte

Fabiana Bittencourt começou nos palcos, como atriz, e acabou ficando o pé na canção. "Bela Arte", que ela soltou em 20 de março de 2026 pela Valetes Records, cai bem no meio dessa fase em que ela vem costurando Pop e MPB. É um single curto (dois minutos e quarenta e nove segundos), e eu confesso que respeito quem aposta na medida certa em vez de esticar a faixa só pra parecer maior.

A composição é autoral, em parceria com Chico Roque, que também cuidou da produção. A letra passeia com naturalidade por referências que atravessam a história da arte e da literatura. Personagens como Dom Quixote e Salvador Dalí surgem como parte de uma narrativa poética. A gente sente o cuidado narrativo em cima do afeto, que ela mesma diz ser o centro de tudo o que faz.

Não vou dizer que é a canção que vira o jogo dela, mas é honesta no que se propõe. Vou continuar de olho.



Bella Queiroz - Uma Tarde no Flutu

"Uma Tarde no Flutu" saiu em 23 de fevereiro de 2025, um single de Bella Queiroz ao lado de Bryse que nasce dos flutuantes de Manaus, aqueles bares que boiam no rio e viram ponto de encontro no fim da tarde. A letra de Denny Correa Nogueira carrega esse clima, e quando Bella canta "**já cansei de agradar, meu caminho vou trilhar**" a gente entende que a festa também é sobre seguir a própria vontade.

Vou ser sincero na minha impressão: a Bella tem uma voz bonita e afinadíssima, dessas que se garantem sozinhas. Ela escolheu um estilo bem típico do norte como ponto de partida; uma música ótima pra dançar coladinho, devo confessar que a melodia ficou mais interessante nas mãos dela.

Ela tem potência vocal suficiente para mergulhar em outros estilos musicais, seja um pop dançante, seja uma levada mais romântica, ela pode se dar ao luxo de escolher. Espero poder ouvir essa voz num estilo que explore todo essa potência vocal que ela visivelmente possui. Fica meu palpite, e vamos continuar de olho.



Panta Rei - Ao Redor de Um Imenso Sol Vermelho

Panta Rei lançou "Ao Redor de Um Imenso Sol Vermelho" no dia 22 de abril de 2026. O disco abre com a faixa "Manifesto", e o nome já entrega a régua do disco inteiro. São nove músicas peso pesado, gravadas no analógico lá no alto da Serra do Mar fluminense, sem computador nem retoque (o que a banda tocou é o que a gente ouve, cru e acidentado).

Confesso que fazia tempo que um disco não me chegava com os dois pés no peito assim. A bateria fura os pratos, a guitarra se entranha na melodia, e o vocal do lury Cascaes conclama: "**cuidado, o golpe virá! Arme-se, o golpe virá!**". É a banda de Santos fazendo psicodelia pesada sobre capitalismo tardio, cultura caçara, flores e violência revolucionária, tudo no mesmo caldeirão.

Não vou dizer qual faixa ouvir primeiro (isso é escolha de vocês). Só peço uma coisa: dá o play e presta atenção no arrepio. Duvido que não venha.



Por Jorge Murilo

releases & análises

BANDA MEDIT

LANÇA SINGLE SOBRE DOR E
RECÔMEÇOS - CONTINUA LÁ FORA

Por Paulo Ronaldo

A Banda Medit publicou recentemente o single "Continua Lá Fora", são três minutos e vinte e três segundos que se somam a um vasto catálogo iniciado no ABC Paulista em 2018.

A faixa traz a participação de Bruna Sales ao lado da formação atual: Ju Castadelli no vocal, Zan na bateria e nos berros, Becker e Alex nas guitarras, Ettore no baixo. É a mesma engrenagem que a banda vem afinando há anos, o contraste entre a linha melódica feminina e o peso das guitarras sustentado por uma base rítmica executada com maestria pelos meninos do grupo.

Reservo os superlativos para outra ocasião (a Medit dispensa laços de fita), mas registro o óbvio, é trabalho de gente que entende do ofício. A faixa fala sobre um tema não tão moderno quanto o som da banda, mas ainda assim pertinente: dor, recomeços e a ideia de que a vida segue em frente lá fora, mesmo em momentos de solidão. Além de ser uma homenagem clara a bandas dos anos 2000 que influenciaram o som da Medit.

Outro trabalho que merece menção é o single anterior, "Recomeçar", a pegada instrumental é semelhante, mas



o tema, esse sim conversa com a sociedade moderna: a importância de pegar impulso e seguir em frente após errar ou perder o foco. O refrão já diz tudo: **"Entra na roda e vem. Se tá cansado, vem! Não tá tão bem? Então vem você também. Vem e pega forças pra lutar"**. É um convite a viver a vida moderna da forma moderna. Vale o play.

LINKET

GRAVA A PRÓPRIA ESTRADA AO VIVO

Por Luanda Barreto



O disco "LINKET Ao Vivo (Blumenau/SC)" chegou em 25 de julho de 2025 com seis faixas e pouco menos de vinte minutos, todas registradas em show. É o segundo trabalho de Ketlin Montanari sob o nome LINKET, gravado com a banda que a acompanha desde 2024 (Tisbey Teixeira na guitarra, Tasley Teixeira no baixo e no violino, Sérgio Teixeira na bateria).

Ouvindo de ponta a ponta, firma-se uma levada de rock clássico banhada em folk e country. As guitarras conduzem sozinhas boa parte do caminho e a voz de Ketlin preenche o que sobra, dando aquele molho pra formar um som impecável. Em "Run Freely" e "Grow Stronger" o registro ao vivo dá respiro para a banda; em "O Vento", a única em português, o clima abre e sobra lugar para a letra.

Não posso deixar de observar que me trouxe à mente Joan Baez no seu início de estrada. Não sou muito de fazer previsões, mas acredito que estamos diante de uma voz que ainda vai dar muitas lições de sucesso aos artistas independentes.

Ketlin descreve assim o que move o projeto: "são mudanças que a gente não consegue prever nem planejar, e outras que precisam acontecer e só dependem de você." É uma espécie de chave otimista que costura as seis faixas, e é muito claro de ser ver isso nesse registro ao vivo.

Não sou muito de fazer previsões, mas acredito que estamos diante de uma voz que ainda vai dar muitas lições de sucesso aos artistas independentes. O EP saiu assim, assinado pela própria Ketlin. Vamos continuar de olho.



Professor Doidão e os Aloprados

um manual de sobrevivência
para doido certo

Por Valter Dias

A Dissonância está sempre procurando artistas cuja mensagem seja inspiradora e cuja voz mereça ser amplificada. E eu, como musicista recebo essa missão e acrescento a ela alguns elementos musicais que me são afetos, como um contrabaixo, por exemplo. Por isso, estou sempre buscando bandas em que o baixo esteja nas mãos de quem também assina as mensagens, eu presto atenção redobrada (*deformação profissional, me perdoem*). Foi aí que me deparei com a banda Professor Doidão e os Aloprados que possui como baixista a Juliana Rosa e ela foi muito certa ao definir o porquê da banda:

"a gente tem essa coisa de sempre brincar, falar de coisas sérias com tom de alegria"

Guardem essa frase. É uma das definições mais precisas sobre o que essa banda baiana anda fazendo desde a faculdade de Psicologia. Ela explica quase tudo. E começando do começo, a história oficial vem lá por 2007, quando um grupo de estudantes de Psicologia resolveu que tinha "umas letras" demais para deixar na gaveta.

Essa é uma das fotos mais antigas que consegui encontrar vasculhando os históricos da banda.



Professor Doidão (2014)

saac Fiterman virou Professor Doidão, Juliana entrou e ficou, e em 2013 chegaram Lucas Kelsch (guitarra) e Cícero Dias (bateria) para profissionalizar a doideira. O estilo eles batizaram de **"hippie rock"**, que é a maneira educada de dizer que passeiam por rock, blues, MPB e ska.



O lema da casa, **"seja um doido certo e não um certo doido"**, parece piada de adesivo de para-choque até o Isaac abrir o manual de instruções. Doido certo, segundo ele:

"é não parar na vaga de idoso, é parar numa faixa de pedestre, é ajudar uma pessoa a atravessar uma rua, é não receber um troco errado e não devolvê-lo".

O certo doido é o outro, aquele que **"acumula, acumula, acumula e, quando surta, ele realmente faz uma grande bobagem"**. Traduzindo para os leigos: melhor surtar um pouquinho todo dia do que economizar surto para o grande espetáculo. Como terapia em grupo, sai mais barato que plano de saúde.



(Reparem que já estou há quatro parágrafos e ainda não falei de um certo disco voador. Calma, chega lá.)

Porque tem disco voador, sim. A mitologia da banda inclui uma abdução no Vale do Capão, e Cícero conta o episódio (*se você ouvir o áudio da entrevista vai sentir o tom sério e solene dessa abdução*):

"Certa vez, há um tempo atrás, estávamos nós no Vale do Capão, quando de repente, no momento de êxtase musical, de alegria, de positividade, surgiu uma luz que vinha do céu. E essa luz que veio do céu nos trouxe a possibilidade de falar o que a gente sentia e queria para o mundo. Então começamos a falar com essa inspiração naquele momento, o que a gente queria da banda"

Eu, que já vi banda inventar mito de origem com muito menos material, aplaudo o compromisso com a narrativa. Não se pode falar da Professor Doidão sem se lembrar da famosa Kombiruta, o quinto elemento da banda, o veículo palco que virou uma espécie de marca do grupo. Ao ser questionado se viria uma versão renovada da coleguinha motorizada, Lucas Kelsch responde:

"Com certeza existe, até porque é uma ideia nossa do que a gente não chegou a conseguir fazer como queria com a Kombiruta, ainda que a Kombiruta foi um elemento super importante de transporte, mas é uma ideia da gente ter esse veículo que possa também se tornar um palco"

E torço pelo renascimento da Kombiruta, rodou a Bahia, virou saudade, e sempre terá aquela folguinha no volante, insubstituível, por isso que espero que venha outra Kombi.



Agora, uma pausa no riso, porque a banda também pausa. "Morte" é canção que celebra a finitude, e Juliana explica que ela e Isaac perderam as mães nos últimos meses. **"A cada dia que passa a gente tá morrendo"**, ela diz, e transforma o clichê da única certeza em ferramenta para decidir como viver o resto:

"Pergunta profunda, principalmente nesse momento falando de mim, de Juliana e de Isaac. Tivemos perdas importantes, perdemos nossas mães nos últimos meses. E, ironicamente, essa música tá aqui para nos lembrar de celebrar a finitude, porque aquela máxima, o clichê: 'a única certeza que a gente tem é da morte'. Então, a cada dia a gente tá morrendo. A gente tá vivendo? Não. A cada dia que passa a gente tá morrendo"



O próximo capítulo se chama "Circo Brasil", e Cícero adianta a intenção de "utilizar a inteligência e a sagacidade do humor para trazer questões relevantes" num ano político. Circo como conceito, num país que às vezes dispensa a metáfora. Não vou fingir que a associação é sutil, mas confesso curiosidade sobre como a picadeira vai soar no estúdio. Nas palavras de Cícero Dias, o disco promete ser bem intenso:

"Em meio a um cenário político, um ano político nesse país, nós decidimos entrar no universo da alegria, do humor, do sarcasmo, da ironia, e trabalhar em cima disso, através desse disco 'Circo Brasil', onde a gente vai utilizar a inteligência e a sagacidade do humor para trazer questões relevantes e que nos fazem pensar"

Apesar de ser um banda, um quarteto para ser mais exato, o personagem que mais chama atenção é o próprio Professor Doidão, cuja pele cobre por inteiro o Isaac Fiterman. É sempre uma questão a ser levantada até onde vai o personagem e até onde fica o Isaac. As duas personalidades,

estão lá, no mesmo corpo tomando a mesma água, comendo o mesmo pão, mas só uma delas recebe os aplausos do público. Ao ser questionado sobre o diálogo que acho que existe entre essas duas entidades, o Isaac responde:



"Elas conversam o tempo todo. Agora, elas sabem muito bem o até onde uma vai, até onde a outra exerce a função dela. Essa separação se dá principalmente quando eu subo ao palco. O subir ao palco transforma realmente o Isaac Fitterman no Professor Doidão."

Não que ele não tenha um pouco de Professor Doidão e o professor não tenha um pouco de Isaac. É uma simbiose interessante.

A banda vem cruzando a estrada da arte por longos anos. A formação já se alterou, antigos membros viraram amigos, os novos se tornaram irmãos. Mas será que o grupo ainda tem fôlego para quilômetros, quem sabe a bordo de uma nova kombiruta? A julgar pelo vigor do Isaac, acreditamos que sim. Eles tem aquele temperinho baiano que todo brasileiro conhece e gosta. São resilientes, são audaciosos e, sobretudo, são focados na própria missão. E ao serem questionados sobre o aprendizado que levam dessa jornada, Lucas Kelsch, nos diz:

"É importante que a gente continue a nossa trajetória, importante que nosso som continue chegando a todos os estados, a todas as pessoas, porque o nosso objetivo é continuar pela estrada, tocando e esperando a resposta do público, que tá sendo muito bacana e que a gente quer que continue sendo mais."

Traduzindo, eles não vão parar tão cedo e ainda tem muito chão a percorrer. Espero poder ver a Professor Doidão em muitos palcos por esse brasilão.



Professor Doidão e os Alopados em Dissonância: entrevista exclusiva

Por Valter Dias

Nascida em 2007 nos corredores da faculdade de Psicologia da UFBA e profissionalizada em 2013, a Professor Doidão e os Alopados fez do "hippie rock" uma carteira de identidade. Isaac Fiterman (voz), Juliana Rosa (baixo), Lucas Kelsch (guitarra) e Cícero Dias (bateria) passeiam por rock, blues, MPB e ska para falar de coisas sérias com tom de alegria, saúde mental, finitude, o Brasil, tudo temperado com aquele sarcasmo que só um doido certo que estuda a cabeça humana consegue dosar. A banda baiana sentou com a Dissonância para explicar por que surtar um pouquinho todo dia é, no fim das contas, uma boa política de saúde pública.

Dissonância: A banda nasceu no ambiente acadêmico da Faculdade de Psicologia. Como a formação em Psicologia de Isaac e Juliana influencia não apenas as letras, mas a forma como vocês lidam com a "loucura" no palco e na vida?

Juliana Rosa: Na realidade, a Professor Doidão, a gente tem essa coisa de sempre brincar, falar de coisas sérias com tom de alegria. E a gente costuma dizer que, na Professor Doidão, as nossas letras, as nossas mensagens também pautam muito a questão da saúde mental. Então, se você prestar atenção no que a gente tá dizendo, às vezes pode parecer uma coisa besta ou irrisória, mas na realidade, a gente tá justamente lidando, muitas vezes, com nossas questões, com nossas dores, ou com nossas reflexões, ou a gente tá propondo para que as pessoas que nos escutam, esse tipo de situação. Então, a gente acredita que a faculdade de psicologia, ela nos auxiliou a ter esse olhar para o mundo, para as nossas questões internas, e a partir dessa sensibilidade, conseguir demonstrar, através do nosso som, da nossa performance, aquilo que a gente costuma dizer, de ser um doido certo e não um certo doido.

Dissonância: O lema de vocês é "Seja um doido certo e não um certo doido". Para a Dissonância, poderiam explicar a profundidade filosófica por trás dessa frase e como ela combate a submissão cega aos padrões sociais?

Isaac Fiterman: Já pegando o gancho do que Juju respondeu na pergunta um, seja um doido certo e não um certo doido, eu vou explicar de uma forma bem ilustrativa. Ser um "doido certo", é, de repente, não parar na vaga de idoso, é parar numa faixa de pedestre, é ajudar uma pessoa a atravessar uma rua, é não receber um troco errado e não devolvê-lo. Ou seja, são essas pequenas coisas do dia a dia. Ou seja, é você ser correto, ser "doido certo", é ser correto. E não certo doido, o certo doido é aquele que, de repente, anda no dia a dia fingindo que não é, frequentando a igreja e praticando mal, é aquele que surta e sai matando gente, aquele que briga no trânsito. Então, a diferença muito grandiosa e, ao mesmo tempo, sutil. É uma questão filosófica mesmo. O doido certo é aquele cara que todo dia ele surta até um pouquinho, ele respira, diferente do outro que acumula, acumula, acumula e, quando surta, ele realmente faz uma grande bobagem.

Dissonância: A abdução no Vale do Capão é um marco narrativo da banda. Poderiam detalhar para os leitores como essa experiência se transformou em missão artística de "levar alegria ao povão"?

Cícero Dias: Certa vez, há um tempo atrás, estávamos nós no Vale do Capão, quando de repente, no momento de

êxtase musical, de alegria, de positividade, surgiu uma luz que vinha do céu. E essa luz que veio do céu nos trouxe a possibilidade de falar o que a gente sentia e queria para o mundo. Então começamos a falar com essa inspiração naquele momento, o que a gente queria fazer, aonde a gente queria chegar. E a gente decidiu, naquele momento ali, claro que um pouco de fantasia aqui na cena desse conto, mas naquele momento a gente decidiu que a gente queria levar alegria, levar nosso propósito, levar quem somos, o que acreditamos para o mundo. Foi aí que surgiu essa ideia no Vale do Capão.

Dissonância: A banda tem circulado por festivais fora da Bahia, como em Minas Gerais e São Paulo. Qual o maior aprendizado de levar o "tempero baiano" do rock para públicos de outras regiões do Brasil?

Lucas Kelsch: Eu acho que mais importante falar de tempero baiano, o tempero, com todo o respeito aos baianos, é o tempero da Professor Doidão, né? Porque todo mundo que escuta a gente, sempre fala da diferença do nosso som. Tem aquela massa que fala, "pô, nunca tinha ouvido nada parecido". Então acho que isso é bacana demais, é importante que a gente continue a nossa trajetória, importante que nosso som continue chegando a todos os estados, a todas as pessoas, porque o nosso objetivo é continuar pela estrada, tocando e esperando a resposta do público, que tá sendo muito bacana e que a gente quer que continue sendo mais.

Dissonância: O que podemos esperar do álbum "Circo Brasil" e como ele pretende quebrar ainda mais os estereótipos do rock and roll tradicional?

Cícero Dias: Em meio a um cenário político, um ano político nesse país, nós decidimos entrar no universo da alegria, do humor, do sarcasmo, da ironia, e trabalhar em cima disso, através desse disco "Circo Brasil", onde a gente vai utilizar a inteligência e a sagacidade do humor para trazer questões relevantes e que nos fazem pensar, além de nos deixar alegres para seguir em frente, pois nós vamos tratar também de saúde mental nesse meio, em meio a isso tudo. Esse disco, além disso tudo, é um disco completamente artístico, conceitual, onde vamos trazer inspirações cênicas de outros artistas que trouxeram também essas inspirações e transformar isso num produto, numa obra de arte, que irá levar muita coisa para sentir por aí.

Dissonância: Isaac, você mencionou que hoje consegue separar o Isaac Fiterman do personagem Professor Doidão. Como é o diálogo entre essas duas entidades e em que momento um cede lugar ao outro?

Isaac Fiterman: Elas conversam o tempo todo. Agora, elas sabem muito

bem o até onde uma vai, até onde a outra exerce a função dela. Essa separação se dá principalmente quando eu subo ao palco. O subir ao palco transforma realmente o Isaac Fitterman no Professor Doidão. Não que eu não tenha um pouco do Professor Doidão todos os dias e não que o Professor Doidão não tenha o Isaac Fitterman todos os dias, mas essa separação mesmo, pontual, se dá no palco. No palco é que realmente o Isaac Fitterman se transforma no Professor Doidão.

Dissonância: A Kombiruta foi o "quinto elemento" da banda por muito tempo. Existe algum plano para um novo veículo psicodélico que leve o palco móvel dos Aloprados para além das fronteiras da Bahia?

Lucas Kelsch: Com certeza existe, até porque é uma ideia nossa do que a gente não chegou a conseguir fazer como queria com a Kombiruta, ainda que a Kombiruta foi um elemento super importante de transporte, mas é uma ideia da gente ter esse veículo que possa também se tornar um palco [Juliana Rosa complementa: – um triângulo nadador, já que era um disco voador. Lucas responde: – É verdade. É, o seria perfeito, né?] Então acho que é um desejo nosso, que a gente consiga ter esse veículo que tem a cara da banda, assim como era com a Kombi, que seja todo estiloso, que leve toda a alegria para o público e que a gente possa também transformar ele num palco e continuar levando nosso som por aí.

Dissonância: Canções como "Morte" abordam a finitude com uma alegria contagiante. Por que vocês acreditam que a nossa cultura ainda tem tanta dificuldade em celebrar a vida através da aceitação da morte?

Juliana Rosa: Pergunta profunda, principalmente nesse momento falando de mim, de Juliana e de Isaac. Tivemos perdas importantes, perdemos nossas mães nos últimos meses. E, ironicamente, essa música tá aqui para nos lembrar de celebrar a finitude, porque aquela máxima, o clichê: "a única certeza que a gente tem é da morte". Então, a cada dia a gente tá morrendo. A gente tá vivendo? Não. A cada dia que passa a gente tá morrendo. Então, saber morrer, eu acho que faz diferença da forma como a gente vive, significando dessa forma, ou buscando o significado da maneira como a gente consegue, a gente, de repente, pode ter a vida que a gente gostaria de ter, ou pelo menos idealizaria.

OUÇA A ENTREVISTA COMPLETA

[Clique Aqui](#)

ENTREVISTA EXCLUSIVA
PROFESSOR DOIDÃO
E OS ALOPRADOS

FILZER E A METARMORFOSE

CONTÍNUA

Por TheLira



Sempre me chama a atenção quando um artista assume suas influências sem deixar que elas escondam sua própria voz. Foi exatamente essa sensação que tive ao ouvir o novo álbum de Filzer. É impossível não perceber o diálogo com Raul Seixas. As referências aparecem nas letras, nas imagens, em "Raulzito", nos discos voadores e naquele espírito inquieto que sempre

fez do rock brasileiro um convite à transformação. Mas, em nenhum momento, isso soa como nostalgia. Pelo contrário: Filzer utiliza esse universo como ponto de partida para construir sua própria identidade.

A faixa de abertura já deixa claro o caminho. É um grito de quem acredita que transformar a própria vida não é privilégio de poucos, mas uma possibilidade ao alcance de qualquer pessoa. Depois disso, o disco segue firme, impulsionado por riffs diretos, pelo rock de três acordes e por uma energia que acelera o coração sem perder espaço para a reflexão.

Ao longo das oito faixas, surgem temas como relações humanas, o medo da morte, o avanço das máquinas, o cotidiano e a estranha mania que temos de planejar o futuro enquanto deixamos o presente escapar. Há momentos em que elementos circenses aparecem naturalmente, enquanto guitarras carregadas de reverberação ampliam uma atmosfera sombria que conversa muito bem com as inquietações das letras.

Também gosto da forma como Filzer preserva seu sotaque e sua maneira de interpretar. Existe coragem em sua voz. É um artista disposto a encarar o existencialismo sem abandonar o humor, a ironia e o prazer de fazer rock. Saí com a impressão de que cada faixa é uma extensão da liberdade criativa que a música permite alcançar. Mais do que um bom disco, encontrei um artista que parece ter encontrado um caminho próprio para continuar expandindo a tradição do rock brasileiro. E confesso: é alguém que eu teria prazer em conhecer, dentro e fora do palco.

CÁRLA

LIVRE PRA AMAR, E PONTO FINAL

Por Natália Benevides

"Livre Pra Amar" é o segundo single de "Silêncio, Afeto, Caminho", o primeiro álbum da Cárla, cantora e compositora de Caetité, na Bahia. Saiu em 20 de março, com produção de Hud Vilaça e coprodução dela mesma. Sou meio chata pra ouvir música, então botei pra tocar sem grande expectativa, mas quando dei por mim já tava ouvindo a quarta música seguida.

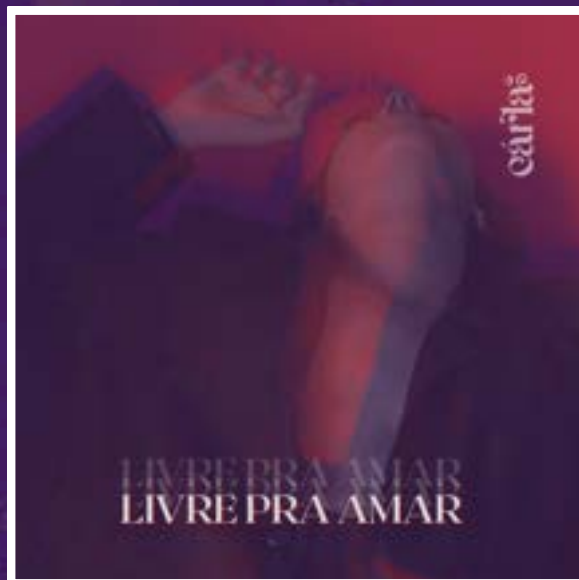
A faixa é calma de propósito. É daquelas que você coloca no fone, encosta na cadeira e o ombro desce sozinho (tipo terapia, só que de graça). O violão conduz, a voz vem tranquila e nada na música tem pressa. Se você teve um dia longo, é quase um convite pra dar aquela respirada tranquila.

A letra fala de aceitação e de viver o amor sem se explicar pra ninguém. Quando a Cárla canta "eu só quero viver o amor com ela, livre pra amar", tá tudo dito, do jeito que a gente às vezes queria ter coragem de dizer. Ela repete "somos livres pra amar" e ponto final.

Uma coisa que eu curti na Cárla (já virei fã): ela vive a cena de verdade. É das artistas mais ativas no independente da região dela, sobe em palco, toca em festival e ainda abre espaço pra outras mulheres na música (o projeto Vozes Solidárias é dela). Dá pra sentir que "Livre Pra Amar" vem de quem faz isso na prática, não é daquelas que só grava, posta e acha que 'está contribuindo com sua parte para no nosso belo quadro social'.

Agora, dica de amiga: depois de "Livre Pra Amar", coloca pra rolar também "Calma", que ela lançou em outubro de 2025. A pegada é mais reflexiva, e as duas em sequência fazem sentido junto. Garanto que, quando a segunda terminar, você vai estar, literalmente, calmo.

Se você tá precisando de dois minutinhos de paz no meio da correria, o play tá aí. Depois me conta se funcionou.



Numa entrevista à rádio Vaca Brava Rock, Alex Dupas disse que o Blues está em todo lugar, está nas pequenas coisas, no bom dia que se dá, nas louças que você não lavou e deixou para o dia seguinte, nas coisas que ficou pensando em dizer e não disse. Blues seria como uma força que caminha lado a lado das nossas intempéries, desafio e alegrias. Em nada discordo.

Alex Dupas é daqueles que enxerga o Blues como resposta, como escape e como meio de vida. Embora ele tenha lançado, até hoje, um único álbum, Assalariado (2013), ele tem mais presença no Blues nacional que muitos artistas que lançam singles mensalmente, muitas vezes sem nenhuma relação com o contexto musical do próprio artista, muitos singles são jogados no mercado apenas para preencher lacunas de algoritmo e buscar engajamento, triste fim da música moderna.

É aí que o Alex se põe acima desse enredo. Se você acompanhar as redes sociais do nosso gaitista, vai encontrar um artista que não dá a mínima para os números de instagram ou spotify, ele apenas faz seu próprio som e é atuante na cena independente paulista. Com uma agenda de shows sempre renovada ele leva sua gaita a ouvidos novos semanalmente e in loco, nada de post e reels fazendo média com a gaita. Ele está nos palcos, fazendo seus solos e cumprindo sua missão de vida: levar o Blues a todos, porque o Blues é de todos.

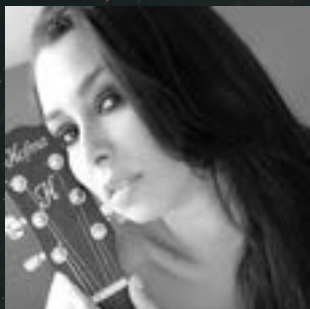
Essa sim é a verdadeira essência de um artista independente. Fico com a impressão de um artista em paz com o tempo. Um único álbum em tantos anos de estrada, e ainda assim uma obra fechada, com começo, meio e destino. Talvez seja essa a lição que o blues carrega: a sorte que nos coube, a gente toca.



ALEX DUPAS

ENCONTRA O BLUES NA LOUÇA, NO
BOM DIA E NO QUE FICOU POR DIZER

Por Tião Folk



Márcia Raquel - Culpa

Sem culpa nenhuma. Márcia Raquel, da estrada no metal sinfônico à carreira solo.

A Márcia Raquel vem de Recife e chega com "Culpa", single lançado em 25 de junho. Antes de seguir sozinha, ela rodou Pernambuco e a Paraíba cantando metal sinfônico em bandas como Empty Book e Obscurity Tears, e chegou a disputar a seletiva regional do Wacken em 2009. Depois veio o Pop Rock, e agora a estrada solo.

Falando dessa faixa especificamente, se tem uma coisa que ela nunca vai sentir com esse trabalho é culpa, porque a música é excelente. A voz passeia ao lado do violão e depois sobe com potência quando os demais instrumentos entram em cena.

A Márcia nos conta que as músicas dela **"geralmente falam de amor ou das questões existenciais e de superação que enfrentamos em nosso cotidiano"**. Culpa mora nesse lugar.

Ela já avisou que vem coisa nova, o single Outra História ainda em 2026. Cola pra ouvir e me conta o que achou.



Marcos Dani - Nagô

De onde a gente veio Marcos Dani canta origem e orgulho em "Nagô".

O Marcos Dani lançou "Nagô" em 27 de março, um single de pouco mais de quatro minutos (tem também a versão instrumental, pra quem quiser). É uma MPB pra você sentar, ouvir e deixar a cabeça trabalhar.

A canção vive de indagações. O Marcos enfileira diversos "quais" e devolve pro ouvinte a questão de como a gente se encaixa (ou não) nessa sociedade. Tem gente que está, mas não é, e o contrário também acontece. No fundo, é uma música sobre origem, sobre ter orgulho de onde a gente veio.

O Marcos nos contou o motivo da música existir e resumiu assim: **"Ela é o meu manifesto sobre a luta dos nossos antepassados, honrando o que e quem nos trouxe até aqui."** Fica difícil não me reconhecer nessa fala.

Essa é daquelas que você tem que dar um play e deixar o repeat acionado. Coloca no fone e presta atenção nos "quais".



BAOBAB - BAOBAB

O álbum de estreia da Banda BAOBAB, lançado em 1º de maio, é um desses me fez voltar pro começo assim que acabou. Escolhi falar dele aqui porque a Dissonância existe pra abraçar isso, música preta autoral feita com o corpo inteiro.

A primeira faixa já é um arrepio por si só, "Alma Preta". Andréa Andrade com um vocal límpido e potente apresenta um soul de protesto, **"se minha pele já não é tão preta, minha alma ainda é. Estou pronta para ser aceita, mas não ser o que você é"**.

Esse álbum poderia muito bem estar naquelas listas de "discos para posteridade", "músicas para se ouvir antes de morrer" ou alguma coisa desse nipe. Outras faixas chamam a atenção, como por exemplo "Sua Guerreira", "Meus Nãos" e "Baobab, a árvore da vida". É um álbum sensacional. Recomendo com veemência todas as faixas.

E tem o palco. A BAOBAB monta um espetáculo de uma hora com sete músicos, e chama junto rappers, DJs e dançarinos de rua da cidade onde toca. É pra cantar, dançar e, no fim, sentar numa roda de conversa. É uma experiência tão visual quanto sonora. Quem vê ao vivo se surpreende.



GhoN Tanatopraxia

Mil pauladas por segundo.

Deathcore se resolve na base do pedal duplo e da guitarra encapetada. É aí que a GhoN entra na história. Banda do Distrito Federal, formada em agosto de 2025 no P Sul, em Ceilândia, que lançou o EP Tanatopraxia em 1 de julho de 2026, sete faixas, uns vinte minutos de porrada seca na titela.

A guitarra soa mais pesada que contrapeso de transatlântico. A bateria bate umas mil pauladas por segundo, fácil. E isso é bacana de ver porque a banda passou por maus bocados na sua formação. Depois uns perrengues o Rafael Kattana e Carlos Chugs deram um reset na parada e começaram tudo de novo. A melhor decisão, porque daí nasceu essa GhoN que a gente ouve agora, músicas refeitas e identidade renovada.

Faixas como "Morte" e "A Hora do Pesadelo" andam entre horror e realidade das ruas, e junta tudo isso com aquela afinação grave que já virou marca da banda.

Vale colar o ouvido no EP e ver até onde vai essa cova, pelo jeito vai até os quintos dos infernos.



PorTião Folk

opinião



Ousel - Meus Planos

"Meus Planos", da Ousel, saiu em 21 de novembro de 2025 e tem quase cinco minutos. A faixa parte de um clima mais sombrio e desemboca num refrão aberto, cheio de ar. O single nasceu coragem de se despedir, da sensação de encarar o incerto sem medo, de aceitar que recomeçar faz parte da jornada e que o movimento da vida exige desapego e confiança.

Ouvindo, o que fica pra mim é calma. O vocal da Thaís Michelone tem uma coisa que relaxa. E a letra segue na mesma direção, motivacional sem pesar a mão: "**De peito aberto / Carrego mais**", e depois aquele "tudo vai ficar bem" que a gente repete junto quase sem perceber.

A composição é toda do Renato Fernandes, baixista da banda, e casa bem com a música, tem ali a coragem tranquila de quem decide partir e "seguir os meus planos, feitos durante anos".

Gostei. Banda boa, com identidade própria, e um single que fica na cabeça. Vamos ficar de olho na Ousel.



Udee OG - Vermelho Céu Azul

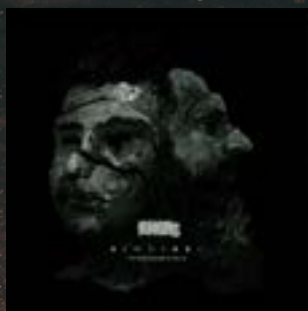
Duas vozes, um só protesto.

Udee OG e Bianca Miguel se encontram em "Vermelho Céu Azul".

O feat do Udee OG com a Bianca Miguel trouxe um casamento de vozes perfeito. Ela suave e constante, ele forte e contrapondo a suavidade dela. A pesar de o tema da música ser uma algo pesado, abordando a violência doméstica e feminicídio, o resultado melódico flui durante a música e se mescla no refrão.

A letra é atual e não deixa de ser um protesto necessário. E protesto é uma constante na obra de Udee OG, recomendo você dar um play nas outras faixas, vai se surpreender com a clareza da mensagem do rapper.

Já ouvi o Udee tratar de assunto sério sem soltar a mão da música antes, e aqui não é diferente. É bom saber que o rap está em boas mãos. A nova geração de artistas, tem sido afiada em expor sua visão de mundo e mostrar um caminho diferente para a sociedade. E pra isso podemos contar com a mensagem de Udee OG.



Hungrs - Simbiose

Dois músicos, épocas diferentes.

O que une gerações no álbum de pai e filho.

Simbiose é o que se pode chamar de verdadeiro nu metal, a gente consegue entender plenamente quando a guitarra precisa falar mais alto e quando o vocal precisa transmitir emoções, sejam elas quais forem.

A parte que nos salta aos olhos é a história. É um álbum de pai e filho, e o Marcos não esconde o peso disso quando diz que "**é a junção de inspirações de dois músicos de épocas diferentes**". Ele com 44 anos, o Lucca com 16 fazendo as primeiras composições da vida e assinando quase todos os instrumentos. O nome Simbiose tá autoexplicado.

É uma banda (ou duo) muito bem estruturado e esse álbum demonstra bem isso. É um Álbum com "A" maiúsculo, porque tem 24 faixas, embora nem todas sejam inéditas, o disco tem 12 novas, algumas releituras instrumentais e faixa bônus "Negative Abyss". É um feito pouco comum para os dias de hoje, inundado em singles de 2 minutos. A dupla tem carregado o peso do metal no braço, e isso é um fato a ser relatado e comemorado. Que venham os próximos.



Superself - O Céu Ao Seu Lado

A banda Superself resgata um pouco daquela época do rock leve, com guitarras bem definidas, não tem fritação de guitarra nem palhetada exacerbada, mas tem solos e arranjos muito bem construídos. São 12 faixas que dá pra se ouvir numa tacada, só sem cansar.

O Rael me contou que o título veio de uma história do tio Gigi, que gravava fitas K7 de presente enquanto olhava as estrelas num interior onde o céu ainda aparece. Virou o primeiro verso da faixa-título: "Conversando com as estrelas / Ouvindo o som do sol". O tio chegou a ouvir o álbum antes de partir.

Sobre o clima do trabalho, o próprio Rael resume: "É um álbum muito apaixonado e cheio de texturas de amor, sem temer ser brega."

Difícil escolher uma faixa que seja a melhor, todas são excelentes, mas posso revelar a que mais me chamou a atenção: "Questão de Tempo". Começando com o verso "nunca antecipe um problema, não. Nem adie uma felicidade". Gosto de letras e posso afirmar que a Superself trabalha muito bem com as palavras.



Por Tião Folk

opinião

Quem Somos?

O que nos faz sermos diferentes?
É o modo de pensar? E o modo de agir?
Por que, para nós, é mais fácil enxergar o lado bom?
E por que, para outros, é mais fácil enxergar o lado ruim?

Temos dentro de nós duas máscaras.
Uma da beleza, das coisas certas e perfeitas.
A outra da sujeira, da maldade e do rancor.

Atrevo-me a escrever que somos iguais.
O que nos diferencia uns dos outros é a máscara que colocamos em nós.
Uma máscara que esconde o belo e o maldito.

Mas, mesmo com a máscara, um dia vem à tona o que realmente somos.
Um dia, o belo se mostra que não é tão belo assim.
E um dia, o maldito mostra o que de pior tem dentro de si.

As máscaras são os tapumes da vida.
Não existe vida perfeita nem vida imperfeita.
O que existe são momentos, bons e ruins.

E assim vamos vivendo o dia a dia,
cada um do seu jeito e maneira.
Uns se escondendo, e outros se mostrando.

Enquanto houver máscaras, todos serão iguais.
Ao pensar, ao falar e ao agir.

Utopia seria se todos vivessem sem máscaras.
Mas isso é impossível.

Só saberemos realmente quem somos
quando deixarmos as máscaras caírem.
Acho difícil isso acontecer.
Porque, no final, cada um de nós é os dois:
o belo e o maldito!!!

Por Anderson Schiavi

Sou um sujeito que prefere as músicas mais paradas, aquele tom "down" que a gente cultiva no indie brasileiro, igual eu cultivo minhas samambaias: com carinho e pouca luz. Já aviso antes de qualquer coisa, tenho total interesse em "PARA DE ME LIGAR !!!", single que Natália Carreira lançou em 21 de novembro de 2025 pelo Último Selo, com participação da portuguesa Dakoi.

A brasiliense de 29 anos, que começou em 2017 com "Geminiana" e batizou o próprio som de MTB (Música Triste Brasileira), volta aqui às referências emo e punk dos anos 2000 que a formaram. E volta bem. A faixa mantém aquele registro cabisbaixo que tanto me agrada, só que desta vez escoltado por guitarras bem encorpadas, preenchendo o cômodo inteiro. Fiquei feliz. (Se em algum momento ela sentir que falta ainda mais peso, há um saxofonista aqui de plantão, currículo anexo, cachê negociável.)

O refrão é padrão, tudo no lugar, nada que faça o ouvinte tropeçar. A melhor cena vem com a segunda voz da Dakoi chegando justamente ali no refrão. Aquilo dá uma sensação tridimensional à música, coloca profundidade melodiosa, e os gritos vêm afinadíssimos. Vale lembrar que, tempos atrás, montar esse tipo de camada dava muito trabalho para se fazer, já vi engenheiro ficar careca com essa coisa. Hoje é o contrário: quando a produção não capricha nesse detalhe, a gente sente falta na hora.

O contexto explica o resultado. A canção fala da raiva, da confusão e da vulnerabilidade de um pós-término, e Natália levou esse espírito para dentro do método. Gravou na lógica do "faça você mesma", testou a própria voz em lugares mais ásperos, aceitou desafinar e repetir. O clipe seguiu a mesma cartilha, filmado em celular num lugar abandonado, orçamento igual a zero, edição feita pela própria artista na cama.

A Dakoi, que Natália conheceu numa conferência de música em São Paulo, quando a portuguesa tocava com a antiga banda Agressiva Girls, tem função clara na faixa. Some-se a isso a estreia de Natália como primeira artista oficial do Último Selo, o selo independente que nasceu da parceria entre saudade e dramon.

Esse ano Natália vai fazer a sua primeira eurotour, que tem o primeiro show dia 28/08. Acompanhe as redes sociais da cantora para ficar sabendo em primeira mão sobre essa turnê. É muito bom ver um brazuca ganhando o mundo e a Natália vai fazer bonito.

Eu ouvi, gostei, e ouvi de novo. Para de me ligar? Combinado. Mas o play eu vou continuar apertando.

NATÁLIA CARREIRA

PARA DE ME LIGAR: O NOVO
SINGLE DE NATÁLIA CARREIRA
ATENDE NA PRIMEIRA

Por Valter Dias



Ouvir música é fácil, falar de música é fácil, criticar música é fácil, mas fazer música (e de qualidade) aí são outros quinhentos, por isso que nem todo mundo é musicista. Aí chega até meus ouvidos um Músico com "M" maiúsculo, Ghadyego Carraro, um contrabaixista, de Passo Fundo (RS), que fica ali no limite do jazz e do clássico. No site oficial do homem tema até as partituras das canções, e feitas por ele mesmo.

O Musicista lançou o disco "Anhum" em 22 de novembro de 2024. São sete faixas em que o contrabaixo (acústico e elétrico) puxa a narrativa. O disco homenageia os povos originários, e isso já aparece nos títulos, "Chacarera Ameríndia", "Estrada de Tropa", "Brasileira". Carraro chama parceiros de peso pro diálogo, entre eles o acordeonista português João Barradas e o baixista Arismar do Espírito Santo.

Faço questão de registrar minha impressão pessoal. Anda cheio de gente encantada com instrumental fabricado por inteligência artificial, e anda cheio de gente que torce o nariz pra isso porque sabe fazer, e faz melhor. Carraro está no segundo grupo. É contrabaixista com doutorado em História, pesquisa as raízes ameríndias e africanas da sonoridade do Sul, e ainda escreve as próprias partituras. Dá pra ouvir esse acúmulo no jeito como ele conduz as harmonias, sem pressa e sem excesso.

Me agrada especialmente o tamanho da ambição. Carraro põe o contrabaixo no centro do palco e sustenta essa escolha por quase 48 minutos sem cansar. É o tipo de disco que chama atenção.

Minha recomendação é simples. Dá um pause nessa sua playlist montada pelo algoritmo, cheia de música que você nem escolheu direito, e escuta "Anhum" do começo ao fim. Depois me conta se não saiu de lá se sentindo um pouco mais perto do jazz, quase por osmose. Como diz o ditado, me diga o que você escuta e eu te digo quem você é.

GHADYEGO CARRARO

MÚSICA DE QUEM SABE FAZER -
CARRARO APRESENTA "ANHUM"

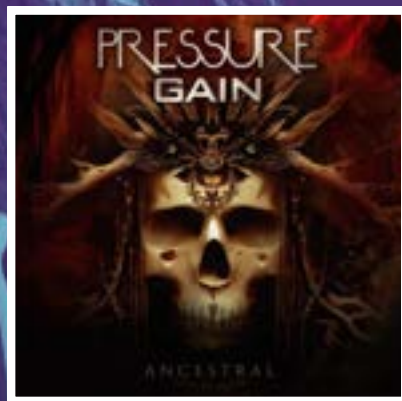
Por Max Clark



PRESSURE GAIN

ANCESTRAL DO COMEÇO AO FIM

Por Tião Folk



Banda excelente, Completona em todos os aspectos: voz, instrumental, arranjos e postura. O álbum tem 11 faixas e nenhuma fora do lugar. Faz tempo não toco guitarra, mas depois de ouvir a banda deu até vontade de ligar a "Escalibur" de novo e tirar um sonzinho (não vai me dizer que a tua guitarra não tem nome de espada! Que pena pra ela).

O disco saiu em 14 de agosto de 2024, primeiro álbum da banda catarinense. São dez faixas em inglês mais uma bônus, "Woman (Japanese)", com Michal, vocalista do Ancient Myth. Produção de Tiago Della Vega, no Shokran Studios.

Onze faixas sob medida. As irmãs Gi Assmann e Moni Assmann dividem os vocais, e a coisa toda flui de um jeito muito agradável. "The Life After Tomorrow" carrega a batida do coração da Clara, filha da Moni, gravada ainda na gestação. Provavelmente a Clarinha deve estar curtindo essa sonzera nesse exato momento.

A Gi resume bem o motivo de tudo isso existir. "Eu acredito que a música existe para nos lembrar de quem realmente somos", ela diz. E completa: "Não escrevo apenas para entreter, escrevo porque acredito que a arte pode despertar, fortalecer e curar". É a espinha do que a banda chama de Haux Metal, som pesado com uma mensagem de consciência e coragem por baixo.

Acho que eles estão no caminho mais que certo, o caminho natural de uma banda que encara a vida de artista independente de forma profissional. Terminei o álbum e lembrei que sou guitarrista, que faz tempo demais que não tiro um som decente. A Gi disse que, se alguém sai da música com mais esperança, mais coragem ou mais conexão consigo mesmo, o propósito foi cumprido. E comigo foi.

Então fica o aviso: você vai ouvir Ancestral e vai lembrar de alguma coisa que anda deixando de fazer. Sugiro que faça já.

As redes sociais não democratizaram o meio artístico. Essa é uma ilusão criada pelos detentores da tecnologia, com a qual artistas e, às vezes, até mesmo produtores querem sonhar. "O teu amor é uma mentira que a minha vaidade quer", diz o artista à plataforma ou ao streaming. Nas décadas de 80 e 90, as grandes gravadoras apostavam suas fichas na palavra "jabá", que tinha vários significados e margens de erro baixíssimas. Hoje, os streamings concentram o poder de decisão sobre quem vai tocar nas suas playlists, e a quantidade de músicas compostas (ou geradas) por minuto é estonteante.

Some-se isso à falta de discernimento de um público consumidor ignorante, que não lê um parágrafo até o fim e não tem paciência para escutar uma introdução de 10 segundos... e você tem um oceano de anônimos on-line pagando anúncios e sonhando em tocar numa rádio, ou numa casa de shows, ou em fazer um programa ao vivo em uma emissora-âncora qualquer. Os pouquíssimos selecionados terão que desembolsar muita coisa para isso... E assim, a banca nunca quebra. Aliás, nunca quebrou. Ora, o que paga um investimento como esse? Royalties de streamings? É pouco, pouquíssimo... A receita que verdadeiramente compensa o desembolso é o velho cachê das gigs. Às vezes, ele não vem da bilheteria, mas do patrocínio de quem viabiliza o show, seja pela via particular, seja pela via pública das leis de "incentivo" à cultura.



A Fábrica dos Eleitos

Por Rogério Espósito

Nada de novo no front... Alguns novos players, só isso. Alguém sempre vai decidir que outro alguém vai fazer sucesso, e o primeiro alguém não é o público instruído, muito menos a massa ignara.

Essa última contribui com audiência, execuções e, principalmente, novos candidatos ao sucesso, perene ou temporário.

É muito interessante o efeito que o "sucesso" de "novos famosos" tem nos anônimos que o consomem: a esperança das multidões de excluídos, meros espectadores, se renova a cada dia com o sonho do protagonismo.

Afinal, o que os "eleitos" fazem, a grande maioria também consegue fazer! Como no futebol: com esse plantel de "profissionais" que atua e enriquece hoje nos clubes, os "peladeiros" mantêm a esperança de um dia serem contemplados na peneira também! Qual é a diferença técnica entre os dois? Mínima...

Eu não chamaria essa estrutura milionária do esporte, nem essa revolução tecnológica nas artes, necessariamente de "oportunidade"...

Acho que, por exemplo, festivais e outras competições periódicas feitas com seriedade, aliadas a canais independentes sérios e âncoras já famosas de comunicação e divulgação, fariam este papel.

"Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome", mas, para isso, essa "gente" tem que ser descoberta. E depois, divulgada para o público correto.

Manter-se estudando, evoluindo e, principalmente, fazendo com que o público também tenha que estudar e evoluir para acompanhar.

Ih... agora ficou mais difícil...

Quem topa o desafio de formar pessoas que formem a cultura, artista e público, para depois formar a "alta cultura", a elite verdadeiramente pensante, com valores, para aí, sim, sonharmos em ter um país?

A LONGA CAMINHADA DE **HELDER** **VINHOLA**

Por Tião Folk

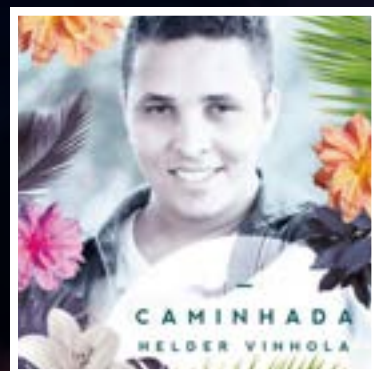
O primeiro álbum de Helder Vinhola, "Caminhada", chegou às plataformas em 15 de abril de 2020: onze faixas, pouco mais de quarenta minutos. O disco leva o nome da faixa-título, e o próprio Helder nos contou como ela nasceu. Depois de um sábado de horas extras numa multinacional, ele se sentou numa barbearia para cortar o cabelo e, enquanto esperava, começou a escrever a letra. Foi ali que virou a chave: "percebi que precisava seguir meus instintos e ouvir o que meu coração sempre dizia", diz ele.

Para Helder, a faixa é "a trajetória de quem teve coragem de seguir o próprio sonho e fazer da paixão o seu caminho". Ele conta que passou a viver do que já fazia desde criança, tocar, cantar e levar emoção às pessoas. Dá para ouvir essa decisão no disco, ele sabe exatamente por que está ali.

E o instrumental é excelente. Baixo groovado, bateria segurando um swing muito gostoso de acompanhar, e uma masterização impecável.

É um disco raiz no sentido literal: gravado em 2020, antes da leva de plugins que hoje se controlam quase sozinhos por inteligência artificial (falo por experiência própria, gravo em home studio e uso alguns desses atalhos, que facilitam bastante a vida). Aqui a competência aparece no resultado técnico, na mão do músico, e isso se escuta em todas as faixas, curti todas.

"Caminhada" é daqueles discos para ouvir e reouvir. Prestem atenção na cozinha, porque baixo e bateria conversam o tempo todo (*espero que vocês reparem no mesmo que eu reparei*). Tomara que o Helder não demore muito pra lançar coisa, é claro que estou curioso para ver a qualidade das músicas de 2026, a julgar pela competência do cantor, certeza que vai vir sonzera pra gente sentar, curtir e admirar. Valeu a caminhada.



CIDADÃO JOSÉ

ACERTA O SEGUNDO TEMPO

Por TheLira

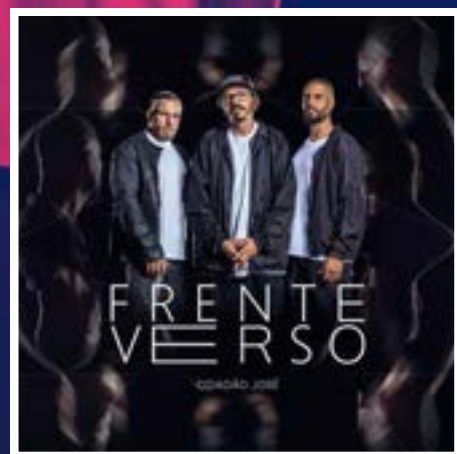


Um álbum montado ao longo de três anos, entre março de 2023 e 2026, correria o risco de soar como colcha de retalhos. A banda Cidadão José escapou dessa armadilha. O segundo disco da banda de Campinas, que saiu no dia 20 de agosto, apresenta uma unidade nascida do conceito que batiza o trabalho: as duas faces da mesma vida, o lado de fora e o lado de dentro.

As nove faixas conseguem circular bem entre rock e rap, mas é interessante que a mistura não vira exibição de habilidade. Sergio Nunes divide guitarra e voz, Renato Gomes segura o contrabaixo, Vitor Oliveira comanda a bateria, e o conjunto traz peso na medida certa. "Química", que a banda já havia soltado como single, segue como o ponto mais alto do álbum, não à toa que em julho lançaram o clipe dela. A música faz aquela leitura afiada dos conflitos do dia a dia.

"Conheça Seus Limites" abre bem o disco com uma série de recomendações que seus pais provavelmente já devem ter dado a você, a diferença é que o peso da guitarra vai te fazer prestar atenção no recado. O álbum como um todo carrega diversos trechos as letras que tocam no tema do autoconhecimento, a banda correu o risco de trazer imagens que poderiam começar a se repetir, mas ao que parece foi um risco controlado, de fato. A faixa "Seguindo em Frente" fecha o ciclo de forma coerente com a proposta.

A identidade visual, inspirada na série Dark, conversa bem com esse jogo de espelhos e ciclos, e vale reparar no capricho da produção feita na Casa 39, com mixagem e masterização de Rodrigo Couto. É um trabalho independente feito na manha, com bastante cuidado.



No fim, FRENTE|VERSO nos deixa a impressão de uma banda que amadureceu ouvindo a si mesma. Tem lá suas imperfeições, mas a sinceridade delas nos conquista mais do que qualquer polimento faria. A Cidadão José entrega um segundo álbum que dá vontade de acompanhar o terceiro. Uma curiosidade sobre esse álbum é que ele foi lançado primeiro na plataforma Bandcamp, no dia 20/08. O "lançamento" no Spotify e nas outras plataformas será no dia 30/08. Mas você vai querer esperar até lá?

O que me chama a atenção em "Amarras" é a voz da Mavig. E que voz! Tem um timbre peculiar, aveludado e potente ao mesmo tempo. Comecei por "Amarras" e, quando vi, já estava amarrado curtindo o outro single, "Bem na minha frente".

A cantora tem dois lançamentos nas plataformas, mas não se engane, com essa voz, com esse timbre, ainda vai vir muita coisa boa por aí.

A letra fala em tirar as amarras e dançar sozinha no meio da sala, descobrir qual caminho seguir. Fico repetindo aqui o verso "não te culpo por não me entender, pode até não parecer, mas é uma dor bonita" (adorei esse verso).

Gosto dessa mistura de pop com uma música caipira de luxo, cheia de texturas que lembram a viola e escondem um tipo de baião na harmonia. As cordas ampliam essa sensação e acompanham a mensagem de quem deseja se livrar das amarras da própria trajetória.

Mavig entrega seu recado com clareza. Existe uma postura séria diante da música e uma artista disposta a afirmar sua identidade através dela. "Amarras" carrega esse valor.

MAVIG

SOLTA AS AMARRAS E ENTREGA UMA DOR BONITA

Por TheLira



BÁRBARA OLIVIA

MÚSICA PARA INDIVÍDUOS QUEBRADOS

Por Luanda Barreto

Lançar uma música é um ato de coragem, lançar um EP é assinatura de resistência contra um sistema que promove a música rápida, moldada segundo um padrão pré-concebido para ser descartável. Por isso que a Dissonância dá voz a artistas independentes que ousam pensar fora da caixinha. Estamos falando da Barbara Olivia.

A cantora paulistana lançou em 31 de julho "Você Só Tem o Seu Caminho", seu primeiro EP, três faixas em pouco menos de doze minutos, produzido e distribuído pela Yellowtone. A cantora já soltava singles desde 2025, e aqui ela junta as pontas: blues, neo-soul e MPB, tudo envernizado com um toque de hip hop.

Não preciso me ater aqui aos aspectos técnicos, porque a Barbara se garante nesse sentido, e o EP é impecável. Mas as letras, isso sim é um caso a parte. Começando com "Trabalhe", a mais explicitamente social e política das quatro. A letra constrói uma caricatura cruel da lógica contemporânea da produtividade, do "fique milionário, sua empresa é você" às apostas vendidas como saída, é uma faixa que ri de coisas que não têm a menor graça na vida real.



Em seguida temos "O Melhor ainda virá" que traz um conflito íntimo e emocional. A personagem começa presa a uma noite metafórica, carregando anos de frustração. Mas, em vez de procurar uma nova anestesia, ela decide permanecer acordada e enfrentar as próprias mágoas: "Eu sobrevivi, mas agora eu vou viver".

Depois temos "Você só tem o seu caminho", cuja letra fala sobre reconstrução pessoal depois de uma ruptura interna. O eu lírico parte de um estado de crise, confusão e afastamento de si mesmo para chegar à compreensão de que não existe outro caminho possível além daquele que precisa construir. E, por fim, "Deixe", uma canção sobre desapego e encerramento afetivo.

As quatro canções se unem numa espécie de trajetória e cria um repertório bastante coerente. Para um primeiro EP (corajosa), ela entregou uma obra concisa e muito completa: resistiu, enfrentou e venceu. Aproveita acesse o Portal Dissonância e curte o som da Bárbara do início ao fim, tenho certeza de que sua visão de mundo vai sair um pouquinho diferente, pra dizer o mínimo.

DÉA CAVALCANTI

A BARRA DO DIA E O OFÍCIO DO XOTE

Por Fábio Drummond

Um EP dura o quanto dura: quatro faixas, catorze minutos e vinte e sete segundos. "Na Barra da Saia, a Barra do Dia", que Déa Cavalcanti lançou em 28 de junho de 2024, acomoda nesse espaço curto três xotes ("Tua Morada", "Beijo E...", "Flor de Algodão") e um baião ("Alumia"). O título já traz uma imagem dupla, a barra da saia que roda e a barra do dia que rompe, e é por essa fresta que prefiro entrar.

Gosto de pensar que cada ritmo brasileiro guarda, no seu núcleo, um jeito de estar no mundo. O xote condensa alguns deles de uma forma interessantemente econômica: a memória de quem veio antes, a saudade que não paralisa, o corpo que responde à música antes da cabeça e a espera de que o dia, enfim, rompa.

São coisas antigas, dessas que a filosofia chama de perenes, e Déa as costura ao longo das suas canções. Na discografia dela, o xote e o forró se tocam sem que ela se preocupe com a fronteira, e nós, meros ouvintes contemplativos de obras perenes, saímos da audição com o peito em paz e os pés já inquietos.

O trabalho de Daniel Alves na produção mantém os arranjos limpos, deixando o acordeon e o vocal ocuparem o centro do grande palco. A voz de Déa é doce e tem potência, dois atributos que costumam se excluir e que aqui convivem harmoniosamente.

Ela canta tão firme quanto o chão onde nasceu, o Agreste de Surubim, os ciclos do Carnaval e

do São João, o frevo e o forró que ela mantém acesos como uma fogueira exuberante.

Há uma frase dela que gostaria de destacar: "meu servir ao mundo é artístico". É uma definição quase estoica, a de uma pessoa que entende a arte como ofício e o ofício como dever para com os outros. Esse EP soa exatamente assim, feito na manha de um Xote, na medida de um Forró, e na extensão de um Baião.

Fecho a audição com a sensação de um trabalho bem-acabado, que faz o que o xote sempre fez: guarda o que passou e aponta o que vem, na barra da saia e na barra do dia.





MONROE

APOSTA NA UNIÃO PARA ENCARAR O MUNDO CÃO

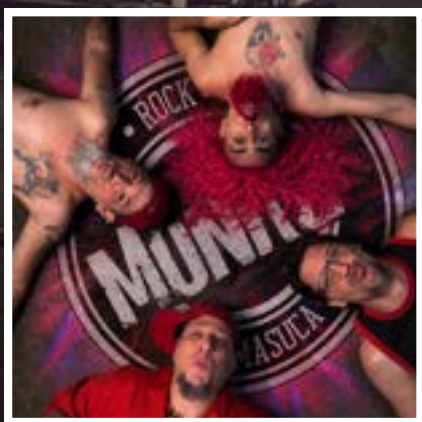
Por Luanda Barreto

depois mostrar o caminho. Ouvindo a discografia da Monroe, percebi que eles costumam mostrar caminhos, se você parar para ouvir a a faixa "Eleve" vai notar isso claramente. E isso se refletiu também no single "Amores Psicodélicos".

Ouçõ nisso o método da banda. Voltei à discografia deles e reparei que a Monroe gosta de apontar saídas. "Eleve", de 2024, faz isso de forma quase didática, um chamado ao amor e à paz sobre uma batida de funk rock. "Amor Psicodélico" segue a mesma linha, com menos slogan e mais desassossego. A letra de Thiago Neves encara a degradação de frente antes de oferecer qualquer alento, e eu prefiro assim (esperança que ignora o buraco não me convence, a da Monroe olha o buraco primeiro).

Na guitarra de Ronaldo Monroe puxa o corpo da faixa, o baixo de Tawã Guadalupe e a bateria de Ricardo Poch se organizam num balanço fankeado, e o vocal de Thiago Neves fica no meio disso tudo conduzindo o enredo. A produção de Rômulo Felício mantém tudo no seu devido lugar, sem encher a faixa de camadas que não precisariam estar ali. É funk rock brasuca fazendo o que sabe.

A ideia de que cabe ao artista escancarar a realidade e depois apontar o caminho não é exatamente novidade, já circula por aí, mas poucos mantêm esse equilíbrio entre pancada e afeto. O single é curto, aliás, tem o tempo que precisava ter para passar a mensagem, e isso nos deixa com a curiosidade de ouvir essa pegada num trabalho mais longo, porque quando a banda é boa, sempre deixa um gostinho de quero mais, e desconfio que eles ainda têm muito a dizer.



"Nesse mundo voraz, nesse mundo cão, vivemos tempo de degradação e se apegar à esperança motiva a união". Em poucos versos a Monroe questiona alguns porquês da sociedade moderna. Ativos desde os anos 1990 e enraizado na região de Ribeirão Preto, o grupo fala, e não é a primeira vez, de apego à esperança.

Os tempos não são os mais fáceis de se viver, é claro, (e quando foram?). Acredito que esse seja o papel do artista e da música: primeiro escancarar a realidade que nos cerca e



RIÁH

SABE ONDE PISA: ANCESTRALIDADE INDÍGENA E LINGUAGEM URBANA NO MESMO PASSO

Por Luanda Barreto

"Ser Tão Agreste" chegou em dezembro de 2025, cinco faixas em pouco menos de dezoito minutos, com distribuição da Tratore. O nome do EP guarda o sertão dentro dele, e é desse chão que Riáh, cantora indígena do povo Xukuru do Ororubá, tira o que canta.

Escuto uma artista que sabe onde pisa. Afinal são quase três décadas de palco somados a uma formação em Canto Popular pelo IFPE; isso explica o controle da voz: doce num verso e firme no outro. Em "Aboio Avoado", existe uma espécie de canto de vaqueiro que se mistura com a levada eletrônica, e nesse encontro o EP se diferencia de disco regionalizado, porque ele conversa com modernidade e raízes numa mesma toada. "Nascimento de Matuto", com participação de Marco Suzano, a viola inicia os trabalhos trazendo a marca característica do instrumento aplicado à música brasileira de raiz, após isso a percussão entra e falar por si, para mim, musicalmente falando, é o momento mais bem acabado do conjunto.

A mistura de pop com ritmos regionais funciona quando a viola e a batida dividem o mesmo espaço sem uma abafar a outra. Em "Lábia", por exemplo, na qual o xote é mais evidente, é possível ver o instrumental de mãos dadas com a voz, formando um conjunto agradável de se ouvir, da mesma forma "Sem Fronteiras" que também caminha bem nesse sentido. Em "Tábua de Sustentação", o dedilhado é quase um canto encantado, nessa música o vocal se mistura ao som numa tonalidade que lembra divas da música brasileira como Gal Costa e Vanessa da Mata, tudo isso com um toque exclusivo que só o Nordeste brasileiro é capaz de imprimir numa canção.

Pode até ser muito difícil ouvir esse EP e não se derramar em elogios ao trabalho da cantora, porque é isso que a obra merece, sem modéstias. Um disco bem feito, bem produzido, no qual Riáh costura ancestralidade indígena, agreste e linguagem urbana num mesmo tecido, e faz isso com firmeza, já sabendo quem é. Cinco faixas são pouco para um universo tão cheio, e talvez seja essa a minha única reclamação que podemos deixar à Riáh, queremos mais.

Se você ainda não conhece o trabalho dela, comece por aqui e depois volte ao "Retinta". Vale o caminho.



Grinding Reaction - Falemos o que não quer ser ouvido

Peso que não envelhece. O single de 2022 soa como recado direto para 2026.

Grinding Reaction vem de Diadema, no ABC Paulista, e toca hardcore com peso de metal há 26 anos. O single mais recente da banda, "Falemos o que não quer ser ouvido", saiu em 21 de agosto de 2022, tem 3 minutos e 35 segundos e chegou pela Roadie Metal & Music.

É hardcore bem estruturado, com bandeira clara e um instrumental do jeito que um hardcore tem que ser. Ninguém liga o play num som desses esperando guitarra leve, e a banda entrega o que promete: peso, velocidade e paulada no ouvido. A faixa é de 2022, mas a mensagem parece dialogar direto com 2026. Fico na dúvida se compuseram pensando em agora ou se a história anda em círculos (as duas hipóteses me incomodam do mesmo jeito).

As letras questionam as incoerências da sociedade, e a Grinding Reaction falando diretamente com o ouvinte. Se você curte o gênero, é sentar o dedo no play, ouvir e bater cabeça.



Harvey - Ecos do Silêncio

Harvey e o eco dos anos 2000.

A banda de Botucatu revisita uma levada que marcou uma geração.

Coloquei "Ecos do Silêncio" pra tocar sem grandes expectativas e fui ficando. A Harvey, de Botucatu, lançou em 23 de janeiro seu primeiro álbum de estúdio, dez faixas pela Yellowtone, gravadas na Midas Music. O que ouço aqui é uma banda com pegada jovem, que me leva de volta ao rock que fez barulho no começo dos anos 2000. As guitarras vão e voltam intercaladas, a bateria não para, os pratos preenchem os vãos de silêncio, e ainda assim o vocal de Renan Piovan segura o primeiro plano. Fica um som cheio, sem soar embotado.

Gosto de pensar que a banda pegou uma fórmula nascida naquela época, que foi perdendo espaço para as modas brasileiras seguintes, e resolveu lapidá-la à sua maneira. Faixas como "Da Janela do Quarto" e "Outro Caminho" seguem essa linha. Reencontrar essa levada me fez bem, e acho que é aí que mora o valor do disco. Vale o play.



John Mueller - É Foda

John Mueller lançou "É Foda!" em 26 de novembro de 2025, gravado no The Magic Place, em Florianópolis, com produção de Raul Misturada. Escutei e tive a impressão de que era uma música feita pra mim (pra gente, na verdade).

É foda quando você encontra um artista que parece cantar exatamente o que você anda pensando. Quando o John solta "é uma guerra de gigabyte o que há, tecnologia que nos deixam pirados e sem ar", eu me reconheço sem ar diante da tecnologia que toma conta do meu dia a dia. A canção fala do sufoco da vida online, da comparação constante, da existência picada em números e métricas. É um retrato da nossa modernidade, dessa sociedade que a gente vive hoje.

Para que a música não virasse uma palestra, John trouxe um violão barítono e sopros jazzísticos que seguram o peso da mensagem. Aquele trompete traz um pouco da angústia e, junto com ela, a vontade de repetir.

John Mueller acertou em cheio. Esse single fica no repeat aqui, e eu recomendo que você dê a mesma chance a ele.



Patrícia Shaki - Qual é o Problema?

O EP Breu é de 2022, e o cantor lançou alguns singles após esse. Mas optei por falar desse disco porque me deparei com uma obra de MPB de altíssima qualidade. O Gugu de Souza, cujo nome é Alexandre Silva de Souza, é um sambista inveterado e isso fica evidente em outros discos lançados, mas no Breu ele se desafiou a enfrentar a MPB de frente e quem saiu ganhando foi o ouvinte.

Na faixa-título ele canta "isso aqui nunca foi um conto de fadas" e emenda "500 anos de prisão, eu preciso respirar". É uma letra que fala de cor, de classe, de gente que some na madrugada. Pesada, direta. Já em "Mar de Tristeza" o clima muda, ele abre com "sou peixe fora d'água sem você" e vai por um caminho mais confortável pra quem compõe samba a vida toda. A música é um reflexo de um compositor trilhando um caminho confortável para si.

Não sei não, hein. Fico com a impressão de que o samba tá perdendo um talento e a MPB tá ganhando um nome de peso. A gente fica de olho no que vem depois.



Por Valter Dias

ensaio



Jô Carvalho - Meu Xodó

"Meu Xodó" é o single que Jô Carvalho lançou em novembro de 2024, e eu cheguei nele depois de ler a história dela, então não consigo separar uma coisa da outra.

Jô nasceu no ritmo das cirandas e maracatus do Pátio de Santa Cruz, no Recife. Quando criança, na varanda do sobrado, ela usava a música pra abafar as intempéries pelas quais uma criança nunca deveria passar. O pai apostou nela e disse "Você vai ser cantora" e é claro que a vida cobraria seu preço, os pais se separaram, o dinheiro faltou e ela foi trabalhar cedo. Mesmo assim seguiu o caminho da música, de palco em palco, de bar em bar, sempre pronta para dar uma canja.

Em 2014 se deparou com um silêncio forçado pela luta contra um câncer. Mesmo assim ela continuou compondo, e nasceu cantando "Disparada" no Coral Cênico Imperator. E eis que em 2024, Jô lança o single "Meu Xodó", composição autoral cheia de ritmo e sotaque nordestino por inteiro, sem pressa.

Pra quem quase perdeu a voz, cantar assim é um ato de resistência e cuja vitória merece ser contada nessa edição especial. Sigo torcendo.



Por Valter Dias



Ravih - Próprio

Ravih, músico, comunicador e realizador audiovisual de São Paulo/SP, lançou em outubro de 2024 o álbum "Próprio". O disco, que mistura vários estilos como funk, hip hop, reggae e pop, foi acompanhado de um curta-metragem e de um documentário sobre autoamor entre as juventudes periféricas. Além de uma pluralidade de estilos, que em sua maioria são dançantes, "Próprio" equilibra reflexões que vão desde temas marcantes da sociedade atual às angústias do indivíduo. Os destaques ficam com "Medo", "Lar", "Além do Seu Portão" e "Âncora". Antes de "Próprio", Ravih já havia lançado o EP visual "Distância" (2020), com apresentações em festivais como Ubuntu, SIM São Paulo e Expo Favela, além de uma turnê de verão pela Europa em 2023. O artista é vencedor do Prêmio Potências Pretas 2023 e já teve trabalhos veiculados por Globoplay, Multishow, Terra, Canal Futura e Indie Criollo (Equador). Seus trabalhos mais recentes são os Singles: "A verdade" (2026) e "Jamais Desistir" (2026).



Agony - Hell - Ambiente Soturno

Que paulada na moleira. Um EP de cinco faixas agonizantes. A banda Agony Hell criou um ambiente soturno para cada faixa e deu o nome certo para o disco. O material é puro Black Metal.

A banda é de Sumaré/SP e é formada por Samuel (Bateria), Demétrio (Contrabaixo), Jeferson (Guitarra), Gabriel (Guitarra) e Fábio (Vocal); lançou o disco em abril de 2025; com ele o grupo tem se apresentado e arrastado seus fiéis. Por falar nisso, cabe ressaltar que o público do black metal é uma galera muito fiel ao estilo, e a banda tem sido competente em desenvolver seu som e, consequentemente, agradar e fidelizar o fãs.

Os vocais Fabio Savala são agonia pura, ele solta aquele gutural clássico e cada música assume a característica correta para o tema. Um exemplo é a última faixa "Angels of Death" que começa com aquele dedilhado de guitarra e daí você pensa: "lá vem uma baladinha back", que nada. É só para enganar os ouvidos desatentos. Logo em seguida a guitarra acelera e o Savala impõe o poder do estilo.

É uma banda muito boa. Vale dar o play e agonizar até o fim.



Carlos Pontes - A Arte

O cantor e compositor Carlos Pontes, de Santos (SP), lançou em 2023 o single "A Arte", faixa que resgata uma gravação demo de 1997 e propõe uma reflexão sobre os limites impostos pelo algoritmo à criação artística contemporânea. A canção integra a discografia autoral do artista, disponível nas plataformas digitais.

Segundo o próprio Carlos, a composição afirma, que a arte perdeu seu valor original. "A Arte não é mais nada, pois ela foi reduzida para um termo chamado conteúdo, que não tem nenhum compromisso qualitativo, e sim quantitativo...", declara o artista, que lançou na mesma época o single "Agora?" (2023), sobre o impacto da inteligência artificial na produção musical.

"O single 'A Arte' expõe com precisão a tensão entre a criação autêntica (criativa, crítica e provocativa) e a lógica da audiência (repetitiva e formatada). A obra mostra o retrato fiel do artista que resiste à padronização digital sem abrir mão da própria voz, mesmo correndo o risco de ser deixado de lado por não obedecer a um pensamento conformado.

Carlos Pontes é um músico santista com mais de duas décadas de Rock autoral. Misturando influências clássicas e Britpop, abriu shows para Nando Reis e Barão Vermelho, destacando-se por canções reflexivas que criticam a modernidade e os algoritmos atuais.



VOCÊ NA CAPA

ESTAR NA
DISSONÂNCIA
NÃO É SORTE,
É CONSEQUÊNCIA

A próxima capa pode ser a sua

